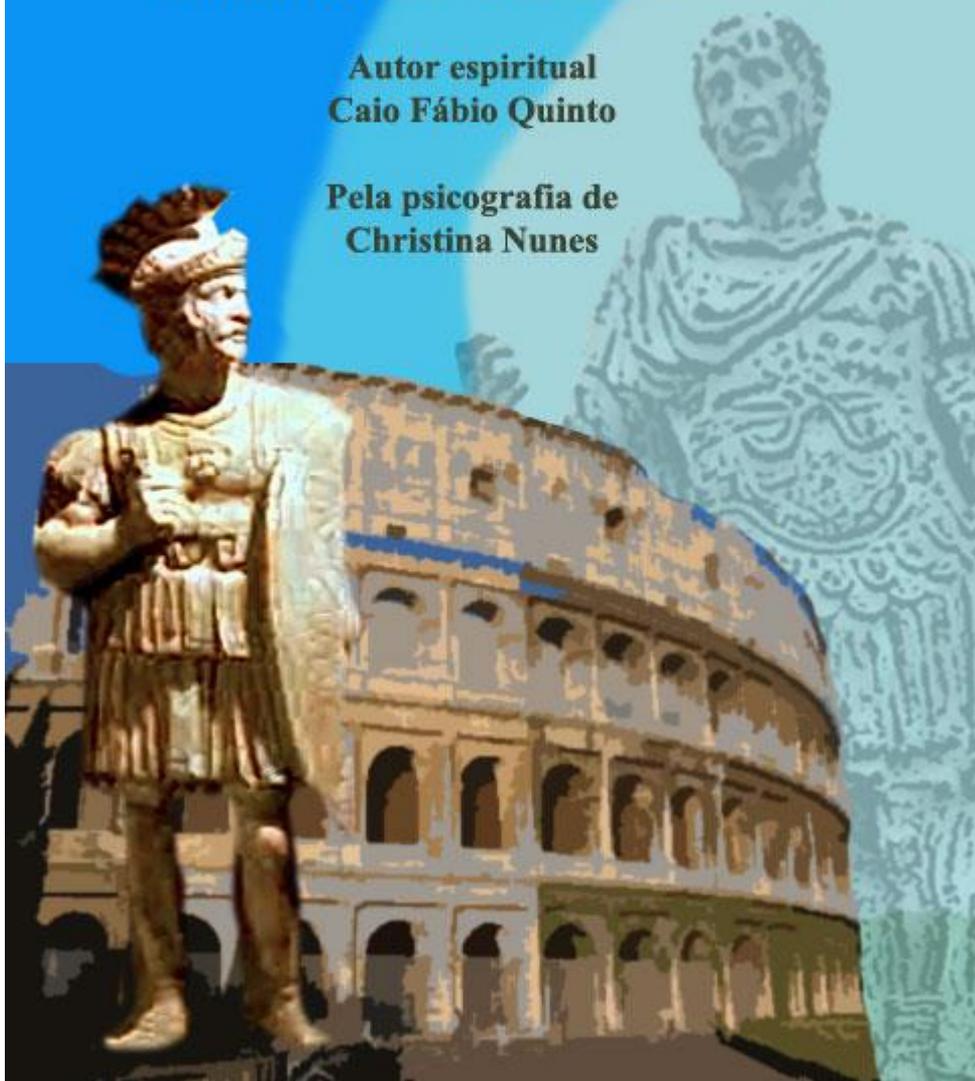


# O PRETORIANO

**Narrativa espírita da época da Roma antiga**

**Autor espiritual  
Caio Fábio Quinto**

**Pela psicografia de  
Christina Nunes**



# O Pretoriano

*Narrativa Espírita da época da Roma Antiga*

Caio Fábio Quinto

pela psicografia de Christina Nunes

2014

# O Pretoriano

Caio Fábio Quinto

pela psicografia de Christina Nunes

Data da publicação: 24 de abril de 2014

CAPA: Cláudia Rezende Barbeiro  
REVISÃO: Astolfo Olegário de Oliveira Filho  
PUBLICAÇÃO: EVOC – Editora Virtual O Consolador  
Rua Senador Souza Naves, 2245  
CEP 86015-430  
Fone: (43) 3343-2000  
www.oconsolador.com  
Londrina – Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação  
Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

Q75p

Quinto, Caio Fábio (Espírito).

O Pretoriano: uma história de amor que desafiou o tempo / psicografada por Christina Nunes, ditada pelo Espírito Caio Fábio Quinto; revisão de Astolfo Olegário de Oliveira Filho; capa Cláudia Rezende Barbeiro . – Londrina, PR : EVOC, 2014.

162 p.

1. Literatura espírita – romance. 2. Obras psicografadas. 3. Espiritismo. I. Nunes, Christina. II. Oliveira Filho, Astolfo Olegário. III. Barbeiro, Cláudia Rezende. IV. Título.

CDD 133.93  
19.ed.

## ***Índice***

Agradecimentos,	4
Introdução,	5
I – Amigo Oculto,	7
II – Marcas de um Passado,	9
III – Um Convite,	14
IV – Caio e uma Família,	18
V – Regressão ao Tempo de César,	22
VI – Nasce um Amor Conturbado,	32
VII – Reencontro,	41
VIII – Reflexões,	51
IX – Sonhos Frustrados,	56
X – Retomada de um Destino,	62
XI – Martírio Conjugal,	71
XII – Elucidações,	77
XIII – Uma Bênção Preocupante,	88
XIV – Reminiscências e Aflições,	98
XV – Arma-se a Tempestade,	111
XVI – Desdita,	125
XVII – Triângulo Amoroso,	135
XVIII – Duas Épocas, Dois Desfechos,	148
XIX – No Elysium,	156
XX – E Tudo Continua...,	161

## ***Agradecimentos***

A Jesus, nossa Inspiração Suprema, e a toda a equipe espiritual confraterna e assistente;

Agradeço a Caio Fábio Quinto, meu incansável mentor das esferas de luz;

Aos meus queridos pais e filhos da atual reencarnação, certamente amigos de outras épocas, sem os quais faltariam cor e brilho em minha vida;

À querida tia Marita, sem cujo incentivo talvez me faltasse a coragem para, de fato, colocar “mãos à obra” no terreno da psicografia;

À solidariedade da amiga Claudia Fernanda;

A Eurípedes Rodrigues Reis, patrono desta nossa primeira obra psicografada,

E a Leandro Ferreira, técnico competente, que pensava ter surgido para me livrar de reveses de informática, quando, em verdade, foi intérprete, com a sua “sensibilidade” intuitiva, de um importante recado da espiritualidade atenta ao nosso trabalho, num instante de falha crítica de transcrição, da minha parte, do que me era ditado pelo Espírito autor.

Grata, também, a Astolfo Olegário de Oliveira Filho e à direção da EVOC, pela acolhida e reedição comemorativa de dez anos desta nossa despreziosa colaboração literária na divulgação das maravilhosas realidades da vida espiritual.

## ***Introdução***

Quando veio à tona esta narrativa a que convencionamos chamar, de conjunto com as posteriores, de “ensaios regressivos”, muita coisa permanecia obscura ao conhecimento consciente da médium.

Efetivamente, tendo recebido em sessões gradativas os textos, num período em que redespertava para uma antiga paixão pela antiguidade romana que lhe foi palco, na minha companhia, de muitas reencarnações anteriores, em seu entusiasmo pelo assunto e pela novidade do texto psicografado em si, empreendeu de próprio crivo (embora sob minha decisiva orientação, pois torna-se tarefa titânica o encontro de detalhes atinentes a personalidades antigas no meio do vasto oceano que é a internet, ferramenta de pesquisa utilizada para este fim), e na medida da sua disponibilidade no dia a dia, pesquisas sobre o período mencionado nesta e nas outras narrativas.

Estas resultaram, após algum tempo, para seu elevado espanto, na comprovação da minha identidade, exatamente na época e sob as circunstâncias mencionadas neste texto, e no tempo histórico decorrido, na antiga Roma. E justo sob o poder daquele que bem poderia ser, por mérito, considerado o primeiro, e maior, dos Imperadores Romanos – Júlio César – se bem que os historiadores hajam reservado esta distinção a Otavio Augusto, por razões bem justificadas.

Absolutamente nada sabia a minha médium, até então, dos detalhes relevantes das conquistas galesas à época de Júlio César, e menos ainda poderia supor acerca da existência de um lugar-tenente (ou general) muito citado nos textos do ainda contemporâneo “*Comentários da Guerra Gálica*”, (de autoria do próprio estadista romano e líder máximo daquelas legiões), que, por abençoado acaso, no que nos diz respeito, teve mantida a sua identidade através destes registros, conservados através dos séculos, e que não possuiria, por si, de participação relevante o suficiente que lhe justificasse, ainda hoje e pelas atuais gerações, o conhecimento do seu nome naqueles tempos.

Compulsando-se, porém, estes escritos, e os intitulados “*A Guerra Civil*”, de fato lá se acha um legado, ou general, atuante em diversos episódios nas batalhas onde conduzi ora legiões contra os chamados Morinos, ora situando outras em quartéis de inverno noutras nações, às ordens de César.

Apenas um nome a mais entre tantos os conservados nos dados da História Clássica, talvez nenhuma utilidade teria a alusão a esta personalidade do passado que não a de perpetuar um mero componente de um cortejo imenso de participantes na monumental história do Império Romano, se agora, séculos depois, por um destes ditos “acazos”, nunca existentes nas causas bem delineadas da espiritualidade, não viesse servir também de imenso

alento a esta alma, que me acompanha desde muito antes daquelas épocas longínquas, ao atestar de próprio cunho, mesmo ainda aqui, nesta esfera física de sensações, e na ocasião assoberbada de dúvidas honestas referentes à legitimidade absoluta dos detalhes dos textos que recebia, a autenticidade da minha presença, como amigo, e acima de tudo familiar inseparável dessa que se me constitui num complemento de alma, por razões que gradativamente já se fazem claras ao seu espírito muitas vezes desalentado.

Sei que o seu desejo nobilíssimo seria o de dividir com o maior número possível de criaturas esta alegria indizível, experimentada ao comprovar estes fatos vitais para todos os que se deparam com as certezas incomparáveis da eternidade que nos aguarda, cheia de surpresas felizes. Mas tenho tentado inculcar-lhe a consciência de que o bem deste feito já se acha realizado e é intrínseco, e como nada no universo age isoladamente, os bons efeitos irradiam-se, paulatinamente, a partir do seu próprio estado depurado de espírito, para atingir os circundantes, quando não, com uma melhoria vibratória a mais, neste mundo onde as lágrimas ainda se fazem bastante presentes, retardando a consumação final dos propósitos santificados idealizados por Jesus para a Humanidade, desde a já lá se vão dois mil anos.

Que estas linhas venham, porventura, a proporcionar esclarecimento e reconforto talvez a mais alguns irmãos e amigos, também é o meu melhor intento. É uma narração verídica cunhada em época moderna, de ocorrências cotidianas passadas de permeio aos importantes sucessos militares e políticos daquele tempo. Mas principalmente, e antes, um testemunho oferecido por mim e pela minha médium de que a força poderosa do amor supera a tudo e une perenemente, tanto ontem quanto hoje, acima de todos os percalços que mais tarde entenderemos funcionar como incremento imprescindível à plena realização de nossa felicidade e elevação espiritual.

*Caio Fábio Quinto*

*Autor espiritual, antigo legado de César*

## ***Amigo Oculto***

Quando Lucilla estava pronta para sair, de bolsa no ombro, e com Thalia à frente, abrindo às pressas a porta, o pequeno Cláudio chorou com vontade em seu colo, o que em poucos segundos transformou-se em homérico berreiro.

– Deus... por favor, Cláudio, não faça isso! Estou atrasada para o serviço, e Thalia para o colégio...

Ela examinava o menino de poucos meses, procurando a causa do choro barulhento.

– A chupeta, Lucilla! Pegue, está esquecendo...

“A chupeta” – Lucilla lembrou-se de repente, correndo para um dos quartos.

Logo voltava, apressada; saiu porta afora com o bebê e com a filha mais velha, jamais podendo imaginar estar sendo observada naquele momento por alguém que não era visto: um habitante das dimensões invisíveis, autor do lembrete que a levou a buscar a chupeta, e que agora suspirava, numa mistura de alívio, melancolia e cansaço íntimo.

Trancada a porta, ali ficou na casa vazia, sentando-se ao lado de alguém que tinha observado em silêncio a cena anterior.

Este notou por alguns instantes o ar distante e pensativo do outro, para depois comentar, abrindo um sorriso franco:

– Meu caro Caio Fábio...vou repetir para você o que já ouviu de mim muitas vezes: me espanta a sua tenacidade, por um lado, e a sua paciência, por outro. Compreende o que eu quero dizer?

– E como das outras vezes, vou lhe responder o mesmo: devo isto a ela. Fraquejei antes, numa hora em que não poderia tê-lo feito, e isto acarretou tudo o que veio depois! Não importa que já se tenham passado dois mil anos, ou que ainda precise ficar quatro mil. O que importa é que tenho que ajudá-la na missão ingrata que lhe coube por minha causa!

Caio não desviava do chão o olhar perdido e compenetrado. E isto acentuava, de certa forma, a preocupação do amigo a seu lado.

– Caio... – Ele se interrompeu. Escolheu as palavras, meneando, e completou num gesto ameno... – Eu sei dos seus sentimentos envolvidos, e tenho o maior respeito por eles, mas...por favor! Ainda não lhe passou pela cabeça que talvez existam planos de Deus para Lucilla, acima da nossa compreensão, e que talvez o que você nomeou de “sua fraqueza na hora errada” não tenha sido algo que forçosamente tinha que acontecer? Pelos

“deuses”, Fábio! Você ainda se apresenta como um legionário, mesmo após vinte séculos! Muitas coisas aconteceram desde então, e mesmo tendo estado duas vezes reencarnado com Lucilla, como pai e como irmão, você continua obcecado!

– Porque ela continua pensando ao lado das mesmas pessoas depois de vinte séculos, Marcus, e isto é culpa minha! Muito aconteceu, mas esta ordem de coisas praticamente não sofreu alteração!... – Insistiu Caio, impaciente, levantando-se.

Marcus meneou de novo, com certa tristeza.

– Você não sabe de todas as razões disso, Caio! A sua proteção a Lucilla se deve ao seu amor legítimo por ela, o que é louvável! Mas receio que todo o quebra-cabeças seja bem mais vasto do que você possa ver ou controlar. E então restará apenas a Lucilla resolver o que lhe cabe, recorrendo somente aos seus próprios recursos, mais do que a qualquer outra coisa, e apesar da sua tentativa de ajuda!

Caio parou de andar de um lado para outro e olhou para Marcus, com seus olhos azuis afiados como a ponta de uma espada.

– Pois com os meios dela, ou com a minha ajuda, Marcus, quero vê-la livre de Ciro! Quero vê-la vencendo todos eles!

Marcus apenas suspirou, avisando:

– Você se esquece de que Thalia é uma daqueles a quem você diz que quer vê-la vencer, e o pequeno Cláudio é aquele mesmo filho de vocês dois, que certamente não reaparece agora em hora errada! A Thalia pelo menos, então, ela já venceu, Caio, porque o amor de mãe nunca sofre derrota! Este sentimento é autêntico na própria nascente, não se extingue jamais, e como ficará você? Eternamente tentando defender Lucilla daquela Valéria que não existe mais? Que contribuiu para afastá-los há dois mil anos, mas agora tem o amor da própria filha que prejudicou na época? – Marcus se pôs de pé; aproximou-se do amigo, segurando-o nos ombros com afabilidade. – Caio Fábio Quinto... acorde para o fato de que uma outra realidade domina hoje! Tudo em volta mudou, Caio! Ame Lucilla, mas liberte-a de um passado que precisa ser esquecido!

– Você só vê Thalia, Fernando, e as roupagens da época atual, Marcus! Mas eu enxergo o que ainda resta daqueles tempos, no íntimo de cada um!

– Que deve gradativamente se transformar e desaparecer, acompanhando a evolução das coisas, e não receber lenha que lhe reavive o fogo, amigo!

– Decerto; mas que ainda pode gerar muito estrago e sofrimento até ser superado de vez! E eu **devo, quero, e preciso** resguardar Lucilla disso!

Caio enfatizou as últimas palavras como num juramento anacrônico de vitória, frente a batalhas romanas em que comandava legiões que não existiam mais.

## II

### ***Marcas de Um Passado***

Lucilla e as crianças já dormiam àquelas horas.

Sozinho, agora que Marcus o deixara para se dirigir a outros afazeres, Caio dava livre expansão a pensamentos e atitudes.

Habitado de há muito às vantagens das contingências de ver sem ser visto, influenciar à revelia do influenciado, falar o que quisesse sem o risco de um rebate diretamente defensivo, no momento entretinha-se a observar curiosamente o comportamento de Fernando, o marido de Lucilla, o Ciro a quem se referira, de dois mil anos antes.

Era então um general<sup>(1)</sup> pretoriano, do exército de Caio Júlio César. Apaixonara-se por Lucilla, curiosamente na época portadora do mesmo nome, e teve o seu sentimento correspondido. Mas já havia planos para ela, uma filha de representantes das rodas nobres da sociedade, em favor de certo patricio de nome de família tradicional naqueles tempos, ocultando porém, por debaixo do nome, uma fortuna já enormemente dilapidada pelas extravagâncias perdulárias levadas a cabo por pai e filho: o questor Décio, e Ciro Magno, ambos íntimos do imperador.

Buscando salvar a honra e as finanças familiares com o dote de um casamento vantajoso, a nobre Blandina, esposa de Décio, tomou-se de horror quando percebeu Lucilla já em envolvimento emocional adiantado com o general Caio Fábio, com este a ponto de oficializar um pedido direto de enlace matrimonial à família, e a respectiva requisição de autorização do general maior das tropas romanas. E, após pesar seriamente prós e contras, movimentou rapidamente influências junto ao marido e a Júlio César para uma recusa formal a qualquer pretensão de Caio, na forma de um afastamento temporário deste, ou permanente, se necessário, de modo a remover da cabeça de Lucilla todas as ideias inconvenientes, desviando-lhe as decisões num outro sentido.

Ingênua demais então, a jovem Lucilla, de início, nada percebeu do que se tramava. Mas o general Caio, homem já na faixa etária considerada como de maturidade, impetuoso, calejado e sagaz, logo desconfiou do que se escondia por detrás daquele estranho desaparecimento de Lucilla dos círculos sociais e

<sup>(1)</sup> A patente de general, aqui, diz respeito à mencionada nos Comentários das Guerras Gálicas como de lugar-tenente, de atribuições similares. Tomei a liberdade da substituição em favor da comodidade e atualização de linguagem. (Nota do autor espiritual)

das festividades a que comparecia regularmente, onde costumavam se avistar, e ensejava-se que a cortejasse abertamente, até então sem oposição nenhuma da família, que o recebia e queria bem.

Quando pôde, enfim, perceber os olhares e atitudes hostis de Ciro Magno na sua direção, das vezes em que comparecia a palácio em serviço, e vendo-o ocasionalmente cercando Lucilla como o caçador resguarda a presa, bem como a indiferença fria e melancólica da moça para com ele, ligou os pontos, compreendeu outras tantas coisas e, no seu desatino furioso, intentou comparecer diretamente em audiência com Júlio César, pedindo-lhe urgente autorização para desposar Lucilla.

Não houve tempo.

Repentinamente recebeu um comunicado oficial de que ficaria destacado durante dois anos em serviço de comando das legiões das Gálias, uma grande incongruência, de vez que acabava de chegar a Roma de retorno de uma campanha vitoriosa naquela região.

Incerto quanto ao que fazer, muito embora sua cega lealdade às decisões do general, cujas motivações ao expedir as suas ordens nunca se atrevia a especular, seu primeiro impulso, contudo, levado pelos conflitos do coração, foi cometer o que todos qualificariam de loucura: certo de que o amor da moça lhe pertencia por direito, sumiria com ela de Roma para destino incerto, ou mobilizando homens da sua confiança, na direção das Gálias mesmo, de modo que não o pudessem imputar culpa alguma. Então, para lá sendo destacado, com o tempo as coisas se arranjariam.

Essas ideias esfervilhavam na sua cabeça, e no meio do delírio apenas uma coisa o paralisava: sabia da situação financeira precária da família Magno e da insanidade de pai e filho. Via com justeza o que representava aquele casamento rendoso, e com a anuência do imperador e da família de Lucilla, qualquer perjúrio da moça representaria ofensa direta às concessões de Júlio César a um seu apaniguado, e, em consequência, quase um crime de lesa-majestade. Valéria e o senador Fabrício, pais de Lucilla, não hesitaram em deixar-se demover a favor do nome da família Magno, além de ressaltar as conveniências políticas da carreira de um senador, em detrimento da fortuna menor e das meras boas intenções do militar romano, e Valéria acabou intimando a filha à força a uma nova resolução, usando o peso da decisão imperial, ainda que debaixo dos protestos de amor da moça por Caio e do seu aspecto a cada dia mais doentio desde então.

Após um embate íntimo feroz, sacrificando honra e amor na intenção de proteger Lucilla de represálias reconhecidamente cruéis, em se tratando de Décio e Ciro, o abatido Caio demandou as Gálias com a morte no espírito, sem se despedir de Lucilla que, no seu desgosto e inexperiência, julgou-se desertada do amor do seu preferido, afundando depois disso numa vida

familiar que foi a via-crúcis da sua existência, e de cujos detalhes Caio só pôde saber dois anos mais tarde, quando de volta a Roma.

Acabou se envolvendo com Lucilla de qualquer modo. O caso terminou sendo descoberto e, numa luta sangrenta, Caio expirou sob o gume da espada do inimigo. Lucilla suicidou depois disso, e foi um intenso calvário os esforços despendidos por Caio e almas afins para retirá-la do torvelinho das dimensões espirituais sombrias, no qual mergulhou.

Desde então, reencarnações se sucederam com acontecimentos infindos, e consequências múltiplas. Porém, nunca mais o general Caio abandonou a sua posição de sentinela ao lado da mulher amada, por julgar ter recuado na hora errada no pretérito e ocasionado todo o sofrimento por que ela passou depois.

Era nestas coisas que pensava no silêncio daquela noite, o sobrececho franzido sombriamente, enquanto prestava atenção ao que fazia o antigo Ciro, que lhe tirara a vida dois mil anos antes.

Viu quando, na hora em que se dirigia ao quarto para recolher-se, deteve-se ao ouvir o chamado fraco do telefone sobre a estante. Caio notou que havia uma mensagem gravada e aproximou-se, conseguindo ouvir alguma coisa, rente a Ciro, sob a luz tênue e esverdeada de um abajur.

Notou Fernando quase tão enraivecido quanto ele próprio, a telefonar e gravar uma resposta furibunda de retorno:

– Sheila! Não me telefone mais em hipótese alguma a estas horas! Você sabe das razões, não tente bancar a inocente!

Praticamente ombreando com Fernando, Caio murmurou entre dentes, metade falando para si mesmo, metade tentando fazê-lo ouvir, de fato:

– Miserável! Quantas vezes ainda terá que me arrebatrar a mulher que eu amo para fazê-la sofrer?! Por que se comporta deste jeito, Ciro?! Porque sabe que ela prefere a mim?!... – Cobrou, indignado.

O outro registrou o ataque apenas através de leve e repentina sensação de mal-estar, rapidamente recalçada e tomada à conta de tênue protesto da consciência culpada.

Julgava para si que possuía razões de sobra para agir daquele jeito: um casamento de quase dezesseis anos, sabendo agora que de há muito não possuía mais o amor da mulher, aquele que os impeliu um de encontro ao outro na juventude. Lucilla, mulher a seu ver apática e destituída do fogo apaixonado que acreditava ter que governar a vida sempre, depressa enfatiou-se dele. Tomou tal coisa como pretexto para os seus excessos, ignorando convenientemente as razões que a esposa possuía, e a sua inegável lealdade, apesar de tudo.

A verdade que não queria admitir nem para si era que desde o princípio, também, nunca pautara suas atitudes pelo modelo de marido leal e dedicado. Sempre fora fraco diante das inúmeras tentações que surgiam do lado de fora

dos portões do lar, e no final do terceiro ano de casados já possuía uma amante regular e assídua.

Agora, com dezesseis anos de vida conjugal, uma filha adolescente com quinze, e um pequeno que viera com considerável distância de anos da irmã mais velha, chegara a um ponto em que não conseguia nem queria mascarar mais nada. Thalia era inteligente e, amadurecida para a sua idade, de há muito compreendia toda a situação. A fria dignidade da esposa o exasperava, e muitas vezes refletia que preferia vê-la esbravejar e revoltar-se, a permanecer eternamente naquele isolamento invisível, porém invulnerável, que se impusera para proteção. Assim teria motivos para acusá-la de algo; Lucilla, porém, alma sensível e perceptiva, cedo havia constatado a distância que havia entre si mesma e as necessidades empedernidas do marido. Tinha a consciência de que se mantinha preso a ela apenas por uma comodidade financeira, de vez que era mulher bem posicionada, de herança familiar, e profissionalmente, e o auxiliava a viver num padrão bem melhor do que o que ele teria, se vivesse a suas próprias expensas. Mas, também, outro tanto por Thalia e Cláudio, de vez que estimava os filhos sinceramente.

Mas o que Fernando qualificava de isolamento autoimposto, era, nela, antes um distanciamento do espírito que parecia suspirar por uma presença ora desconhecida, que de há muito adivinhara com a visão da alma junto a si, carinhoso e vigilante.

Fernando, mergulhado nas suas reflexões, retomou o caminho do quarto com Caio renteando-lhe os passos agressivamente.

– Agora você também tem o meu filho nos braços, Ciro! Faça-lhe a infelicidade, e eu ainda hei de encontrar momento justo para fazê-lo pagar com juro todas estas coisas, e a morte miserável que me assacou com a lâmina da sua espada traiçoeira!... – Rugiu.

O berço do pequeno Cláudio ficava junto a Lucilla no quarto do casal. Antes de deitar-se, talvez movido por um leve eco do que Caio lhe dizia, Fernando deteve-se um pouco diante da criança, contemplando o seu sono inocente, pensativo.

– O que o faz estar ainda acordado a estas horas, Fernando?...

Ele voltou-se, surpreso com o comentário inesperado da esposa que julgava adormecida já de há muito.

– Problemas... – Esquivou-se, indo até a cama e deitando-se... – Preocupações. Dizem respeito ao trabalho na empresa, prefiro não aborrecê-la com estes assuntos! Mas agora faço a mesma pergunta a você: que faz acordada?

Deitada de costas para ele, olhando para o bebê adormecido e sem mudar de posição, um leve sorriso irônico e cansado aflorou aos lábios de Lucilla, para logo depois desaparecer.

– Até parece que você não se recorda de nada da vida de Thalia. Uma mãe dificilmente se deita cedo e acorda tarde, e Cláudio tem apenas oito meses!... – Ela virou-se um pouco, dirigindo-lhe brevemente um olhar amargo, de inteligência... – Por outro lado, vou fazer de conta que não percebi a sua chegada há apenas meia hora! Por mais que você tente, não consegue ser silencioso!

Movendo-se, incomodado e pegado de chofre, Fernando fungou um pouco.

– Já lhe disse, estou assoberbado de serviço! Por que tenho que ouvir seus comentários maliciosos? Tudo que tenho feito é trabalhar!... – Reclamou, azedo.

Lucilla olhava com profunda tristeza para o menino à sua frente.

– Ouve comentários maliciosos porque me julga destituída de inteligência!... -Rebateu, com firmeza acre.

Uma lágrima silenciosa escorreu-lhe pelo rosto, e tudo que ela fez mais foi fechar os olhos. Fernando não disse mais nada, confundido, num assentimento tácito que Lucilla já conhecia de longa data.

Caio aproximou-se dela, compadecido, e carinhosamente passou-lhe a mão no rosto, buscando enxugar aquela lágrima.

– Queria tanto que fosse a última lágrima, Lucilla... – Murmurou, compungido, tendo os olhos também úmidos e ainda preso de uma sensação de culpa esmagadora a pesar-lhe nos ombros.

Depois inclinou-se para acariciar o pequeno. Há dois mil anos, o seu amado Otaviano Magno, o seu filho, o fruto do seu amor com Lucilla, que não pôde ver crescer ou tornar-se homem, e que indiretamente ajudou a provocar o seu confronto com Ciro, responsável pela sua morte – lembrava-se.

Nunca escapou a Ciro a semelhança flagrante de Magno com ele, Caio, e intimamente, aos poucos, adquiriu a certeza daquela paternidade espúria. Homem violento e feroz, Ciro não tardou a achar ocasião de confrontar-se com ele numa desforra sangrenta, que na época serviu para “lavar-lhe a honra”, segundo se jactanciava depois.

Logo após isso, não suportando a carga de sofrimento, a fraca Lucilla foi-se. E a pobre criança ficou entregue à sanha vingativa do padrasto, aliviada apenas pela intervenção decisiva dos avós maternos, que lhe requisitaram a guarda, alegando os desvarios morais e financeiros de Ciro que se agravavam dia após dia.

– Meu pequeno Magno... – Caio alisava os cabelos da criancinha, de leve, as lágrimas escorrendo-lhe pelo rosto... – Por que você haveria de voltar para junto do seu carrasco?

### III

#### ***Um Convite***

– Quer ver respondida esta e muitas outras das suas dúvidas, Caio?...

Surpreendido, Fábio voltou-se. Era Marcus, seu leal amigo e orientador, que voltava, surgindo de inopino no ambiente agora silencioso do quarto.

– Já sei o que vai dizer... – Caio não se abalou muito, voltando a olhar a criança. Marcus, porém, não se incomodou com o modo como se esquivou, insistindo mais uma vez.

– Instrua-se, Fábio! Afaste-se um pouco comigo para compreender! Hoje mesmo posso requisitar uma reunião com Instrutores que poderão ajudá-lo a compreender o porquê destas coisas. No entanto, não posso demovê-lo! Há dois mil anos você resiste, mesmo após duas reencarnações compulsórias, e embora a sua intenção de protegê-la seja louvável, está usando os métodos errados! Não será impedido de acompanhá-los, apenas queremos ajudá-lo a agir com acerto para que consiga atingir aquilo mesmo que pretende!

– Meus métodos são movidos por amor! Como podem estar errados?

– São métodos de um renitente militar romano, que apenas consegue enxergar inimigos à sua frente, quando na verdade o que defronta agora são pessoas doentes e necessitadas de ajuda! Não mais um cavaleiro do Imperador apontando-lhe uma espada, mas um homem enredado nas consequências da sua própria cegueira!... – Marcus argumentou, com paciência.

Depois, tomou o outro gentilmente pelo braço.

– Venha... – Convidou, desviando um pouco o assunto – A noite lá fora está fresca e agradável! Deixe que Lucilla descanse um pouco, não convém que se desprenda pelo sono e o encontre no momento. Seus pensamentos estão amargos e confusos, e vê-lo agora agravaria os seus sofrimentos! Vamos dar uma volta no frescor da noite e conversar, porque você também está necessitado de um refrigério íntimo!

Caio deixou-se conduzir sem relutar, levado pela sensata cordialidade do outro.

– Não adianta que eu lhe explique verbalmente certas coisas, Fábio, porque você é um homem pragmático demais, e precisa do testemunho dos sentidos para se convencer! Reunindo-se com os Instrutores, você se submeteria a uma sessão regressiva, e veria tudo como numa tela de cinema! No entanto, mesmo assim lhe adianta que sua mulher, até então, ainda se vê ligada a estas almas, e a Ciro principalmente, em missão predominantemente

caridosa, e em certa medida para reforçar em si mesma o valor da lealdade em meio à adversidade e com convivências difíceis, sem questionar as razões! Tem que concordar que ela falhou um tanto nisso naquela época, na vida familiar. E embora nesta questão eu reconheça a sua participação efetiva, a própria Lucilla, na sua vulnerabilidade, também foi responsável pelas consequências que advieram depois!

– Lucilla me amava, e principalmente naquela época, a vida era muito difícil para uma mulher! Não a culpe, Marcus! Lance a culpa sobre mim! – Caio defendeu – Eu não dei sossego a ela depois que voltei a Roma!

Marcus apenas prosseguiu, tranquilamente.

– Como eu disse, você precisa testemunhar detalhes dos acontecimentos que na ocasião não presenciou! Partindo dessa premissa ninguém tem culpa de nada, e apenas reage às situações da melhor forma que entende!

Caio parou de andar. O frescor da noite estrelada pouco contribuía para aplacar o fervor que o requeimava por dentro.

– Meu filho era inocente, e Ciro o massacrou o mais que pôde! Foi um calvário, e se não intercedesse, mais do que tudo, a influência de Fabrício, o pai de Lucilla na época, não sei o que poderia ter ocorrido! Eu, do lado de cá, pouco podia fazer para proteger o meu filho além de me enfurecer!

Ele tinha alteado o tom da voz, e alguns passantes solitários do mundo invisível que ali passeavam, usufruindo do sereno perfumado da noite, olharam-no, francamente curiosos.

– Seu filho é alma afim, sua e de sua mulher, Fábio! Vem em socorro do que Lucilla busca empreender. – Marcus devolveu-lhe a agitação com um sorriso seguro e confiante. – De novo apelo para o seu entendimento: sua memória integral das coisas está embotada! Você tem que se instruir, ou do contrário acabará complicando a situação destes a quem ama, na intenção de ajudar!

Marcus procurava referir-se a Lucilla usando para Caio deste termo, “sua mulher”, no propósito de realçar que entendia o que lhe ia ao íntimo acerca dos seus direitos, que entendia legítimos e ainda passíveis de serem resgatados, e também dos seus sentimentos e sofrimentos, já prolongados para muito além do que se pedia.

– Quero recuperar aquele tempo, Marcus! Quero minha mulher e meu filho comigo para vivermos a vida que merecemos! O destino nos deve isto, e não vou sossegar enquanto não conseguir!

– E eu quero ajudá-lo, amigo; mas é imprescindível que entenda o mais importante: conseguirá com paciência e compreensão! **Nunca** fazendo uso da agressão ou da força desgovernada! – Cruzou os braços, modificando o tom da conversa para algo mais ameno. – Você já voltou à vida física ao lado de Lucilla duas vezes, Caio! Como pai dela numa, e como irmão n`outra! Não extraiu nenhuma lição disso? – Insinuou, sugestivamente.

– Sim! Que a amo do mesmo jeito que há dois mil anos atrás! – Ele alegou, esmorecido, o olhar devaneando a esmo pelos arredores, sem realmente ver.

– Que bom! Mas não reparou no detalhe importante da diferença existente entre as situações nas quais viveu ao lado dela? Você a amou por algum tempo na condição paterna, e depois fraterna!

– Sei onde quer chegar, Marcus! – Foi a vez de Caio sorrir desencantadamente – Estas coisas funcionam enquanto permanecemos reencarnados, porque nossa memória desaparece! Acontece que quando volto para cá, mais cedo ou mais tarde me lembro de tudo, e apesar do peso das experiências mais recentes, torno a procurá-la e a querê-la como minha esposa de novo!

– Porque foi a experiência que você não pôde levar a termo de maneira satisfatória! Tudo o que nos é negado de alguma forma, passa a ser ainda mais desejado, Caio. Mas você deveria ter aprendido que o amor é um só, acima de cada situação passageira que viva como irmão, marido ou pai! Além do mais... – Marcus arrematou – Já lhe disse uma vez que você não “se lembra de tudo”, como pensa!...

– Explique isso melhor... – Caio pediu.

– Você entenderá definitivamente quando se dispuser a me acompanhar na reunião de que lhe falei! Mas não lhe passou pela cabeça a ideia de que, apesar de ter lançado mão de meios inadmissíveis e de razões mesquinhas, Ciro também se encontra ligado a Lucilla pelo coração?

– Está querendo dizer que ele tem o amor dela?! – Protestou logo Caio, inconformado.

– Não! Estou querendo dizer que ela tem o amor dele! Amor errado nos métodos e egoísta na sua expressão, mas que existe!

Caio voltou-se, largando um riso aberto de zombaria. Passeou ali por perto um pouco, indócil, sem poder admitir, nem encarar o amigo, durante vários instantes, tal a revolta irritadiça que o comentário lhe provocou.

– As emoções andam sempre muito misturadas, Fábio. – Replicou Marcus, buscando extrair das palavras a compaixão que sentia do intenso estado amargurado do outro. – Peço-lhe que desfaça das suas considerações o equívoco de achar que apenas o dote que Lucilla trazia com o casamento foi o móbil que o levou a disputá-la com você ao ponto da traição vil e do assassinato! Ciro a amava, apesar de tudo! E foi para a sua alma orgulhosa e tirana um sofrimento autêntico confirmar, aos poucos, que Lucilla preferia você, e que nada nutria por ele além de acerbo menosprezo! Acontece que num temperamento cruel e caprichoso qual o dele, tal sentimento acabava tisonado em demasia por tirania e brutalidade, e ninguém consegue se fazer amar por estes métodos!

– Eu conhecia de perto este oficial de Júlio César, homem saturado de vícios já na primeira juventude, e com a vida conduzida por desregramentos que escandalizavam toda a Roma! Não posso, em vista disso, acreditar no que você está me dizendo! – Caio respondeu convicto, como se resguardando a si mesmo dentro desta asserção, ainda de costas. – Como poderia haver afinidade entre os dois?!

Marcus veio para junto dele. E pôs-lhe a mão no ombro, amigavelmente

– É comum, nos relacionamentos, eventualmente a luz atrair a sombra! Só ajudará aos seus propósitos saber das coisas de todos os ângulos, Fábio! Pense; pense a respeito!

## IV

### ***Caio e Uma Família***

A atual Lucilla se apresentava, à época desta narrativa, como uma jovem senhora a se abeirar de seus quarenta anos, bem tratada em seu aspecto tanto quanto era interiormente.

Mulher de beleza serena e altiva a um só tempo, não conseguia, no entanto, enganar o que constituía a essência de sua personalidade e do seu modo de ser, porque o olhar percuciente, predominantemente doce e melancólico, desmentia o que as tempestades domésticas com o marido poderiam denotar a seu respeito.

Lucilla era, pois, resoluta e enérgica, sim. Bem como dona de um orgulho quase despótico ao defender a sua dignidade e o bem-estar de sua família, num contexto geral. Mas o modo como reagia agressivamente aos acessos cínicos do comportamento de Fernando, que vez ou outra logravam a façanha de esgotar-lhe a paciência e a serenidade que habitualmente se impunha, de modo algum indiciava um caráter irascível ou vingativo. Tanto que, há anos vivendo conscientemente a prova difícil de se ver traída e preterida repetidamente pelo marido, e tantas outras vezes desconsiderada por palavras ou atitudes, em hora nenhuma lhe vinha às ideias descer da sua dignidade para se lhe igualar no comportamento, ou assacá-lo com medidas deprimentes diante das crianças.

Ia vencendo o seu calvário como podia, em meio às suas orações e aos cuidados dos filhos e da vida familiar. E, por vezes, identificando, hesitante, uma outra fonte estranha de força e energia nas horas difíceis, da qual de jeito nenhum poderia identificar a origem, e que lhe provocava uma estranha sensação de saudade quase sofrida de alguém ou de alguma coisa que não podia identificar.

A fonte daquela energia ali estava àquela hora do dia, como sempre longe da mais leve possibilidade de se ver percebido, sentado ao seu lado no seu setor de trabalho da firma, completamente desligado do intenso movimento em torno, das vozes das pessoas atarefadas e do ruído ininterrupto de impressoras e computadores<sup>(2)</sup>.

<sup>(2)</sup> Aqui, como no teor de passagens várias desta narrativa, houve a necessidade de se recorrer a uma analogia que atendesse à precisa atualização de contexto, mais adequada ao gosto e ao entendimento do leitor dos tempos que correm, uma vez que estes acontecimentos se passam em época muito anterior à informatização contemporânea. (Nota do autor espiritual)

Detinha-se a observá-la enquanto ela digitava, admirando-lhe o porte e a beleza realçada pelas roupas elegantes e a maquiagem discreta.

Mergulhado nas suas lembranças, sorriu de leve, dizendo para Lucilla, como se esta o estivesse escutando normalmente:

– Há dois mil anos, eu a escutava cantar ao som da lira, nas reuniões familiares promovidas na casa dos seus pais, *domina*<sup>(3)</sup>... Como tudo mudou desde então! Suas atividades agora são tão diferentes... – Murmurou pensativo, no mesmo tom enamorado com que se lhe dirigia outrora. De súbito, porém, interrompeu-se, espantado.

Enquanto falava, sem sentir tinha levado uma das mãos até a destra de Lucilla, como se a acarinhasse, enquanto, distraída, ela digitava atentamente e com certa urgência um documento a ser entregue ainda naquela tarde.

Tão logo a tocou, porém, um estremecimento súbito fê-la arrancar as duas mãos do teclado, como se tivesse levado um choque. Levou-as ao peito, ofegante, e Fábio recuou, espantado daquela reação inesperada.

Mas logo em seguida Lucilla atribuiu o fato ao excesso de fadiga, concedendo-se uma pausa para descansar e tomar um café, afastando-se. Caio, no entanto, sabia que aquilo se deveria ao seu toque e à sua proximidade, embora de um modo que não saberia explicar.

Ele a seguiu até o pequeno refeitório do setor, ansioso. Notou que, apesar da pausa que se concedera, ela ainda continuava inexplicavelmente nervosa e palpitante, pondo-se a andar impaciente de um lado para outro.

Estavam ali sozinhos, e, na sua ânsia, Caio tentou inutilmente barrar-lhe o caminho.

– Lucilla!... – Chegou a apelar, em voz alta. – Sou eu, Caio Fábio, aqui, diante de você! Por isso se sente deste jeito! De alguma forma que não compreendo, você sabe que estou aqui!

Num ímpeto, tentou abraçá-la ardorosamente. Mas agora, quieta e muda, Lucilla tinha se sentado, com o olhar perdido e a expressão ausente, murmurando para si, após alguns momentos em que tentou se refazer.

– Meu Deus, o que está acontecendo comigo? Ando nervosa e angustiada! Mas nada há de novo que não sejam os velhos motivos. O que pode ser? Estarei cansada? Será simplesmente o excesso de calor?

Debruçou-se na mesa, levando as duas mãos ao rosto, em desamparo, diante da observação preocupada de Caio que, temeroso, arriscou afagar-lhe de leve os cabelos.

– Descanse... Descanse, minha Lucilla. Tudo está bem! Vou deixá-la um pouco, para não perturbá-la nas suas obrigações, mas volto! Ouviu-me?! Volto... – murmurou-lhe ao ouvido.

<sup>(3)</sup> Tratamento respeitoso às mulheres, da época da antiguidade romana. (Nota do autor espiritual)

E, beijando-lhe ternamente os lábios agora silenciosos, relutantemente afastou-se.

Na falta de um pouso exato para orientar-se, Caio dirigiu seus passos, através das ruas tumultuadas, para o que considerava sua base de operações na esfera corpórea da qual de há um tempo considerável relutava em desligar-se: a residência de Lucilla, no décimo andar de um prédio de apartamentos bem-posto, no bairro do Grajaú.

No caminho, contemplava, já com indiferença, o que no passado chegava a lhe causar assombro, toda vez que se punha a comparar os feitos do atual século com o primitivismo das coisas e acontecimentos da época que marcou, mais do que todas, a sua existência: a antiguidade romana dos Césares, e do suposto início do seu amor por Lucilla.

Sabia que não encontraria ninguém em casa àquela hora que não Thalia, pois esta já teria retornado do curso profissionalizante que frequentava. De qualquer modo, sentia-se necessitado de um ambiente calmo, e de silêncio para refletir acerca do que vinha presenciando, e das coisas que Marcus lhe falara nos dias anteriores.

Valeria a pena recordar e saber de tudo?

De qualquer forma, fosse como fosse, deliberou interiormente que jamais abriria mão de seus planos. Queria resgatar o seu passado com Lucilla a qualquer preço, e para isso não pouparia esforços nem energias para amenizar, quanto pudesse, o prejuízo emocional que Ciro vinha lhes causando, ainda naqueles dias.

Caio entrou respeitosamente na residência e viu, meio distraído, ao passar em direção à varanda, Thalia ao telefone, diante de um televisor ligado num canal ao qual não dava a mínima atenção, displicentemente sentada no sofá.

Pretendia recolher-se aos seus pensamentos na varanda, sem dar maior caso do que a moça dizia. Mas então, de passagem, ouviu alguma coisa que o fez parar, dirigindo à jovem o olhar grave e intrigado.

Ao que lhe pareceu, ela confidenciava com uma amiga. Falava num tom baixo, como quem temesse as paredes, e desencantada demais para quem contava apenas quinze anos.

– Não sei como mamãe tem aguentado estar casada com papai por todos estes anos, Célia! Ele nunca está em casa! Só aparece altas horas da noite, quando eu e meu irmão já fomos dormir, e assim ocorre de passarmos dois ou três dias sem vê-lo!

A amiga do outro lado quis saber algo, como o motivo dos dois ainda estarem juntos, ao que Thalia deu de ombros.

– Não pode ser só por minha causa! Já conversei francamente com mamãe e a libertei deste fardo! Disse-lhe que eu, particularmente, prefiro vê-la feliz livre, e que decerto esta seria a opinião de Cláudio, se já fosse crescido! É difícil me lembrar de um momento em que vejo a mamãe sorrindo!

A outra comentou alguma coisa breve do outro lado da linha, ao que Thalia explicou, incomodada.

– Não... – Gesticulava, enquanto Caio ia se aproximando, atento e compungido. – Não é que papai não seja carinhoso conosco, mas odeio o modo como trata a mamãe! Ela é a melhor esposa e mãe do mundo! Mas papai dá muito valor ao trabalho e às suas amizades! Engana mamãe com algumas destas amigas; já o surpreendi no escritório em conversas melosas com pelo menos duas delas!

Célia a interrompeu perguntando algo.

– Não, não sei se mamãe sabe destas coisas! Provavelmente sim! Mas é altiva demais para discutir o assunto na nossa frente! Fico me perguntando por que o papai continua em casa impondo a ela este sofrimento, mas, noutro dia, penso ter compreendido mais ou menos a razão: ele conversava com um colega do trabalho ao telefone, numa irritação tão grande que parecia que ia enlouquecer! Derrubava objetos e esmurrava a escrivinha! Pelo que pude entender do pouco que ouvi, a empresa onde trabalha está quase à bancarrota. Se ele nos deixasse, por um bom tempo passaria fome, na certa!...

Foi o bastante da conversa para Caio ouvir, ainda parado ali por perto. Com o rosto vincado por angústia e amargura, saiu na direção da varanda, necessitado de ar livre e da visão do horizonte.

Mais uma vez, via Ciro falhar na missão familiar que lhe coubera, inutilizando os sacrifícios de Lucilla no sentido de tentar içá-lo das paixões desgovernadas das quais o seu temperamento indômito de há séculos não lograva se libertar, e para as quais ela, em parte, contribuía para atirá-lo no pretérito!

De algum modo, ele parecia reconhecê-la do passado, por debaixo da personalidade atual; de algum modo conseguia adivinhar a presença ameaçadora de Caio por perto, que tinha o dom de lhe reavivar tantas impressões e emoções negativas, na tela oculta de seu espírito.

Debruçado na grade da varanda, o olhar profundo perdido na vasta metrópole que se estendia à frente, Caio mentalizou:

– Marcus, rendo-me! Ajude-me! Leve-me à reunião com os Instrutores, porque estou desorientado!...

## ***Regressão ao Tempo de César***

Não foi necessário nem um minuto de espera.

Com os pensamentos enredados ainda no mesmo fio de raciocínio, foi admirado que Caio percebeu de repente um vulto vestido de branco ao seu lado.

Voltou-se, surpreendido, e deu com Marcus olhando-o, a sorrir com divertimento.

– Você ainda se espanta com este tipo de fenômeno, não é?

– Sim... – Caio devolveu o sorriso, constrangido, admitindo. – Faço uso dele, mas ainda não posso deixar de lado a surpresa!

– É porque ainda não compreende o mecanismo! Na experiência a que vai se submeter em breve, talvez consiga entender bem mais!

– Como assim?

Ainda risonho, Marcus fez-lhe um gesto convidativo.

– Está pronto para vir comigo? No caminho, conversamos...

Ainda uma vez, o caráter cauteloso e combativo do general romano veio à tona, porém.

– Vou com você! Mas quero que me garanta que tenho passagem livre para voltar!

– À hora em que você quiser, Caio. – Marcus simplesmente confirmou; e tentou esclarecer. – Olhe, sou seu amigo! E, como amigo, quero lhe explicar: não pense que o estou cerceando, como se você fosse alguém dominado por algum tipo de perturbação *post mortem*. Existe uma diferença. Eu o acompanho nesta história desde a época de Jesus Cristo, e estou apenas querendo ajudá-lo no seu trabalho! Sim, Caio: você deve ver claramente que os Instrutores não o têm permitido permanecer indefinidamente por aqui, sem um propósito benéfico e útil, ou levando em conta apenas o amor apaixonado que o prende a Lucilla até hoje! Você já deve ter percebido que, à parte das suas razões pessoais, tem também algo importante a fazer, assim como o fez durante todos estes séculos, no sentido de orientar e amparar aquela, e aqueles, a quem você ama...

Quieto no momento, Caio apenas ouvia, atento, silencioso, enquanto Marcus se valia daquela passividade curiosa do amigo para prosseguir.

– Acontece, apenas, que vimos observando que, na sua disposição sensível e passional quanto a Lucilla, muitas vezes você se confunde nas suas atitudes! Se deixa arrastar por um ímpeto ciumento e agressivo, e faz coisas impensadas, que nem o ajudam no objetivo que almeja, quanto menos ainda

auxiliam Lucilla no que cabe a ela empreender neste momento na vida. Receptiva a você como um eco, ela espelha todas as suas emoções: comove-se quando você chora, sem entender o porquê! Deprime-se com o seu desânimo e ocasional desespero impotente; ou, beneficentemente, se alegra, quando sente o seu amor, e quando o seu estado de espírito transmite-lhe força e boa disposição!

Imperceptivelmente, enquanto ouvia, Caio se pôs a acompanhar Marcus, e agora já haviam deixado a residência, com Thalia ainda a falar ao telefone na mais completa inocência do que ocorria no mundo invisível à sua volta.

– Ocorre que quando você se enfurece,... – O antigo amigo de Caio continuou. – Perdendo a cabeça, ou esbravejando contra Ciro, ou emitindo energias emocionais desagradáveis na direção de Thalia, durante as suas lembranças da Valéria anterior<sup>(4)</sup>, não tem como calcular a carga de angústia que Lucilla assimila, e de como isso a prejudica no seu dia a dia, aumentando desnecessariamente os sofrimentos que as dificuldades da sua vida familiar já lhe causam!... – Marcus olhou-o, sério e persuasivo. – É assim que funcionam as emissões das energias, Caio! Seu efeito é instantâneo, como o foi ainda agora, quando você me chamou! E é por isso que se faz urgente que você se instrua no assunto; para que saiba agir com acerto e inteligência no capítulo difícil das suas fraquezas pessoais. Sabendo da história como um todo, garanto que será mais fácil lidar, de forma melhor, com a questão envolvendo Ciro, nem que apenas meramente em lhe ensinando a recalcar ressentimentos na hora certa, em benefício de Lucilla!...

∞

Ao entrar naquele recinto estranhamente luminoso e azulíneo, com tons perolados, situado em edifício acolhedor onde tudo em volta lhe soava desconhecido e não familiar, Caio voltou-se, agradavelmente surpreendido, ao ouvir uma voz que o saudava em primeiro lugar.

– General Fábio, seja bem-vindo!...

– Lúcio!... – Imediatamente Caio sorriu de volta, retribuindo o cumprimento e apertando calorosamente a mão que o outro lhe estendia. E acrescentou logo, cheio de um entusiasmo que não experimentava já há muito tempo. – Não posso acreditar! Não acredito no que vejo! – E explicou para o sorridente Marcus, parado ao lado, como se este de nada soubesse. – Lúcio pereceu em combate, servindo comigo na antiga batalha contra...

– Os turcos... – Completou Marcus, compreensivo, vindo em auxílio da sua memória.

<sup>(4)</sup> A “Valéria anterior”, como será visto adiante, é a encarnação, na vida longínqua de Roma, da personagem em questão como filha de Lucilla, Thalia. (Nota do autor espiritual)

– Sim, isso mesmo! Você sabe... – Arrematou Caio, sem jeito; e, sem remover a satisfação do rosto, tornou a voltar a atenção para Lúcio, que parecia compartilhar bastante da felicidade do momento.

– Mas... que você está fazendo aqui?! Não vá me dizer que é um dos Instrutores, dificílimos de se avistar, mas que vêm me orientando os passos durante todo o tempo...

– Sim... – Confirmou o outro. – Mas é que somos bastante atarefados, aliás como todo mundo, e por isso... – Tentou justificar modestamente, para disfarçar diante do amigo a altitude incomparável de onde vinha pontificando a seu favor.

– Não acredito!...riu-se Fábio.

– Sim, é verdade...

– Então agora você é o general, e eu estou sob o seu comando!

Os três amigos riram jovialmente enquanto acabavam de dar entrada no pequeno recinto circular, onde outras pessoas os aguardavam, mantendo atitude amistosa, a distância.

Caio foi convidado a sentar-se numa das cadeiras confortáveis postadas em semicírculo, diante de um visor que parecia flutuar à frente e pouco acima deles, aparentemente sustentando-se no ar sem estar preso a coisa alguma, como se mantido por algum tipo de campo magnético. Notando a ausência de outros além dos Instrutores e de seu amigo Marcus, percebeu que aquela sessão destinava-se exclusivamente a ele.

– Não sou um general, Caio... – Lúcio respondia, bem-humorado, à brincadeira do antigo companheiro de armas. – Nem nunca reconheci em mim mesmo pendores de liderança para tal! Porém, informo-lhe que algumas vertentes do nosso trabalho por aqui requisitam qualidades bem como as que você possui, porque por vezes lidamos com desafios bem maiores do que aqueles que defrontávamos nas velhas guerras da antiguidade!

– Gostaria de saber mais sobre isso... – Comentou Caio, interessado.

– Conversaremos a respeito. Por agora, vamos ao que interessa a você mais de perto.

Lúcio indicou o visor suspenso, para onde Caio olhou curiosamente.

Em torno, além de Marcus, outras três pessoas sentaram-se com tranquilidade nas cadeiras que restavam, e por breve momento houve uma pausa em silêncio que permitiu ao visitante experimentar paz e reconforto íntimo.

– Estes, Caio, são Vânia, Esther e Nilo, também Instrutores e amigos, que aqui estão para nos ajudar na formação da cadeia magnética mantenedora da sessão. – Apresentou, indicando os circunstantes, que contemplavam Caio amistosamente. – Com a nossa orientação, você assistirá a uma espécie de cinema sobre fatos da sua existência até então, no período que nos convém neste momento. Antes, porém, que se sinta intranquilo, já advirto que o que

levaremos a efeito aqui não será nenhuma invasão da sua privacidade, que o venha a constranger, expondo ao crivo alheio acontecimentos que lhe são caros ao coração, dolorosos, ou que você julgue, aliás acertadamente, que só pertençam ao seu universo íntimo. O que você verá será apenas uma projeção de imagens vívidas, ditadas pela Luz que conhece as suas necessidades de realização, próprias para o momento. Peço que as veja, Fábio, e só ao final de tudo teceremos comentários, pois estou certo de que então você mesmo terá conclusões importantes a respeito de decisões a tomar doravante... – Entendeu?

Muito surpreso daquilo tudo, Caio apenas assentiu, num leve meneio.

Com isso, fez-se silêncio absoluto na pequena sala, onde Caio percebeu baixar gradativamente uma nebulosa obscuridade, por breve minuto. Ele mesmo de repente se viu tomado por estranha sonolência. Concentrou-se, um tanto aturdido, e então um súbito facho de luz azulínea rasgou a penumbra ambiente, projetando-se do visor e enchendo a sala de reconfortante claridade difusa.

Impressionado, o general Caio tentou sair de seu atordoamento, procurando se concentrar no que via à frente. Mesmo porque o próprio modo como os vultos sentados à sua volta se transformaram em borrões ofuscados pela claridade o induzia a prender-se unicamente no visor adiante, onde ele julgou ver imagens incertas flutuando e sumindo, como fantasmas.

Quando pôde discernir alguma coisa no que via na projeção cada vez mais nítida, ao ponto de induzi-lo a pensar estar diante do próprio passado vívido que voltava, murmurou, sem poder se conter:

– Roma...

E prosseguiu, sem nem se dar conta de que falava, tal o assombro de que se via possuído, e sem poder se recordar do pedido de Lúcio para que fizessem os comentários depois.

– Roma... E aquele é o palácio de Júlio César! Era a festividade de...

Ele interrompeu-se, quando com um leve toque no seu braço Marcus o chamou um pouco de volta à realidade.

Não conseguia despregar os olhos do visor, porém.

As imagens, agora, haviam se expandido, em perspectiva tridimensional tremendamente realística, e se definido completamente. E as vozes e a agitação do ambiente retratado encheram a pequena sala esférica de sons, dando aos presentes a plena sensação de terem sido transportados momentaneamente àquela outra realidade do pretérito.

Os Instrutores, no entanto, familiarizados com sessões semelhantes, apenas assistiam com serenidade ao que era exibido, isentos da identificação fulminante de que Caio se via possuído, e que o arrastava subitamente, de corpo e alma, para aquele passado distante.

Aquietando-se, silencioso, Caio concentrou sua atenção na cena adiante, com curiosidade aguda.

Aquele enorme salão, tão seu conhecido, fervilhava de gente que, àquela época, compunha a sociedade brilhante do vastíssimo Império Romano.

Emocionado, Caio viu os componentes da nobreza deleitando-se no banquete, rodeando César. As damas vestidas em sedas finíssimas, ostentando joias repletas de pedrarias, e adereços resplandecentes à luz das tochas do salão, forjadas em ouro maciço. A música suave das liras e alaúdes saindo detrás dos ricos cortinados, ofuscada em parte pelo alegre alarido dos convivas. E as dançarinas, leves como borboletas, em trajes transparentes de tonalidades claras e esvoaçantes ao sabor de seus graciosos movimentos, evoluíam em fascinante harmonia.

Ele, Caio, lá estava ao lado de um seu camarada de armas, empunhando a taça de precioso falerno, logo após o brinde proposto pelo seu poderoso anfitrião.

Tinha acabado de dirigir um sorriso afetuoso a uma jovem de quem não desprendia o olhar durante todo o tempo, espreitando uma oportunidade de aproximar-se e abordá-la.

À distância, no meio da intensa movimentação ruidosa, a jovem deu com aquele olhar e sorriso que lhe sugeriam um mundo de sentimentos tumultuados, e que tinham o poder de sustar-lhe o fôlego e disparar-lhe o coração. Vindos justo daquele único em toda a festa que também não perdia discretamente de vista, tiveram a capacidade de inebriá-la de felicidade. Emocionada, enrubesceu um tanto, baixando os olhos num ângulo. E, prosseguindo a caminhar entre a multidão como se nada tivesse acontecido, limitou-se a se voltar, comentando sobriamente com a sua dama de companhia.

– Caio, Lívia!

– Onde?... – A outra moça devolveu-lhe o sorriso discreto.

– Perto das colunatas, na companhia de Justo!

Lívia percorreu o olhar rapidamente, franzindo o cenho.

– Não o vejo nas colunatas, senhora! Tem certeza de que era ele?!

Lucilla – pois era ela! – consultou os arredores, intrigada.

– Bem... – Replicou. – Deve ter saído de lá! O vi neste mesmo momento!

Não puderam trocar mais nenhuma impressão, pois após apenas alguns passos a mais, alguém as abordou de inopino, dirigindo-se a Lucilla respeitosamente, embora a voz e a expressão no olhar denunciasses a mais viva emoção.

– *Domina*... como tem passado?

Lucilla voltou-se com a dama, surpreendida, o coração precipitado no peito. Esboçou leve gesto de surpresa, logo contido. Sorrindo, comedida, ao retribuir o cumprimento que Caio lhe dirigia, Lívia reparou na intensidade do

afeto que Lucilla dificilmente disfarçava em seu semblante, ao responder ao general Fábio com delicadeza, estendendo-lhe a mão.

– Estou bem, general... E o senhor, como tem passado?

Caio tomou aquela mãozinha delicada, beijando-a de leve, cavalheirescamente.

– Vou sempre melhor, depois de poder revê-la exibindo maior beleza e saúde, a cada vez que volto das campanhas difíceis, na expansão do Império...

– Verdade?... – Lucilla sorriu-lhe graciosamente, entre jovial e alvissareira. – E tem conquistado muitas novas províncias para Roma e o nosso imperador – que os deuses lhe deem vida longa e glória?

– Muitas conquistas, *domina*; mas, particularmente, ainda me faltam conquistas importantes a fazer... – Caio devolveu-lhe o sorriso disposto.

Sua fisionomia, grave e severa em outras tantas situações em que era o general romano, tinha remojado acentuadamente naquele momento.

De fato, ele e Lucilla se olhavam como se tudo em volta houvesse desaparecido de repente, e a própria Lívia jazia ali ao lado, meio esquecida, tendo convenientemente puxado conversa com antiga amiga de infância, que acabava de avistar.

Com isso, o casal se pôs mais à vontade para conversar. Mas não podiam imaginar que houvesse, naquele momento, alguém vigiando o carinhoso colóquio a que se entregavam, como de fato acontecia.

– Que pode haver ainda para ser conquistado por um dos principais generais das legiões dos exércitos de Júlio César, com vitórias em batalhas travadas em todo o Império? – Lucilla riu-se travessamente, com um quê qualquer de lúdica malícia, caminhando alguns passos pelo salão, o lento abanar de seu leque de plumas brancas encobrendo-lhe oportunamente o leve rubor das faces.

Caio acompanhou-lhe os passos, ainda risonho, sem poder desviar-se da contemplação enamorada daqueles lindos traços quase infantis, que tanto amava, com paixão tenaz e intensa.

– Realmente, que mais pode o general querer?... – Admitiu – Quanto a isto, me encontro plenamente satisfeito. Mas não se esqueça, *domina*, de que o general é um homem; e o homem, em si, necessita de outras coisas, que lhe importam talvez mais do que todas as guerras em que o pretoriano saiu vitorioso...

Lucilla enrubesceu mais. Desviou os olhos dele, conservando-os presos, sem verem, no movimento festivo à sua volta.

Era muito jovem e pura de coração, no entanto, para portar-se, naquele momento, como as matronas romanas mais experientes e calejadas, da sociedade muitas vezes escandalosa daqueles tempos.

Ela havia brincado com travessura por algum tempo. Correspondia mesmo ao olhar amoroso, e ao afeto que Caio Fábio ostensivamente lhe dirigia. Mas

nesta troca tímida, tisnada de comentários mais desembaraçados vez por outra, terminava a sua capacidade de ousar. Manteve-se, assim, silenciosa nos minutos seguintes, enquanto vagorosamente passeavam, encaminhando-se para os pátios refrescados pelo orvalho da noite.

Caio sentia que ela compartilhava, visivelmente emocionada, do que ele sentia naquela hora, e assim respeitou aquele recuo e súbita inibição daquela a quem sabia já ter conquistado o coração.

No entanto, ela voltou a falar. Parecia confundida com sinceridade, após uma pausa aparentemente tomada com pensamentos sobre o que ouviu antes.

– Como assim, general Caio?... – Ela olhou-o de novo, hesitante, e o sorriso havia esmaecido como numa criança repentinamente assustada. – Sempre pensei que aos homens como o senhor bastassem as vitórias e as honras do imperador... Afinal, é a sua vida, não é?

Surpreendido, sorrindo com jovialidade, ele analisou aquela expressão desassombrada no rosto franco e jovem de Lucilla.

Ela era honesta no que dizia, e nem poderia ser de outra forma. Chegou, assim pensando, a sentir-se incomodamente mais velho, e experiente demais para ela naquele instante.

Mas talvez fosse justamente isso – refletia por vezes – que amava em Lucilla. Militar e homem calejado nas rodas sociais da época, Caio não era afeito a excessos que lhe comprometessem a dignidade e a honra perante a sociedade. E já andava farto das festas e obrigações sociais que a etiqueta e o protocolo lhe impunham, numa sucessão interminável de guerras seguidas de comemorações. Pois disso advinha a convivência variegada de toda a nobreza romana, e de mulheres já saciadas nos vícios da época vigente.

Dava-se bem como soldado. Gostava do que fazia, e sua lealdade a Roma e ao Imperador era inatacável. Mas ansiava, cada vez mais, por um lar, por um pouso. Pela formação de sua família, e por filhos. Amava Lucilla como nunca amara mulher nenhuma antes! E era com ela que pleiteava a realização daqueles sonhos.

– A vida de um soldado é a vida de um homem solitário, *domina*. Apesar das guerras, apesar das legiões e das honrarias a cada vitória; apesar da convivência intensa na sociedade... Nada disso é perene. Como disse, um general é um homem; e um homem precisa de afetos na sua vida. Afetos realmente verdadeiros...

De novo o sorriso travesso de Lucilla expandiu-se, e ela exclamou, antes que Caio pudesse acabar de falar, olhando-o muito nos olhos.

– O senhor, general?! Um homem solitário?! Mas... É inadmissível!

Aquele espanto não o surpreendeu, e o tom calmo e carinhoso em sua voz se manteve inalterado. Parando de andar, se pos de frente para ela, levando-a

a se deter também, quando atingiam um perfumado caramanchão de jasmins sombreando um acolhedor banco de mármore.

Dali, se encontravam ainda ao alcance dos ruídos da festa, mas haviam se afastado o bastante para não verem mais o que acontecia no salão.

– Por que, Lucilla?... – Ele quis saber, afetuosamente.

– Um homem como o senhor nunca está sozinho! – Ela arriscou, ainda confundida.

– Um homem como eu precisa, algum dia, de um lar!... – Ele enfim declarou, mergulhando no olhar um tanto assustado dela o seu, desvelado e sincero.

– Não posso acreditar que esta oportunidade ainda não tenha lhe aparecido... – O seu tom de voz havia se retraído de novo. E só então, de súbito, ela se deu conta da ausência de Lívia, e temia, na sua inexperiência, a situação na qual se viu, ali sozinha com o homem que amava, e que sabia dedicar-lhe ardente paixão.

Houve apenas uma pequena pausa, em que se entreolharam adoradamente. Então Caio acabou falando, enfim tomando coragem para confessar:

– Ainda não tinha aparecido a oportunidade com a mulher que eu amo, *domina!* Mas tenho esperanças de que agora tudo mude. Porque estou diante daquela que pode me dar esta felicidade, com que sonho há tanto tempo...

Durante vários segundos, a moça apenas trocou com ele um olhar emocionado e profundo, paralisada.

O visor enublou-se rapidamente, para em seguida dar sequência aos acontecimentos que eram exibidos de modo impressionante, como se aquela outra realidade estivesse transportada para dentro da pequena sala esférica.

Emocionado ao rever aqueles fatos tão distantes no tempo, Caio parecia completamente desligado do momento presente. Seus olhos azuis estavam úmidos; um sorriso distante brincava imóvel em seus lábios, e sentia de novo todas as emoções que experimentara naquela hora tocante, em que ele e Lucilla haviam unido os seus corações.

Mas o visor mostrava agora, outra vez, o salão.

Uma matrona de expressão austera, vestida em rico traje azul-marinho de seda, com safiras ornamentando-lhe os cabelos e o colo robusto, observava, com aparente displicência, os modos do rapaz sentado bem à sua frente, envergando farda de gala para a situação. Via que tinha os olhos escuros presos n'alguma coisa que via acontecer lá no meio da festa, sisudo e sombrio, a mão enluvada brincando distraidamente no copo da espada embainhada.

Blandina sabia o que incomodava o filho e conhecia bem a direção do seu olhar indócil.

– É a ela que você quer, não, Ciro? Escolha complicada e difícil, a sua...

– Não seria, se não houvesse um tropeço no meu caminho!... – Ele rebateu logo, impetuosamente, levantando-se.

– Você é impaciente e precipitado! Deve aprender que não é com esta disposição que as coisas se ajeitam... – Blandina replicou, na mesma tranquilidade aparente de alguém habituado a manobrar sempre com sucesso as situações na direção dos seus interesses.

– Este general Fábio me é um estorvo, mãe, tanto mais por contar com a benevolência de Júlio César!

– E com o coração da jovem Lucilla... – Blandina completou, no mesmo tom, ambos observando a moça saindo vagarosamente na direção dos terraços, entretida no seu diálogo com Caio... – No entanto, a sua união com esta moça viria em benefício de muita gente. Menos do general, é claro... – Ponderou, arguta, mais como quem conversava consigo mesma enquanto manejava o leque, sem desprender o olhar calculista do casal a distância. Depois, alteou a voz acima do alarido circundante, de modo a ser bem ouvida por Ciro. – É, Ciro. Há mesmo alguma coisa errada neste caso, e hei de tomar as minhas providências...

– Providências para quê? – Retrucou Ciro, com azedume. – Como espera atrair sem mais nem menos na minha direção um sentimento que pertence a outro?

Entretanto Blandina, sem se arredar de sua sólida segurança íntima, limitou-se a sorrir do que considerava no filho uma aflição desnecessária, derivada da pouca idade e da inexperiência no trato com o ser humano, terreno dentro do qual pisava com firmeza de que poderia se gabar.

– Você se preocupa à toa, Ciro! Ainda vai aprender que os fins justificam os meios, e que em assuntos como esse, arredado o obstáculo, seja lançando mão de quaisquer métodos, o resto se encaminha por si, e a passagem do tempo se revela a nossa maior aliada, ao encarregar-se de varrer da mente infantil de Lucilla sonhos e ilusões inúteis. Mesmo resistindo no início, depois ela saberá entender que saiu na vantagem, sendo afastada de uma união com um homem que, por mais a amasse, disporia de quase tempo nenhum para a família, no turbilhão que costuma conduzir a vida de oficiais e de pretorianos. Ela ficaria sozinha, de qualquer maneira. Já a tua ocupação exige apenas ocasionalmente o teu afastamento, na condução de Júlio César. Qual a mulher que não há de preferir a presença constante e a dedicação mais efetiva de seu marido à família? – Ela expandiu o sorriso, confiante nas suposições que traçava. – Esteja certo de que, em curto prazo, ao lado de Caio, ela estaria enfasiada e aborrecida, e decerto arrependida de tê-lo preterido em favor dele!

Ciro encarou a mãe, agora francamente curioso e impressionado pelo discurso. E voltou a sentar-se, mais calmo.

– Que pretende fazer?

Sem modificar sua postura interna e externa, Blandina limitou-se a menear, casualmente.

– Mera questão de jogo de influências, coisa que já me fartei de levar a cabo durante a minha vida, visando outros interesses. Sossegue, Ciro, pois tudo se arranjará! – Garantiu.

## VI

### ***Nasce um Amor Conturbado***

Como Lucilla se mantivesse aparentemente sem iniciativas, ou imobilizada em absoluta falta de presença de espírito, olhando-o com expressão incerta após enrubescer e empalidecer quase tanto quanto a alvura brilhante e acetinada de seu vestido, Caio se viu na necessidade de vir em seu auxílio, procurando empregar gentileza e cautela nos gestos para não constrangê-la.

Arriscou apenas um passo a mais na sua direção e, permitindo-se lhe tomar a delicada mãozinha, carinhosamente, replicou, numa amorosidade sincera que Lucilla percebeu, e que lhe desanuviou um tanto a timidez tensa que dominava as suas feições.

– Será que me enganei no que julguei perceber no seu olhar a meu respeito, *domina*, tendo, neste caso, que lhe pedir sinceras desculpas pela minha ousadia e precipitação? – Murmurou para ela, em atitude ponderada, porém segura.

Agora era ele que, tenso, também temia o que ouviria a seguir, pois já era vivido o bastante para saber que nunca devia sentir-se assegurado de resultados quando o assunto se referia a reações de uma mulher; e mais ainda de uma por quem sentia um amor intenso e sincero que o colocava, por conseguinte, vulnerável a ela, até certo ponto.

Mas ele sabia, também, que em Lucilla não havia cálculo nem dissimulação. Não nela, honesta por índole, jovem ainda, e, portanto, não contaminada pelos vícios de que toda a sociedade se via impregnada.

E ela não desmentiu as suas suposições quanto a isso; porque, após breve pausa em que visivelmente se viu perdida num embate íntimo contra o constrangimento e a inexperiência da situação na qual se via presa, levantou para ele o olhar ainda velado e inibido, mas repleto de franqueza e emotividade.

A entonação de sua resposta revestia-se claramente de toda a confiança que denotava depositar na autenticidade dos sentimentos que ele lhe testemunhava. E Caio, de sua parte, compreendeu logo isso, comovendo-se.

– Não, general. O senhor não se enganou! E se a sua intenção ao meu respeito é tão honrada quanto sincero é o meu sentimento pelo senhor, pode contar com a minha lealdade e dedicação absoluta... – Disse. Depois, corou de novo, e de novo baixou os olhos.

Caio puxou-a gentilmente mais para perto, ao que ela não resistiu. E, levando-lhe ao rostinho baixo uma das mãos, ergueu-o, buscando-lhe os bonitos olhos castanhos e fartos de cílios.

– Posso, então, pedir-lhe um beijo, para que sejam confirmadas a honradez da minha intenção, e a sinceridade dos seus sentimentos, Lucilla? – Murmurou, sorrindo-lhe.

Lucilla apenas fez um leve *sim*, emocionada. E Caio a enlaçou e puxou para si, beijando-a nos lábios prolongadamente, num inebriamento de amor apaixonado.

Pouco tempo depois, retornavam ao salão onde a festividade prosseguia, no seu auge. Taças eram levantadas em nome de mais uma vitória de Júlio César, com este a distribuir sorrisos e atenções benevolentes aos convivas. As bailarinas prosseguiam na sua dança graciosa; as damas desfilavam pelo salão, exibindo os seus trajes riquíssimos, acompanhadas de seus cavalheiros, ou agrupadas, em palestra risonha e, em muitas das vezes, picante. Militares vitoriosos da campanha, após doses várias e generosas de vinho capitoso, saudavam ruidosamente o general Fábio, durante o passeio deste com a sua jovem dama pelo salão, ao que Caio retribuía com cumprimentos aos colegas, na sua melhor disposição de espírito.

Volta e meia uma taça erguida na sua direção, uma gargalhada eufórica, ou uma veemente saudação de vitória levava-o a identificar aqui e ali vários de seus oficiais e colegas se campanha.

À sua passagem pela multidão buliçosa e alvoroçada, as sentinelas eram os únicos imóveis quais estátuas, distribuídos em guarda ao redor do salão.

– Salve, General Quinto! Vejo que já recebeu o seu prêmio! – Uma voz alegre o saudou, aos gritos.

Caio voltou-se e viu Crasso, no seu máximo de descontração, erguendo mais uma taça de falerno em sua saudação. Sorriu de volta, acenando, e comentando depois para a admirada Lucilla, a quem conduzia gentilmente pela mão.

– Não ligue, Lucilla; todos estão eufóricos por aqui...

– Sim... Nota-se que durante a nossa ausência os ânimos se alteraram um pouco. – Ela confirmou, olhando em torno, entre retraída e desconcertada.

– É comum nessas festividades... – Replicou o general, dirigindo-lhe um olhar brilhoso e repleto de satisfação – Mas não podemos falar deles, não concorda? Voltamos dos jardins também bastante “modificados” na nossa disposição, eu penso; e a partir de agora, tenho que aprender a me resignar na hora de restituí-la de volta à sua família, até o dia em que não será mais desse modo! – Completou, no seu habitual tom de voz baixo e enternecido, sempre que se dirigia à moça.

Lucilla apenas lhe dirigiu o mais lindo dos seus sorrisos, como resposta.

Olhava para aquele militar do comando dos exércitos de César, tão cortês, que, naquela noite inesquecível, lhe entregava o coração. E era-lhe difícil ver nele o general das legiões que, dizia-se em toda Roma, combatia dominado por uma ferocidade impressionante, contagiando, dela, todos os milhares de

homens sob a sua liderança, levando-os à vitória e à implacável derrota de cada inimigo, guerra após guerra.

Tornara-se um herói em seu meio, respeitado pelas suas estratégias infalíveis, e pela benevolência para com os seus homens. Todos sabiam que Caio Fábio primeiro negociava a cada conquista. Diante de uma resposta ofensiva a Roma, contudo, abria sobre o inimigo as portas do inferno, sendo, por isso, tanto temido pelos povos vencidos pelas legiões de César, quanto admirado por toda Roma, e até por autoridades locais de muitas das províncias anexadas.

E agora, ali, estava aquele mesmo general Fábio, depositando o coração a seus pés, dócil e generoso como ninguém o poderia imaginar naquela situação diversa.

Antes que ela pudesse dizer mais qualquer coisa, atingiam as proximidades do tricínio, de onde um casal de meia-idade, e bem-posto, nos trajes e nas maneiras, deixou um grupo que se entretinha em animada e ruidosa palestra, para se aproximar.

– Querida filha! Estive à sua procura! – E Valéria, a mãe de Lucilla, matrona altiva e desenvolta por índole, levantou uns olhos a um só tempo prazerosos e levemente irônicos, na direção do risonho Fábio. – Mas, vejo que estava muito bem acompanhada, e também protegida, por aquele a quem todos reverenciam esta noite em primeiro lugar, depois de César!

Caio respondeu ao comentário bem-humorado, com breve e respeitosa inclinação, satisfeito por sentir-se bem acolhido pela genitora daquela a quem pretendia para esposa.

Lucilla, igualmente feliz, sorria para a mãe, e Caio agora voltava-se para Fabrício, o pai da moça, que o cumprimentava amistosamente.

– General Fábio; felicitações por mais uma vitória para a nossa Roma!

Caio retribuiu com natural simplicidade o gesto.

– Como vai, senador? Prazer em revê-lo!

– O prazer é nosso, general! E minha esposa tem razão; eis que é um regalo que nossa jovem Lucilla se veja assim protegida, na sua companhia, dos comuns e inconvenientes assédios destas ocasiões, que preocupam todo pai e mãe sinceros, nestes dias de hoje.

Sem poder disfarçar o que se passava no seu espírito naquela noite, Fábio trocou com Lucilla, agora de braços dados com a mãe, um breve olhar, satisfeito e realizado.

– Também é meu, este regalo, senador! E, desta feita, queria aproveitar para ousar revelar a minha intenção, de permanecer nesta grata posição de guardião da sua filha, cara à minha afeição... Se não houver inconveniência, gostaria da sua permissão para passar a visitá-los mais assiduamente! – Declarou ao senador, diante do sorriso comedido, porém à vontade, de

Valéria, aparentemente já à espera daquele acontecimento, e do brilho amoroso no olhar dócil da moça.

– Venha amanhã para a ceia, general! – Confirmou Fabrício, altivo e amistoso. – Será sempre bem recebido!

Logo após agradecer com reconhecimento ao convite, alguma coisa chamou a atenção de Caio. E, voltando-se um pouco, ele viu que lá adiante César fazia-lhe um gesto para que se aproximasse.

Serenizando-se, despediu-se da família.

– César solicita minha presença. Amanhã, sem falta, os visitarei, senador! – Confirmou, agradecido, e inclinado, ao dizê-lo, a olhar muito mais para Lucilla do que para Fabrício, em cujos lábios pairou um discreto e irônico sorriso – Senhora... Lucilla... – Concluiu, inclinando-se frente a Valéria, e beijando ternamente a mão de Lucilla, trocando com esta um último e velado olhar apaixonado antes de sair.

∞

– Eis que o nosso general se refaz das duras batalhas resolvendo assuntos do coração! – Disse César com jovial malícia, tão logo Caio o alcançou, para os que o rodeavam.

E dentre todos, o seu batedor<sup>(5)</sup>, agora olhava para Caio tão sombriamente quanto o cair da noite.

Fábio bateu o punho fechado ao lado do peito, na saudação usual de continência, mas César fez-lhe um gesto para que descansasse, e o convidou ao triclinio para mais um brinde.

– Sua companhia está disputada esta noite, general! Mas dê-nos a satisfação de alguns momentos, para narrar-nos os melhores episódios da batalha!<sup>(6)</sup> Que deseja o senhor como recompensa de mais esta atuação brilhante?

– Mais batalhas? – Ironizou, bebendo de seu vinho do outro lado e atalhando num timbre mordaz que desagradou a Fábio, sem que este pudesse compreender de imediato o porquê.

Sem demorar muito a visão nele, Caio respondeu a César, em tom respeitoso:

<sup>(5)</sup> A guarda pretoriana contava com homens exclusivos no serviço da segurança dos Generais e Imperadores. Ciro fora distinguido com esta função honrosa, em consequência de troca de favores familiares. (Nota do autor espiritual)

<sup>(6)</sup> Júlio César refere-se aqui a um dos muitos episódios de vitória na chamada “pacificação das Gálias”, levado a cabo por mim em alguns territórios anexados. (Nota do autor espiritual)

– Apenas um pouco de tranquilidade, César. Pretendo me recolher por alguns dias na minha propriedade do campo, mas virei frequentemente a Roma.

– Assuntos pessoais? – Quis saber César. Observador, porém, Caio notou que a curiosidade não era só dele.

– Sim, senhor. – Respondeu, evasivo. – Assuntos pessoais! – Confirmou, com breve sorriso, aceitando das mãos do superior a sua taça com vinho.

– Seja como quiser, general! De qualquer forma, vou recompensá-lo oportunamente, do modo mais conveniente! Somente, fique de sobreaviso para qualquer convocação, pois a vida de um de meus principais oficiais jamais poderá ser sedentária!

– Homens de fibra como o general Fábio sabem disso, César! – Ciro lançou, inesperadamente, o que pretendia como uma sondagem; mas ao que, atento desde o começo do diálogo àquela disposição estranha no bater de César, Caio não respondeu de forma a corresponder-lhe às expectativas. – Talvez por isso demorem a se casar; ou nunca se casem! – Concluiu, ambíguo.

Caio franziu o sobrolho, diante daquela invasão imprevista e inamistosa da sua privacidade, que costumava preservar ciosamente da intervenção alheia. Sendo assim, esquivou-se de dar satisfações, que aparentemente era o que se pretendia captar.

– Um militar é um homem devotado a César e a Roma, oficial! O que não quer dizer que não se case, quando surge a ocasião certa, e quando as obrigações o permitem! – Foi a resposta, seca, reticente e austera. Por breve momento, havia desaparecido o homem, Caio Fábio, que folgava num banquete de vitória, para surgir o general romano, prudente e ofensivo quando necessário.

Olhando estranhamente de um para outro, César captou alguma coisa daquela má disposição no ambiente, embora a princípio sem compreender o motivo. E desviou o assunto para desanuviar os ânimos, já que a última coisa que queria naquela noite era assistir e participar de querelas.

– Bem... – Cortou – Conte-nos, general! Conte-nos! – Solicitou, entusiasmado. – Deixemos de lado assuntos pueris, pois desejo ouvir apenas a respeito de glórias esta noite! Um brinde! – Exclamou, erguendo a taça, no que foi imitado seguidamente por todos os que estavam no triclínio e no salão. – Vitória a Roma!

– Vitória a Roma!! – A saudação ecoou, entusiástica, por vários segundos.

∞

A imagem seguinte no visor mostrava Lucilla novamente na companhia de Lúvia, rodeada dos pais e de outros convivas.

As duas moças conversavam discretamente a respeito de coisas que, pelos sorrisos que provocavam, teriam que ver com minúcias femininas.

No entanto, no momento seguinte, a expressão do rosto da jovem patrícia revelou claramente que uma súbita opressão tomou conta de seu espírito, sem que pudesse atinar de pronto com a razão.

Distraído-se um tanto do que Lívia dizia ainda entre sorrisos e absorta na questão que tratavam, ela acompanhou com o olhar a inesperada aproximação de Décio Magno do círculo dos seus, saudando a família e a seu pai, com cordialidade.

– Que será que Décio quer com papai? – Ela imediatamente sussurrou a Lívia, interrompendo de chofre a conversa que mantinham.

– Como saber? – Estranhou a jovem dama, fixando Lucilla com estranheza – Que a preocupa, *domina*?

Lucilla, a atenção presa no que acontecia, demorou um pouco a responder.

– Não sei, Lívia... Não ainda. – Confessou, visivelmente inquieta.

– Caro senador! – Exclamava Décio, a título de saudação. – Que prazer para nós, membros destacados da sociedade, nos vermos sempre às voltas com comemorações sobre comemorações! O fortalecimento de Roma se reflete sempre nas famílias patrícias, em primeiro lugar! Maiores riquezas, cultura, prazeres – Comentou, procurando em seguida conduzir o outro pelo ombro, num convite intimativo para uma palestra aparentemente descontraída e trivial – E escravos à nossa disposição! – Completou.

O senador, homem sábio por índole, e ademais não exatamente partidário dos rumos beligerantes que a política de Júlio César adotava e vinha impondo a Roma com o passar dos anos, foi ponderado nas expressões.

– Sim, meu caro, seu entusiasmo é justo; entretanto, sem querer fazer esmaecer o brilho da ocasião, devo confessar que nunca me passa despercebida a outra faceta, existente como sombra, por debaixo das nossas conquistas...

– Pelos deuses... que sombra é esta, senador? – Zombou o outro, sem querer se arredar de seu entusiasmo esquisitamente calculado.

– O ódio dos povos conquistados... – Replicou Fabrício, seguro dentro da sua ponderada serenidade.

Décio, no entanto, apenas meneou, numa atitude complacente indicativa ao outro, de modo desagradável, de uma autoconfiança cínica. Décio era um soldado da reserva emoldurado com títulos dourados do patriciado; mas Fabrício sabia que existia uma diferença grande entre a mentalidade e o caráter dele e os de um general Fábio.

– Ódio de povos conquistados nada representa contra as legiões de César, senador! – Brandiu a propósito a taça de vinho que empunhava, recomeçando

a passear por ali. – O senhor já sabe? César anuiu com as tropas, ao conceder a Caio Fábio o nobilíssimo título de *imperator*<sup>(7)</sup> das legiões!

Ouvindo aquela conversa com a prudência própria de um senador, as mãos cruzadas atrás das costas, Fabrício respondeu com um dar de ombros casual

– É merecido... Um soldado honrado como poucos houve em Roma. – Salientou, intencionalmente, piscando para o outro e tornando a parar de andar.

Décio o mediu por breve instante, passando a Fabrício a incômoda sensação de estar sendo analisado.

– Senador Fabrício, conheço-o há muitos anos. – O tom tornou-se familiar e reservado. – Ainda há pouco vi o general entre os seus, na companhia da sua filha, e sei que o senhor e a sua família o têm em bom conceito, mas... Falando sem nenhuma prevenção... Não acha que César está delegando poderes demais a este homem? Receio que o nosso soberano, na sua imensa generosidade, esteja como que afrouxando demais as rédeas de um cavalo bravio, que pode ficar fora de controle e vir a causar transtornos...

Foi a vez de Fabrício medir discretamente o outro, estupefato da temeridade daquele comentário.

Que motivo o poderia estar compelindo a se posicionar de um modo tão desastrado contra um homem unanimemente estimado em toda Roma, e reverenciado naquela noite, particularmente, quase que como o próprio César? Seria efeito do vinho, servido em abundância no banquete?

Nunca poderia adivinhar que houvesse pruridos pessoais por detrás daquilo; e lamentavelmente, em decorrência, não se armou de defesas o suficiente na sua resposta.

– Nobre Décio; não compreendo bem... – Começou, sorrindo polidamente. – O general Fábio, de fato, é pessoa bem-vinda na minha casa, e minha família o tem como exemplo de honradez e bravura. Agora mesmo venho acatando de bom grado o interesse que vem demonstrando pela minha filha! O que o leva a tecer tais considerações? – Sondou.

Décio gesticulou com vivacidade, arqueando as sobranceiras de um jeito um tanto dissimulado que o outro percebeu, ainda que intrigado quanto às razões.

– Oh, não, senador, não me interprete mal! Eu mesmo o admiro muito como soldado e cidadão! Faço apenas uma nota quanto a uma maneira toda pessoal de considerar que a bravura de um guerreiro deve ser bem aproveitada nos campos de batalha, sem ser muito desviada para o convívio

<sup>(7)</sup> Era mais comum do que se supõe generais serem ovacionados ao final de batalhas gloriosamente vencidas com esta espécie de "distinção honorífica", pelas tropas, e muitas vezes com o acatamento do próprio Imperador. (Nota do autor espiritual)

político e a vida em sociedade! Uma distinção como a que Caio recebe, entretanto, o habilita ao consulado, e o envolve bastante, mesmo sem que o queira, nas influências existentes nestes outros setores, onde a diplomacia tem primazia sobre um caráter belicoso!

De novo Fabrício balançou a cabeça, francamente confundido quanto ao sentido daquela conversa. Estaria Décio dominado por alguma espécie de despeito?

Afinal, naquela mesma carreira das armas que Magno seguira outrora, Fábio, por brilhantismo, por vocação e por talento, subira rápido demais em se comparando com a sorte hodierna da média dos soldados comuns. Além do mais, o general contou com aquela estrela que volta e meia brilha na vida de algum indivíduo, para destacá-lo perante os olhos daqueles que, detentores do poder, possuem os meios para descerrar-lhe as portas da prosperidade, embora nem sempre delineando justiça, no caso de alguns – o que não ocorria no seu caso particular!

Fabrício pensou que, num tal contexto, inevitavelmente um homem como ele despertaria inveja não apenas em seu meio, mas na convivência intensa numa sociedade passível de se converter num viveiro de intrigas e de armadilhas nesta conjuntura.

Mas o senador reconhecia em Caio Fábio alguém naturalmente muito acima disso; por isso, tratou de salientar.

– Não o vejo dono de um caráter belicoso, nobre Décio. Trata-se de um talento, que ele emprega bem na sua profissão. Fora disso, é um cavalheiro e, como disse, um exemplo de distinção e de sobriedade no trato pessoal.

Décio, porém, inesperada e estranhamente, deu-se por satisfeito daquele assunto, por já ter atingido o ponto que queria. Falar mais poderia comprometê-lo de uma forma leviana que não o interessava.

– Sim, claro, tem razão. Entendo o seu ponto de vista! Que acha de passarmos aos pátios, onde o ar se acha bem mais fresco e agradável do que o abafamento que aqui domina? Já viu os novos jardins do palácio, encomendados pessoalmente por Júlio César? Ciro disse terem sido projetados por célebre artista grego!

∞

O visor nublou-se um pouco, para mostrar depois a aproximação do término da festa.

Marcus, ao lado de Caio, reparava no semblante do amigo uma indisfarçável surpresa do que assistia, misturada com mal contida agitação.

Aquelas cenas retrataram eventos dos quais ele não tivera conhecimento, vivenciando apenas a sua parcela dos acontecimentos. Exibiam o que, para

Caio, constituía o pano de fundo da situação. Marcus notou que ele repetidamente continha a custo ímpetos de falar e de protestar.

Agora era de Blandina que Décio se aproximava, no instante em que os últimos áulicos se despediam de Júlio César.

– E então, caro marido? Que conseguiu das suas incursões junto à família do senador, em proveito dos interesses do nosso Ciro, aliás bem amuado desde o desenrolar da festa?

Décio dirigiu um rápido olhar ao rapaz, entretido agora em palestra com velho amigo.

Era óbvio na sua fisionomia que estava desgostoso da vida.

– Consegui apurar que as coisas por lá já vão adiantadas! Ouvi da boca do próprio senador que ele acolhe de bom grado as pretensões do general em relação à filha! – Revelou, preocupado. Ao que a mulher sorriu, com certa malícia.

– Não o julgo, pois também acolheria, se a filha fosse minha! Fábio é um partido brilhante! Mas não é o nosso caso, que temos, sim, um filho melancólico e enamorado, e muitos problemas financeiros! – Considerou, com perspicácia fria. – Creio, Décio, que seria de proveito você cortar logo o mal pela raiz! Não perca tempo demais com Fabrício; intervenha junto a Júlio César, porque é ele a porta contra a qual Caio deve bater.

## VII

### **Reencontro**

O visor enublou-se de inopino, e gradativamente foi-se apagando, devolvendo a sala à penumbra inicial, e indicando uma pausa no trabalho regressivo.

Caio, dominado como estava por interesse agudo no desenrolar das cenas, sentiu-se como se sendo acordado subitamente de um sono profundo. Ele olhou em volta, meio tonto, piscando os olhos. Depois se deteve em Marcus, interrogativamente.

– Daremos uma pausa nos nossos trabalhos por enquanto, Caio! O processo regressivo consome muito dos seus recursos mentais, e deve ser aplicado com critério, para uma assimilação proveitosa.

– Prosseguiremos amanhã. – Avisou Esther, atenciosa.

Caio levantou-se com relutância. Pela sua vontade, prosseguiriam de uma só vez até o fim. A curiosidade e a sede de esclarecimento o espicaçavam, e lhe parecia pedir muito esperar até o dia seguinte.

– Acredito que, por hoje, você já tem muito que pensar, baseando-se no que assistiu, Fábio! – Comentou Lúcio.

– Sim; não me havia chegado ao conhecimento que a influência de Blandina pesou tanto nos acontecimentos! – Respondeu ele, num certo desapontamento.

– Há muitas outras minúcias, Caio. Agora você deve relaxar e repousar a sua mente. – Observou Vânia.

Caio olhou diretamente para Marcus. A entonação da sua voz denotava urgência.

– Quero voltar para junto de Lucilla! – Declarou, como que fazendo ao amigo um lembrete do que tinham combinado.

Marcus anuiu com tranquilidade.

– Você vai encontrá-la de um modo diferente, Fábio! Ainda é madrugada por lá...

Caio franziu o cenho.

– Como assim? – Estranhou.

– Vai vê-la pessoalmente. Quero dizer, aqui, do nosso lado! Mas adianto que muito provavelmente ela não o reconhecerá...

Um sorriso claro e quase radiante iluminou o semblante do antigo general romano.

– Vou encontrá-la de novo? Ela me verá também?

– Sim... – Marcus confirmou. – Essa circunstância tem sido dificultada pela faixa vibratória onde ela tem sido atirada mentalmente pelo envolvimento com os seus problemas diários! Isto acontece durante a maior parte do tempo! Mas, desta feita, poderemos auxiliá-la!

Adiando a saída por mais algum tempo para colher mais informações, e motivado agora pela expectativa do que lhe anunciara Marcus, Caio despediu-se dos Instrutores amáveis que o receberam, assegurando o seu comparecimento no dia seguinte, à mesma hora.

Comentaram mais alguns dos episódios assistidos e, após manifestar as suas impressões, ele recolheu preciosas observações de cada um daqueles amigos, que ali se reuniam dispendo-se a ajudá-lo apenas em função de amizade e devotamento.

Mais apaziguado nas suas inquietações, Caio Fábio saiu, na companhia do amigo, encontrando uma bonita noite estrelada, há poucas horas do amanhecer do dia.

O ar era perfumado, e lufadas leves e frescas do sereno cálido da noite investiam-lhe no rosto, aliviando-lhe o constante calor febril que costumava aferventar a sua mente.

Marcus reparou no amigo calado e pensativo durante um largo tempo, enquanto se dirigiam à moradia de Lucilla e sua família.

– Você está bem, Fábio? Noto-o quieto demais... – Marcus sorriu. – Não é o seu estilo! Acredito que está assim pelo que viu na sessão regressiva!

– Sim... – Caio admitiu. – Foi-me grato e benéfico rever a mim e a Lucilla naqueles momentos, e pude entender, em parte, o que você quis dizer em relação a Ciro! Mas ainda guardo a convicção de que me afastei de Lucilla na pior hora! Foi um erro imperdoável, e me recrimino por isso!

Marcus abanou a cabeça.

– Você apenas adiou o que de uma forma ou de outra acabaria acontecendo, Fábio. Pense! Lucilla jamais deixou de amar você! Ao contrário, quando você partiu, e ela se viu sozinha e abandonada àquela situação familiar que julgava insustentável, estranhamente, e apesar da mágoa e das dúvidas sobre o móbil das suas atitudes ao afastar-se sem antes se avistarem, passou a amá-lo mais! Se você tivesse ficado, ela se casaria com Ciro de qualquer jeito, pois ele contava com as manobras que o conduziram ao consentimento de César! Da mesma forma, só que um pouco antes, você se envolveria com ela de um modo espúrio; igualmente teriam o filho que veio, e o desfecho seria igual! São estes detalhes, sobre o que se passou com Lucilla depois, que você verá amanhã, e estou certo de que então compreenderá que pouca diferença fez a forma como se orientou naquele momento! O que importa foi a intenção que o levou a isso: você quis preservá-la de represálias, e agiu acertadamente na sua prudência!

– Se eu tivesse ficado, teria dado um jeito de subtraí-la a Ciro! – Caio retrucou.

– E seria tão simples? – Argumentou Marcus. – Fui seu colega de armas, Fábio, e estive envolvido naquela realidade, bem de perto! Eu era um dos homens com quem você contava, ao planejar arrebatá-la para um lugar desconhecido. Mas eu lhe digo que você era um general de tropas! Mais ainda, distinguido por Júlio César por conta do brilhantismo do seu desempenho, o que desencadeava ao seu redor toda uma rede de intriga e de conspiração daqueles que almejavam o seu lugar, por ambição ou por despeito pelos seus feitos, ou pela boa posição que usufruía no conceito do imperador! Havia constantemente em torno uma matilha pronta para saltar sobre você, na tentativa de arruinar a sua carreira e a sua reputação social e política! O peso daqueles acontecimentos amorteceu agora, Caio, e você sonha com o que poderia ter sido! Mas pense no que representaria você arrematar a sua vida e a sua carreira, até então gloriosa e brilhante, com uma deserção das armas, ou com o sequestro súbito de uma jovem da nobreza! Os pais de Lucilla não o teriam perdoado, porque, apesar de toda a sua boa convivência com a família e a consideração da parte de Fabrício, sub-repticiamente ele era um partidário tácito de Pompeu!<sup>(8)</sup> Júlio César, de seu lado, e principalmente Ciro, não o poupariam, por mais você estivesse no alto conceito das lideranças das legiões! Haveria uma grande chance de você morrer inesperadamente de morte infamante, conspiratória, e assim o seu idílio amoroso duraria bem pouco, e a pobre Lucilla sofreria do mesmo jeito; mais, até!

Caio olhou-o, triste e incerto.

– Mais do que ela sofreu nos umbrais do astral baixo, após o seu suicídio, Marcus? – Duvidou, desencantado. – Não quero questionar as Leis que regem os destinos humanos; mas repugna-me admitir que Lucilla, aquela jovem adorável e inocente, tivesse merecido penar todo aquele inferno após a sua passagem, apenas porque amou demais e não resistiu à sobrecarga de sofrimento! Que a injúria celeste caísse, então, sobre mim!

Marcus passou compreensivamente o braço pelo ombro do amigo de tantas épocas.

– Caio, Caio... Muita coisa ainda tem que ser aclarada ao seu espírito! Lucilla, naquele tempo, em função de um passado ainda mais remoto, que a sua memória, por enquanto, não tem condições de alcançar, tinha o que fazer no trabalho evolutivo da sua alma junto a Ciro, como hoje continua tendo! Fu-

<sup>(8)</sup> General Pompeu Magno, adversário de Júlio César a partir dos estágios iniciais em que a República romana gradativamente convergia para o perfil imperial, sob as conquistas políticas e territoriais sucessivas deste último. Havia facções partidárias, e as afins a Pompeu se constituíam preferencialmente das classes dos nobres e dos senadores. O autor espiritual era assumidamente cesariano. (Nota da médium)

gir à responsabilidade, em qualquer circunstância, só ocasiona pesar e um amargo sentimento de culpa, que mergulha o ser nas faixas vibratórias mais baixas!

– Então por que haveríamos de nos amar desde aquela época?

Marcus meneou, sorrindo bondosamente.

– Não, Caio! Não só “desde aquela época”! Há muitos, muitos fatores que você desconhece que levaram à atual conjuntura! Coisas demais para que você possa abranger de uma só vez!

Sentindo-se tonto com aquele labirinto mental que não conseguia resolver de imediato, Caio percebeu, então, que atingiam a residência de Lucilla, banhada pela tênue claridade de um início de amanhecer.

– É sábado! – Lembrou Marcus. – É a família aproveita para se levantar mais tarde! São apenas cinco horas, Lucilla dormirá muitas horas ainda! Vamos aos jardins do edifício, pois é por lá que neste instante ela se demora...

Caio fez que sim, seguindo-o. Marcus percebeu-lhe a emoção intensa sendo reprimida a pulso, quando ele viu-se na iminência de estar frente a frente com o seu amor de tantos séculos! Mesmo que na incerteza de ser reconhecido por ela, o que equivalia a ver sem ser visto, no fim das contas.

Os jardins do grande prédio onde Lucilla residia eram vastos e bem cuidados. Àquela hora do fresco e aromático amanhecer, diariamente acolhiam várias almas que por ali se deleitavam com os perfumes vivos e inebriantes das flores.

Lucilla era uma dessas almas. Necessitada grandemente de reconforto íntimo, sentia-se reabastecida de ânimo entre as flores que amava, e sempre naquele lugar encontrava amigos das esferas espirituais; alguns que se ocupavam da manutenção energética dos jardins, outros que ocasionalmente vinham visitá-la, convidando-a para romagens breves a outras estâncias da vida invisível, ou ainda aqueles com quem travara conhecimento e amizade ao longo dos anos.

Caio e Marcus, passeando casualmente, chegaram muito junto dela. Viram que se encontrava sozinha naquele momento, inclinada sobre um arbusto perfumado de jasmims, e Fábio emocionou-se, ao sentir-se tão perto da moça. Notou-a mais jovem naquele desligamento pelo sono, exibindo beleza idêntica à que possuía na primeira juventude, nos tempos da antiga Roma. Vestia um leve traje violeta claro; o semblante era harmonioso e sereno. Mas Caio percebeu, experimentando uma opressão no coração, que os expressivos olhos castanhos saturavam-se da mais viva melancolia.

Lucilla ergueu-se de repente e olhou-os, distraída. Ausente de espírito, mergulhada nos seus pensamentos, fez menção de afastar-se, dirigindo-se às roseiras próximas.

Por mais ausente que fosse o olhar, contudo, ao esbarrar no de Caio Fábio deteve-se, incerto, por breves segundos.

Com a visão embaciada por lágrimas, o antigo general romano chegou a esboçar para ela um leve sorriso, respondido da mesma forma, à guisa de cumprimento matinal. Após o que ela recomeçou o seu passeio solitário pelos jardins.

O coração de Caio acelerou-se, a respiração ficou sofreada. Marcus, notando a comoção do amigo, comentou:

– O atavismo entre vocês é muito forte, Fábio! Ela não o reconheceu devido ao seu estado de semi-inconsciência, mas também não olhou para você por coincidência. – Gesticulou a propósito. – Vá até ela, não tema! Você sabe quanto Lucilla é dócil; tente conversar!

– Dizendo o que?! – Replicou Caio, nervoso. A vontade era enorme, mas o medo o fazia recuar. Sentia-se inibido diante daquela circunstância especial. – Ela não me reconheceu!

– A memória, não! O espírito, sim! – Garantiu-lhe Marcus, seguro. – Vá! – Insistiu, com firmeza. – Porque este é um bom momento psicológico; fará muito bem ao espírito de Lucilla, atormentado por problemas, encontrá-lo, nem que a percepção atávica, por enquanto, se dê só no nível espiritual, sem chegar de pronto a consciente! Invente um assunto qualquer; uma banalidade!

Instigado, então, pelo incentivo de Marcus, e considerando o benefício mútuo de que se revestia a chance daquele reencontro, Caio tomou fôlego. E foi se adiantando, a passeio, na direção dela, as mãos cruzadas atrás das costas.

A fisionomia estava tranquila, mas o coração batia precipitado no peito.

Ao alcançá-la, deteve-se, pouco à vontade. Sentia-se compelido a chamá-la como fazia ao se dirigir à antiga Lucilla, numa intimidade terna e apaixonada; mas guardava a consciência do anacronismo daquilo, de vez que a mente dela achava-se adaptada às referências da época em que vivia na materialidade atualmente.

Por vários momentos ali ficou, parado, sem saber o que fazer ou dizer.

Felizmente para ele, foi ela quem acabou vindo em seu socorro.

Em dado instante, erguendo-se graciosamente de entre as rosas, voltou-se, olhando-o diretamente, e notando a sua presença e a leve expressão de expectativa que entremostrava.

– Deseja alguma coisa, senhor? – Perguntou, sorrindo com delicadeza.

Ela olhou curiosamente, durante uns segundos, para aquele homem altivo e trajado de branco, numa simplicidade elegante, a observá-la expressando bondade e uma outra emoção qualquer, indefinida, mas evidente, cuja essência não captou de pronto. Medindo-o com discrição, teve a impressão de que respirava com dificuldade, preso de uma opressão incompreensível.

– O senhor está bem? – Acrescentou, incerta.

A voz presa, de início Caio apenas fez que sim. Porém, sentindo a urgência de falar, para não prejudicar o que pretendia, ante o risco de que ela

subitamente se retraísse diante da sua inércia inexplicável, procurou abordar um assunto qualquer, a esmo, o primeiro que lhe veio à cabeça.

– Estou bem, estou bem... – Confirmou, como se acordando, e forçando um sorriso casual. – Cuida destes jardins? São flores lindíssimas!

Mais aliviada, Lucilla avançou uns passos ao seu encontro, comentando, atenciosa.

– Não oficialmente; mas às vezes gosto de ajudar as equipes que fazem a manutenção dos jardins. Resido neste edifício, quando estou em vigília...

“Não dá o menor sinal de me reconhecer” – pensou Caio – “E passo as vinte e quatro horas do dia ao lado dela, em casa ou em qualquer lugar. Será que Marcus está mesmo certo no que afirma? De alguma forma inconsciente ela sabe quem eu sou?” – Suspirou, imaginando o que diria a seguir. – “Mas também, agora que me aproximo, consigo perceber o distanciamento imposto pela diferença das situações. Quanto pesa este período em que me encontro, para ela, ausente... Inexistente, melhor dizendo... Enquanto ela se vê constrangida a conviver durante um tempo indefinido com Ciro”... – Um ciúme e paixão incontroláveis se apoderaram do seu estado de espírito, durante aqueles pensamentos. E, sem que quisesse, a sua fisionomia assumiu um caráter entre preocupado e deprimido.

– Algo o inquieta, senhor? – Lucilla interessou-se, com sinceridade. Como Marcus havia lhe dito certa vez, ele agora confirmava que ela reagia como um eco aos seus sentimentos, refletindo tudo o que lhe ia na alma.

De repente, um clarão súbito subiu-lhe às ideias. E, sorrindo de maneira mais descontraída, pôde comentar:

– Não, minha querida, estou bem! Com o perdão da inconveniência, eu tive vontade de lhe perguntar a mesma coisa, pois a notei sozinha, meio tristonha em meio às flores. Perdoe-me se estou enganado e por ser indiscreto, mas se houver algo em que possa lhe ser útil...

Surpreendida daquela resposta, Lucilla enrubesceu um pouco, fazendo Caio reçar ter sido infeliz no seu modo de abordá-la. Entretanto, alguma coisa no seu tom de voz provocou-lhe não o retraimento temido, mas uma grata sensação a seu respeito, que à própria moça causou estranheza, não se compreendendo a si mesma.

– O senhor tem razão, sinto-me um pouco indisposta atualmente... – Admitiu, reticente e insegura. Sorriu, num certo desamparo de quem não vê muita utilidade em revelar aquelas coisas a alguém que, por mais atencioso se mostrasse, lhe parecia inteiramente estranho, não obstante leve e incompreensível familiaridade a impressionasse ao seu respeito desde o início daquele encontro. – São fatos relativos à etapa física atual... – Arrematou, E calou-se em seguida.

– Não há ninguém com quem possa conversar sobre o assunto? – Caio redarguiu, com vivacidade.

– Ocasionalmente... – Ela hesitou. – Não sempre. São problemas pessoais, senhor, e eu não me sinto com o direito de envolver outras pessoas. Mais ainda as de boa vontade, como o senhor aparenta ser...

Ele também se aproximou mais, sem se dar conta de que fazia isso. Observando a cena de longe, Marcus sorriu, considerando a facilidade com que o casal ia se enredando num assunto qualquer, escorregando espontaneamente um de encontro ao outro, com a afinidade magnética a uniões da mesma forma que as duas polaridades de um ímã. Era visível para ele como o campo de energia de Fábio a envolvia; e como a moça respondia, fortemente atraída por aquela presença tão sua amada e tão sua conhecida.

– Certamente não será no estado de vigília que encontrará facilmente pessoas em condições adequadas de ouvi-la com proveito... – Caio estava dizendo à atenta Lucilla. E, aproveitando-se da passividade amistosa com que ela acolhia a sua presença e as suas palavras, convidou-a a acompanhá-lo a passeio, gentilmente, com um gesto afável. – As melhores oportunidades de encontrar os que realmente podem ajudar e ouvir estão aqui, onde moram os nossos afetos verdadeiros, e onde fica o nosso verdadeiro lar...

– Oh, eu tenho afetos verdadeiros na vigília física, senhor!... – Ela parou, hesitando – Qual o seu nome?

– Caio... e o seu? – Ele se viu constrangido a encenar um desconhecimento.

– Lucilla... mas, como eu lhe dizia, tenho dois filhinhos lindos! E, apesar de tudo, um marido, com quem de fato me preocupo, além de pai e mãe dedicados. – Completou, com sinceridade.

Caio sentiu um aperto mais forte no coração ouvindo aquilo.

Teria ela, com o passar dos anos, aprendido a amar Ciros?

– Certamente... – Ele concordou de pronto, com velada tristeza na voz e no olhar que, até então preso no dela, havia desviado para os arredores. No entanto, a tristeza dizia mais a respeito de si mesmo, pelo reconhecimento repentino de que precisava, sem demora, trabalhar o seu desprendimento, se queria vir em auxílio do que interessava não só a Lucilla, mas também a si, mais de perto. – Não me interprete mal, por favor! Apenas quis dizer que, no plano onde nos encontramos, os que nos amam se acham mais desembaraçados de impedimentos e de preocupações para nos ajudar no que podem.

– Sim, eu entendo... Tem razão! Mas, falando sinceramente, nos meus desprendimentos noturnos nunca dei a sorte de encontrar um desses que, dizem, nos amam e se preocupam em nos ajudar nas lutas materiais...

Impressionado com o rumo quase mágico que a conversa tomava, Caio deteve seus passos, pondo-se de frente e mergulhando no olhar entristecido de Lucilla os seus olhos azul-celeste, que naquele momento, à sua revelia, transbordavam de emotividade e de amor malcontidos.

– Não apenas “dizem”, querida! Não, não pense deste jeito! – Pediu, meneando com enternecimento. – Tenha a certeza de que há os que a amam daqui, e que se preocupam com os seus rumos!

Lucila baixou a vista num ângulo, silenciosa e imersa num certo desconsolo íntimo.

– O senhor pode afirmar isso, assim, com tanta certeza, no meu caso pessoal? – E ela percorreu o olhar perdido nos arredores e no horizonte límpido e azulado da manhã fresca que se iniciava. Depois, suspirou profundamente, concluindo, quase que para si mesma. – Bem, se de fato existem, onde estarão agora? Precisava tanto ver um que fosse, ouvir os seus conselhos...

Caio sentiu a garganta se contrair, não podendo dizer nada por vários momentos.

Seu ímpeto era abraçá-la, beijá-la com paixão e ardor. Dizer-lhe que estava ali, ele, Fábio, o homem que amava, e que a queria e zelava com tenacidade inacreditável havia mais de vinte séculos!

Mas como fazer isso, extravasar tudo o que lhe ia no peito? Ela não o reconheceria; fugiria dele, julgando-o louco!

De repente, passados alguns instantes, Lucilla estranhou a pausa prolongada e tornou a voltar a sua atenção para ele, admirando-se muito da expressão indefinível que encontrou em seu rosto.

Seu olhar, preso ao dela, denunciava uma comoção qualquer, intensa. Julgou-o ausente de espírito, dominado por alguma emoção forte, talvez em função de pensamentos ou lembranças.

Observou-o um pouco. Chegou a se perguntar a razão de estar ali, abordando assuntos tão pessoais com alguém que surgira de inopino e a quem nunca avistara antes. Mas não pôde deter-se muito tempo na estranheza que lhe causavam estas impressões, porque mesmo delas nasceu uma outra, já experimentada no início daquele diálogo, e que agora não conseguiu mais calar.

– O senhor sabe? Veio-me, pela segunda vez, a ideia nítida de que já o conheço de algum lugar...

Um sorriso adorado entreabriu os lábios de Fábio.

– Talvez conheça, *domina*... – Insinuou, descuidando-se, como se mergulhado num sonho, sem poder desprender o olhar emocionado da moça à sua frente.

Uma estranha confusão tomou conta do espírito de Lucilla, ao ouvi-lo falar daquele jeito, e naquele tom de voz. Quieta, repentinamente tensa, os olhos brilhosos agora presos nos dele, ela perguntou alguma coisa a esmo, sem conexão com o que lhe ia na alma.

– O senhor também reside neste edifício, quando está em vigília?

– Não, minha querida... – Caio lutou para dominar-se. – Tenho vivido neste plano. Não me encontro na vida física, no momento... – Explicou, pensando: “Esqueça este *senhor*, Lucilla! Sou eu, Caio Fábio Quinto! Não me reconhece?!” – Mentalizou, quase súplice, intensamente.

– O que disse?...

– Como? – Caio inclinou-se um pouco para ela, atencioso, e agora preocupado. Notou Lucilla presa de um transe que dificultava-lhe a respiração, como se atormentada por algo indefinível.

– O que disse... a respeito de seu nome... não ouvi... – Ela murmurou.

Assustado, tenso, ele procurou entender o que acontecia, raciocinar. Mas era quase impossível, e acabou se deixando levar pela emoção que o dominava.

– Caio Fábio Quinto, Lucilla! – Replicou, emocionado, o olhar úmido, uma agitação imensa por dentro sendo a custo impedida de transbordar nos seus gestos e palavras.

– Lucilla... – Ele insistiu, tocando-lhe o braço de leve, carinhosamente. Ainda percebia-lhe a falta de fôlego e, preocupado, aproximou-se mais, segurando-a, gentil. – Lucilla, você está bem?

– Conheço você de algum lugar! – Ela repetiu em voz alta. Parecia atormentada, imersa em perturbação crescente, a cada instante.

– De onde? De onde você me conhece? Que há? Você parece nervosa! – Ele procurou imprimir tranquilidade na voz, no interesse de sossegá-la, pois preocupava-se com o que acontecia, e não sabia ainda, direito, como agir. Relanceou rapidamente o olhar em torno, mas Marcus havia sumido de vista.

– Caio!... – Lucilla sussurrou, de repente, em sobressalto.

O tom era outro, quase aterrado, saturado com uma mistura de dor, amor, angústia e surpresa.

Assombrado, ele compreendeu que inesperadamente a memória dela acordava, obedecendo a inusitado salto qualitativo no seu nível de consciência desperta, no plano de vida onde agora se encontravam. Entendeu ser aquela reação uma consequência da intensidade do envolvimento produzido pela sua proximidade e peso da sua influência, numa alma tão familiar e tão afinizada à própria essência do seu ser.

– Lucilla... Você se lembra?... – Perguntou, o olhar transbordando emoção.

– Por que você foi embora?... – O foco de raciocínio dela perdeu-se. A voz embargou-se, e os olhos encheram-se de lágrimas.

Ofegante, lívido, Caio a atraiu e a abraçou ardentemente, sem encontrar resistência.

– Não fui, Lucilla! *Não fui!* Nunca saí de perto de você! Nunca deixei de amar você! – Exclamou, os soluços subindo-lhe, incontidos, do peito.

Lucilla também o abraçou, em transe, perdida.

Entreolharam-se, num transbordamento de sentimentos. Caio a abraçou com força, e beijaram-se intensamente, sentindo-se desaparecer numa vertigem.

Quando pôde de novo falar alguma coisa mergulhou nos seus olhos enevoados o olhar em fogo, repetindo-lhe com energia, como se desejasse gravar para sempre na sua memória a certeza do que queria lhe afirmar.

– Lucilla! Meu amor, eu nunca sairei do seu lado! Eu te amo! Nunca a deixarei, Lucilla, nem permitirei que nos separem novamente, ou que a façam sofrer! Perdoe-me se em alguma vez fiz você se sentir sozinha! Não deixei de amar você por um segundo que fosse! Entendeu, Lucilla? Lembre-se disso!

Ela fez que sim, a esmo, olhando-o adoradamente.

Acariciavam-se, ali, entre as roseiras, mas Fábio percebeu, angustiado, que ela não conseguia se manter totalmente presente. A perturbação do momento a confundia, levando-a a oscilar entre um estado de consciência e inconsciência.

Ela falou algo sem nexos, de inopino, sussurrando de dentro deste alheamento.

– Isso é um sonho... – E desviou-se um pouco dele, meneando, aérea, e aparentando perder-se do momento. – General Caio...

– Não, Lucilla, não é! – Ele a abraçou com firmeza, procurando retê-la, e buscando-lhe, ansioso, o olhar. Beijou-a, acarinhou-lhe o rosto. – Lucilla! Não é um sonho, meu amor! Não vá embora!

Abraçou-a mais estreitamente, chorando.

Lágrimas também escorriam-lhe dos olhos, quando, retida ardentemente entre os braços de Fábio, repetiu, perdida entre as duas realidades:

– Isso é sonho... tenho que voltar...

Agora Caio apenas soluçava, contido, estreitando-a contra si. Sentia-se oprimido, desesperançado.

Beijou-a de novo, com todo o amor de que se via capaz de sentir. Fechou os olhos, e ambos, instantaneamente<sup>(9)</sup>, se transportaram ao quarto de um apartamento, onde uma segunda Lucilla dormia, presa de estranha agitação.

Ainda acariciando-a, tendo-a inconsciente nos braços, Caio a reclinou com cuidado no leito, notando, entre lágrimas, que, devolvido ao corpo a Lucilla real, o sono logo se apaziguava, entreabrindo os lábios da moça num sorriso terno e sereno.

<sup>(9)</sup> Naquele momento me pareceu urgente e necessário encaminhá-la de volta para o corpo adormecido, na tentativa de evitar um despertamento sobressaltado e doloroso em decorrência da extrema perturbação que experimentava. No exercício pleno do deslocamento mediante a mentalização, utilizado nas esferas espirituais, efetivamente o espaço de tempo para se alcançar qualquer destino é insignificante para os padrões materiais. (Nota do autor espiritual)

## VIII

### **Reflexões**

– Não se atormente desse jeito, Caio! O que aconteceu foi bom! E também necessário. No devido tempo fará bem a ela, você verá!...

A manhã era clara e aromática, e o sol das oito horas ia alto no céu azul límpido.

De volta ao jardim, acompanhado de Marcus, que retornara para apoiá-lo e ouvi-lo, Caio de início chorou incontinentemente, em desabafo, enquanto Marcus, respeitoso, deixava-o desafogar-se. Depois, quando o outro pôde se acalmar um pouco, encetou uma conversa, buscando reconfortá-lo.

– Ela estava tão próxima de mim, Marcus! O que aconteceu? Não compreendo, estou perdido! Tudo correu tão bem no início! Lucilla está sofrendo, e não posso fazer nada para ajudá-la!

– Pode, e fará! Só que com bom senso! Você deve se preparar para isso primeiro, porque não vai ajudar nada apenas chamar a atenção dela para você ignorando os problemas atuais que enfrenta na vida física, de grande peso, e sem a solução dos quais você não alcançará nada da intenção de juntar-se a ela depois, ambos livres de embaraços!

– Fomos embaraçados pelos outros! Não é justo! – Protestou, Caio, inconformado.

– Correção... – Marcus atalhou, amigável, porém firme. – Não foram embaraçados; todos se embaraçaram e participaram ativamente das causas! Hoje você assistirá ao que Lucilla viveu naquela época, durante o seu afastamento, Caio! A luta consciente e desesperada de Ciro na tentativa de conquistar da mulher que amava um sentimento que, no seu íntimo empedernido, já sabia pertencer inapelavelmente a outro! Não endosso a atitude despótica de Ciro, nem a parte de interesse que lhe coube na questão; mas gostaria de lembrá-lo novamente de que o sentimento dele por Lucilla era autêntico! Não escolhamos por quem vamos nos apaixonar, Fábio! A vida nos coloca nestas armadilhas, obedecendo à intrincada engrenagem energética que não nos é fácil decifrar, e você mesmo não está livre disso! – E ele completou, fitando o amigo com compreensão – Entendo a sua impaciência, Fábio! Mas é impossível você resolver esta situação excluindo Ciro! Vocês todos são parte da mesma história!

Caio ouvia, dificilmente concordando.

– Poderei vê-la de novo, Marcus, como aconteceu hoje? Vai se repetir? Só isso já é um consolo tão grande, para nós dois... – Ele forçou um sorriso que mal saiu, ainda dominado por desânimo e abatimento.

Marcus deu de ombros, num gesto otimista.

– Faremos o possível, Caio! O que produzimos, pelo trabalho mental, foi uma desaceleração vibratória com assimilação de fluídos que possibilitasse a ela nos perceber no diapasão em que se encontra no estado de reencarnada! Hoje, particularmente, ela se situava num campo de energias mais sutil! Mas certamente surgirão outras oportunidades! – Garantiu, confiante.

O antigo general Fábio suspirou, melancolicamente.

– Nem tenho coragem de voltar para junto dela agora! Como será que acordará, depois disso tudo? A emoção toda foi tão forte! Tão avassaladora! – Murmurou.

– Acordará bem; disso lhe dou certeza...

∞

Quando Caio enfim sentiu-se encorajado para voltar para junto de Lucilla, a manhã já ia adiantada, e ele foi encontrá-la no café da manhã, acompanhada apenas do bebê acomodado no seu carrinho, e de Thalia. Ciro estava em outro cômodo da casa.

Entrando devagar na copa, viu que naquela hora mãe e filha se mantinham em silêncio. Thalia interrompendo volta e meia o seu café, para brincar com o pequeno Cláudio, que respondia batendo os bracinhos e sorrindo. Já Lucilla se achava pensativa, dando mostras de estar espiritualmente longe dali.

Ainda bastante emocionado, Fábio aproximou-se. Acariciou o risonho bebê, com ternura, e este olhou-o diretamente, como se o visse. “Conseguiria vê-lo?” – Caio se perguntou. Marcus comentara certa vez da capacidade das crianças pequenas de enxergarem com facilidade o que se passa no mundo invisível, em virtude de serem ainda frouxos os laços que ligam ao corpo o seu espírito.

Então ele foi até Lucilla, sentando-se ao seu lado. Demorou-se a olhar dela para o menino, durante algum tempo.

– Minha família... Quando, enfim, estaremos definitivamente juntos? – Refletiu, com momentânea amargura.

Ainda uma vez espelhando a presença da afeição de outros tempos e o que lhe ia na alma, Lucilla rompeu o silêncio, de inopino, parecendo retornar de algum devaneio distante.

– Esta noite tive um sonho esquisito, Thalia! Deixou-me uma impressão tão forte, que não consigo parar de pensar nele...

Thalia olhou-a, interessada; e, junto com ela, Caio.

– O que foi, mamãe?

Pensativa, Lucilla começou a contar, tomando de má vontade o seu café.

– No sonho, eu estava num jardim muito bonito, onde via algumas pessoas. Parecia o jardim deste edifício, mas ao mesmo tempo não era... Eram jardins muito mais floridos e bem cuidados. E eu passeava no meio dos canteiros, mas não sei porque não me sentia bem. Estava angustiada. Então, de repente, apareceram dois homens desconhecidos, que me cumprimentaram. Um sumiu, sem que eu soubesse como; o outro ficou, e começou a falar comigo coisas de que agora não consigo me lembrar com clareza...<sup>(10)</sup>

– E o que tem demais disso? Por que acha o sonho esquisito? – Estranhou Thalia, ainda brincando com o bebê.

– Pelo que senti. Pela sensação que experimentei na presença desta pessoa. Era desconhecido e não era... – Explicou Lucilla, confusa.

Thalia balançou a cabeça, enfática como todo adolescente.

– Credo mãe! Como assim?

Ao lado, Caio ouvia, um sorriso encantado e sereno imóvel em seus lábios.

– Exatamente o que estou dizendo: não o conhecia, mas de repente conhecia! É realmente confuso!

– Mas...você via a fisionomia dele? Lembra-se de como era?

– Sim, com bastante nitidez! É estranho, Thalia... – Ela gesticulou, debruçando-se na mesa e esquecendo-se de uma vez do café, que empurrou para o lado. – É muito estranho sonhar com alguém nestas condições. Lembro-me perfeitamente dos seus traços: era um homem forte, com a fisionomia enérgica. Mas o olhar destoava, pois era bondoso e meigo. Até mesmo o timbre grave e rouco da sua voz ainda ecoa nos meus ouvidos...

Thalia sorriu, na travessura própria dos quinze anos, que dificilmente permite um assunto ser levado até o fim com seriedade.

– Forte?! Ele era gordo?!

– Não, Thalia. – Lucilla armou-se de paciência para lidar com a irreverência da filha. – Forte, como um homem que é adestrado nas armas!

– E era velho?

Foi a vez de a mãe sorrir.

– Aparentava pouco mais que a minha idade. Isso é ser velho para você?

– Lógico! – Fez Thalia, como se nada fosse tão óbvio, arrancando um riso franco e descontraído de Lucilla. – E ele era bonito?

– Sim... Tinha o rosto barbeado, cabelos alourados... Olhos que me pareceram azuis. Vestia-se todo de branco... – Ela contou, serenizando-se.

<sup>(10)</sup> Esta passagem ilustra bem o que ocorre mais do que se supõe durante os desligamentos noturnos de pessoas que muitas vezes tomam à conta de "sonho" o que antes foram agradáveis ou indesejáveis encontros com conhecidos, amigos e familiares do plano invisível. (Nota do autor espiritual)

– Mas ainda não consigo entender o que você viu de tão estranho neste sonho!

Se você tivesse se deparando com um ser de outro planeta, eu até entenderia; mas com alguém de carne e osso?

– É porque foi um sonho nítido demais, Thalia. Acordei de chofre, sentindo dificuldades em respirar, o coração estranhamente acelerado, como se tivesse passado por um choque! Mas isso não foi o mais importante!

A filha tornou a desviar-se do pequeno Cláudio para ela.

– E o que foi? – Quis saber, curiosa. Thalia notou que Lucilla tentava extrair minúcias das lembranças que lhe vinham ao espírito a respeito.

Ao seu lado, Caio afagou-lhe carinhosamente a mão que descansava sobre a mesa. E ouviu, ele mesmo sentindo a respiração opressa.

– Sentia-me estranhamente bem ao lado dele, com as coisas que me dizia. Como se fosse algum conhecido e afeiçoado meu de séculos! Tratava-se de uma presença tão simpática ao meu íntimo que até agora, neste momento, ainda me sinto tomada de inexplicável bem-estar, que há muito não sentia!

Thalia silenciou, pensativa, olhando para ela, enquanto a ouvia concluir, relembrando com certa dificuldade.

– Ele me falava qualquer coisa sobre *não ter ido embora*... Eu estava estranhamente agitada, e ele me acalmava, repetindo isso várias vezes!

– Você contou este sonho a papai?

– Sim... – Ela esboçou um sorriso azedo. – Como sempre, Fernando nunca leva nada a sério o suficiente, quando o assunto são interesses meus, e coisas que me dizem respeito. Forjou um ciúme pueril, dizendo que o único homem que deveria povoar os meus sonhos seria ele mesmo!

Thalia sorriu, irônica.

– E não seria, mamãe?

Lucilla reclinou-se para trás, no encosto da cadeira, suspirando. Caio, ao lado, muito junto, firmou-lhe inconscientemente a mão, temendo o que iria ouvir.

– Seria, Thalia; se as condições fossem outras. Você já compreende, e nós já conversamos várias vezes a respeito... – Ela acrescentou, zelosa. – O que não quer dizer que “outros homens” povoem os meus pensamentos à moda das mulheres que povoam os do seu pai. Você sabe que tenho brio e pudor. – Completou, séria.

Fez-se breve pausa em silêncio, com as duas pensativas. Thalia gastou um tempo mais brincando com o irmão, e Caio, não resistindo, inclinou-se, beijando Lucilla calidamente nos lábios, sem que disso ela se desse a menor conta.

– Sabe, mamãe? – comentou, então, Thalia, inesperadamente, surpreendendo a mãe. – Acho que talvez este sonho queira dizer que você tem amigos *do lado de lá*, que se preocupam com você, e que, vez por outra,

vêm visitá-la! Que não seja necessariamente este homem; ele pode ser apenas um símbolo, um ícone cerebral para o que está acontecendo! É porque os sonhos, de um modo geral, não nos deixam tanto assim, com este bem ou mal-estar! Acho que esta noite você realmente encontrou alguém conhecido, e de fato aconteceu algo...Você sabe que creio nisso; você mesma me ensinou a acreditar nestas coisas, me convencendo, pela lógica, de que são reais!

Ainda mais surpreso do que Lucilla, Caio olhou para Thalia – a antiga Valéria, que tanto os prejudicou. Jamais esperaria de uma adolescente a novidade daquela ponderação madura, que vinha bem a calhar em seu auxílio e daquilo que empreendia. Admirado como uma criança inexperiente diante das surpresas da vida, assistia, portanto, àquela mesma Valéria, antes a mãe de Lucilla na antiga Roma, que contribuiu para afastá-los e fazer, embora sem a real intenção, a infelicidade e a tragédia que abateu a existência da então filha. Agora, ela se convertia inesperadamente em aliada, a empurrar Lucilla, sem o saber, na direção dele mesmo; e, mais ainda, opondo-se a Fernando, seu pai – outrora o seu filho Ciro, na época, o filho de Blandina, que elegeu para consorte de Lucilla à revelia desta, em nome das vantagens de posição política e de patriciado.

Ponderada como sempre, Lucilla escutou o que Thalia dizia, sem concordar nem discordar.

O seu íntimo, entretanto, de uma forma que não podia entender, lhe segredava que aquilo era verdade.

Sondando a descoberto as suas emoções, Caio outra vez inclinou-se para ela. E sorriu, emocionado, sussurrando-lhe no ouvido.

– É verdade minha Lucilla; acredite, porque é verdade! Estou aqui, com você!...

## IX

### ***Sonhos Frustrados***

Caía a noite quando Caio Fábio voltava, na companhia do amigo de sempre, ao local onde o aguardavam para a continuidade da sessão regressiva.

Nilo, dando-lhe as boas vindas, os esperava, recebendo-os na entrada do pequeno pavilhão circular, em forma de domo.<sup>(11)</sup>

– Como vai passando, meu amigo? – Perguntou a Fábio, batendo-lhe amigavelmente nas costas, e apertando a mão do acompanhante – Bem-vindo, Marcus! Vamos entrar! Vamos prosseguir com os nossos trabalhos!

– Vânia, Esther e Lúcio já chegaram? – Marcus perguntou.

– Estão à nossa espera...

Após as saudações, o grupo acomodou-se em torno do já conhecido visor.

– Bem, Caio, agora que você já está familiarizado com os procedimentos da sessão regressiva, poderemos passar diretamente ao princípio da sessão! Vejo que está ansioso pela continuidade; falta apenas acrescentar, a título de esclarecimento, que a determinante das imagens a que assistimos é o seu próprio mundo interior. Desta forma, somente o que lhe for útil, e “autorizado” pelo seu Eu superior, será exibido. Tudo funciona perfeitamente neste procedimento, atendendo às suas necessidades.

– E se eu, conscientemente, quiser ver alguma coisa? Se formular perguntas, digamos assim?

– Neste caso, a sua vontade consciente também atua de forma direta, determinando as cenas que aparecerão “respondendo” as suas perguntas, ou esclarecendo as suas dúvidas mais leves... – Nilo olhou-o, atenciosamente. – Compreendeu?

Caio anuiu, e fez que sim.

– Obrigado. Era o que eu precisava saber.

– Bem; podemos começar, então? Está pronto? – Quis saber Esther.

Com o consentimento de Caio, a sala caiu em silêncio e penumbra, repetindo o ritual preparatório do dia anterior.

<sup>(11)</sup> Este setor onde foi desenvolvido o trabalho regressivo, numa fase em que eu mesmo necessitava de orientação que me sustentasse com sucesso no começo da missão a que me engajei, de amparo à médium durante as suas jornadas físicas, situa-se na cidade espiritual de nossa origem, Elysium, mencionada em trabalhos posteriores. (Nota do autor espiritual)

Talvez por lhe doer demasiado recapitular os episódios que frustraram os seus planos com Lucilla – a comunicação do seu destacamento para os quartéis de inverno nas Gálias, o estranho desaparecimento da moça, e o frio distanciamento repentinamente imposto por sua família – Caio, inconscientemente, pareceu bloquear o aparecimento destas cenas.

Quando alguma coisa mais nítida pôde ser vista na claridade azulínea da sala, ele percebeu tratar-se do momento em que, antes de partir, tomado de uma inconformação quase ensandecida com a situação de que se via vítima, provocou um encontro fortuito com o senador Fabrício, firmando-se no direito de que se via revestido de pedir uma satisfação, de vez que já era recebido na família praticamente como noivo da moça antes que se desse toda aquela reviravolta na ordem dos acontecimentos.

O senador o recebeu com a usual consideração e generosidade, apesar do imprevisto da visita, muito embora o arguto general das legiões de César percebesse, nítido na sua fisionomia, um constrangimento quase agoniado, por se ver pego desavisadamente para uma conversa satisfatória que teria preferido evitar, ou adiar ao máximo.

– General Fábio, seja bem-vindo! – Ele o convidou, cortês, à sala de visitas, fazendo sinal ao criado de plantão para que servisse vinho. – Que bons ventos o trazem? – Dissimulou, inseguro, sem saber ao certo o que dizer, e sem conseguir encará-lo muito.

Fábio, no entanto, mantinha o olhar percuciente, e afiado como espada, cravado no seu semblante.

– Não tão bons ventos, é forçoso dizer, senador! É impossível que o senhor não esteja a par dos acontecimentos! E, desta forma, antes de deixar Roma, permiti-me a ousadia de provocar este entendimento, para obter explicações e tentar apaziguar meus pensamentos, que andam à roda! – Ele lançou o olhar em torno. – Lucilla está em casa? Gostaria de vê-la ainda uma vez, e de que participasse da nossa conversa!

– Não, general! – Apressou-se Fabrício, pressuroso. – Lamento não poder satisfazê-lo; ela está fora com a mãe desde cedo, providenciando...

– Os apreços do casamento? – Caio o interrompeu, rasgando um sorriso amargo, a voz timbrando com acentuado sarcasmo.

– Não, general, não... Mas passemos ao triclínio. Creio que é mesmo necessário conversarmos! E, com o perdão da franqueza, não me parece saudável que Lucilla saiba da sua presença aqui...

O senador tomou de um lenço, passando-o pelo rosto ligeiramente suarento. Estava visivelmente nervoso.

– É claro que não é saudável, Lucilla me ama! Pelos deuses, senador! Explique-me o que está acontecendo! Acabo de chegar de uma campanha nas Gálias, e não estava previsto que após tão pouco tempo César me destacasse para um comando na mesma região! De início, não me deu a entender que

faria isso, levando em consideração ainda que, distinguido por um triunfo, julguei assegurado um período de descanso, que empregaria nos meus negócios e no acerto do compromisso matrimonial com a tua filha! Mas Lucilla tem sido ostensivamente afastada de mim! As portas da tua casa me foram fechadas de repente, e venho me recusando a acreditar no arremate disso tudo: o casamento dela com Ciro!

A voz de Caio soava enérgica e timbrava metálica, quase arrogante, quase tão contundente quanto das vezes em que gritava ordens aos seus subordinados no calor dos campos de batalha.

A digna altivez de cima da qual se pronunciava, de maneira firme e inabalável, impressionou consideravelmente o senador, e ficou claro para ele que ao astuto Fábio não escapou a movimentação sub-reptícia que o constrangeu àquela traiçoeira guinada na ordem da sua vida e dos seus planos. Porém, homem afeito aos requintes da diplomacia, por outro lado, franziu o sobrolho, nitidamente descontente.

– General, o senhor está nervoso! – Rebateu, sem demora – Estimo até que, compreensivelmente, desatinado! Mas não se dirija a mim como se cobrando posições de um de seus legionários!

– Perdoe-me! – Caio logo recobrou brio, aprumando-se – Mas estimaria uma explicação, senador Fabrício, tendo em conta a hospitalidade com que me recebia, praticamente na qualidade de genro, até há poucos dias atrás! – Completou, com austera dignidade.

– Sim; então, ouça-me, general Caio Fábio! E procure ficar calmo!

Caio reclinou-se no triclinio, atento, recebendo do criado a sua taça de vinho. Porém, sério, tenso e pouco à vontade.

Fabrício gastou um instante medindo-lhe as condições íntimas, antes de começar a falar.

– Lucilla agiu acertadamente, Caio.

– Pode me dizer a razão? – Ele cobrou, dificilmente reprimindo a revolta no tom de voz baixo, mas brusco.

– Porque ela se vê constrangida a acatar a anuência de César! Sinto muito, Fábio! Mas, embora o seu devotamento à minha filha, parece-me que Ciro Magno se antecipou na garantia dos seus interesses diante de Júlio César! – E acrescentou, puxando o tom do que dizia para uma declaração quase pessoal – É claro que sei, e certamente você, o que se esconde por detrás disso! A família de Ciro Magno é íntima de César, e comparece a palácio regularmente. Blandina é prima da esposa dele e a família anda em dificuldades financeiras! Mas, diante de um pedido pessoal de César, que, da altura incomensurável onde se encontra, não tem como se inteirar das entrelinhas da situação, Lucilla, muito ajuizadamente, não teve outra alternativa que não ceder! Apesar dos desvarios de Ciro, próprios de um jovem dos nossos tempos, sua família possui um patriciado de peso, e a minha própria situação política se veria

fragilizada se a minha filha resolvesse contrariar o nosso soberano nesta ínfima questão menor! Poderia ser levado para o lado pessoal, e você sabe melhor do que ninguém, general, que Júlio César é pouco afeito a resistências quanto às suas chamadas “graças”, sob as quais se ocultam certas manipulações políticas! E que costuma não deixar barato este tipo de afronta! – Fabrício abanou lentamente a cabeça, contemplando o lívido Caio com sincero pesar. – Minha pobre filha, general, e a concessão de Júlio César em favor de um seu oficial! Que poderia ela fazer?

Alguns momentos silenciosos, pesados, correram vagarosamente entre os dois homens.

Inesperadamente, porém, Caio se pôs de pé, empertigando-se em todo o seu orgulho; e foi com soberano e frio desprezo que declarou, devolvendo a Fabrício a taça ainda cheia.

– Entendo, senador! Entendo também todo o alcance do que foi amealhado por Ciro Magno nesta história! Ele é apenas mais uma das aves de rapina metidas na sobriedade das legiões romanas, das quais conheço mais do que pensa de um a um! Entendo perfeitamente a permuta de conveniências e interesses neste caso, ao preço da integridade dos sentimentos honestos de uma jovem indefesa! Creio, em vista disso, que não tenho o que brindar com o senhor hoje!<sup>(12)</sup> – E inclinando-se, numa reverência inusitada que soou a Fabrício como acerba ironia. – Transmita as minhas felicitações à noiva; mas eu lamento sentidamente por ela! Porque isto não é uma *ínfima questão menor!*

E voltou-se, saindo sem esperar resposta, nem que alguém o acompanhasse aos portões, fundamente encolerizado.

Entrementes, o visor passou rapidamente a uma cena que chocou o circunspecto Caio, por se tratar de uma daquelas coisas a que não pudera assistir, e de que também não houve como tomar conhecimento.

– Papai mentiu, Lívia!! Papai mentiu para Caio!! Em momento nenhum concordei espontaneamente com toda esta injúria! Papai o magoou de caso pensado, preciso ir atrás dele!

<sup>(12)</sup> Em favor de um melhor entendimento deste personagem, é oportuno o esclarecimento das funções que desempenhava na engrenagem social e militar. Mau soldado, não obstante, lograva manter-se em relevância social como lictor (oficial assistente de magistrados), acumulando atribuições como “batedor” das legiões, fazendo a guarda reforçada de generais ou do próprio Júlio César. Sempre escorado na sombra da influência do pai, soldado da reserva de alto escalão, e marido de aparentada deste primeiro imperador romano, já que deste mesmo pai herdara a vocação desastrosa para o vício perdulário, e de si não possuía fibra ou brilhantismo pessoal ou profissional que o sustentasse incólume, e acima das consequências lastimáveis dos seus desvios de comportamento, inadmissíveis no código militar rígido que ditava os requisitos necessários aos candidatos às tropas pretorianas e legiões do exército. (Nota do autor espiritual)

– *Domina*, não! – Lívia, a custo, continha a indócil Lucilla.

Ambas se encontravam atrás de um pesado reposteiro que dava entrada ao triclínio, contrariando a ordem peremptória de Fabrício para que a filha se mantivesse fora de vista durante a visita do general. Mas, ingênuo quanto às reações de Lucilla, e ignorando convenientemente o abatimento doentio que toda aquela situação imposta a fazia amargar, o senador não imaginou que a curiosidade invencível, o amor amargurado e a vontade dolorida de rever Caio ainda uma vez a arrastariam sorrateiramente para aquele posto de vigilância oculta, de onde ouviria toda a conversa e poderia ver o suficiente.

As lágrimas escorrendo abundantes pelo rosto, Lucilla viu Caio desaparecer pela saída do triclínio, a ponto de correr por um atalho natural dos corredores para alcançá-lo a tempo, na saída.

Foi contida energicamente pela pressurosa Lívia, que temia o impiedoso rancor de Fabrício, e desvencilhou-se num tranco, com grande irritação.

– Que Caio pensará de mim agora?! Ele não sabe que quando Ciro esteve aqui para oficializar o pedido, rejeitei-o asperamente, diante de meus pais! E que quando recebi o comunicado da anuência de César, dispensando-o para a ocasião dos sponsais, estive a ponto de fugir de casa ou de me matar! Estou em desespero desde aquele dia malfadado, Lívia! Ainda não compreendo direito por qual motivo eles me impõe este sacrifício que me arruinará a existência, e desnecessário ademais, porque, afinal, meu pai é um senador!! – Ela desabafava em voz alta, aos prantos. – Tenho a impressão de que vou enlouquecer! Eu amo Fábio, entreguei o meu coração a ele! E agora nem mesmo posso encontrá-lo para uma explicação! Que pensará ele de mim, Lívia?!

Abraçou-se com a sua dama e confidente, aos soluços. Lívia também tinha os olhos úmidos, e, compreensiva, acarinhava a amiga, procurando o que dizer.

– Oh, Lucilla... – Murmurou, comovida – Você é impotente neste caso! Sei que é difícil lhe pedir isso, mas de agora em diante tente esquecer, tente tirar o general Caio da sua cabeça! Espere o tempo passar, para que a sua dor diminua, e confie o seu destino e as suas preces aos deuses!

– Prefiro que os deuses me arrebatem a vida, a me entregarem a este casamento odioso com um homem que não amo, me condenando a ocultar o meu amor por Caio pelo resto dos meus dias!! – Ela explodiu num choro convulsivo, em desespero, sendo carinhosamente conduzida de volta aos seus aposentos pela sua dama de companhia.

Ainda no triclínio, ouvindo nitidamente o desafogo doloroso da filha, em meio às lágrimas copiosas, o senador Fabrício, devagar, se pôs a caminhar pela casa vazia, quedando-se em sombrios pensamentos, desassossegado.

Se pudesse adivinhar que o destino implacável viria acolher os votos lúgubres de Lucilla, envidaria esforços impossíveis para arrancá-la àquela

contingência que, agora destituída de importância a seu ver, acabaria por conduzi-la tristemente à morte prematura.

## ***Retomada de um Destino***

O visor luminoso deixou que corresse dois anos na ampulheta daqueles acontecimentos ocorridos no cenário da antiga Roma dos Césares.

Veio definir novas imagens num dia claro e ensolarado, no qual se efetivavam preparativos atribulados para uma recepção festiva de inauguração do palácio de nobre patricio, com conhecimentos importantes em todas as altas rodas da sociedade.

Desde as primeiras horas da noite, portanto, os salões brilhantes de Nero Sulpício se apinhavam de gente bem vestida e alegre, à luz das tochas, e de serviçais apressados que cruzavam de um lado para outro no afã do serviço do *bufê*.

A família de Ciro, como se esperava, lá estava presente: Décio e Blandina, inarredável da sua habitual altivez, fria e arguta. E também Lucilla, acompanhando o marido, presa de insensível desinteresse por tudo que a cercava, e de uma palidez mórbida que nunca mais a deixara, apagando-lhe o brilho do olhar e o frescor juvenil das faces, e que ela não se preocupava em disfarçar com a maquiagem pesada do uso das patricias daquela época.

Era com prazer que Ciro circulava pela alegre e ruidosa multidão exibindo a sua dama, intencionalmente não dando importância ao mutismo e à apatia da mesma, como era seu costume. Sempre procurava dar a entender aos circunstantes que a sua vida conjugal era maravilhosa, embora todos percebessem o desmentido disso no flagrante abatimento que a moça exibia em qualquer lugar que fosse.

– Pelos deuses, Lucilla! Aí vem o senador Aurélio acompanhado da esposa! Veja se sorri, ao menos, ao cumprimentá-los! – Ciro murmurou-lhe de repente, já abrindo o sorriso formal do costume.

– Não sou tão hábil quanto você em dissimular reveses pessoais, e estou aqui contrariada! Mal conhecemos Sulpício, e se não comparecêssemos, não chegaria a ser uma desfeita! – Foi a resposta baixa e seca.

O casal se aproximou e se detiveram por alguns minutos a conversar sobre as trivialidades do uso, que normalmente se falavam, e até hoje se falam em festas. Depois separaram-se, e o casal Magno continuou passeando, trocando cumprimentos aqui e ali.

O batedor de Júlio César, agastado, olhou para a jovem esposa, impassível ao seu lado.

– Você é irredutível! Quando, enfim, se decidirá a baixar a guarda e me dar uma chance? Afinal, estamos casados, e isso é um fato!

Encarando-o de volta, Lucilla fulminou-o com o olhar.

– Não é um fato, meu marido! É um constrangimento, como o foi no momento em que fui forçada a aceitar o seu pedido de casamento para salvar a situação financeira da sua família! *E sempre o será!* Jamais o perdorei por isso, nem a todos aqueles que participaram desta maquinação!

– *Domina...* Como tem passado? Oficial Magno...

Alguém que surgiu de inopino da multidão inclinou-se respeitosamente diante do casal, causando-lhes um choque. Lucilla reconheceu de pronto aquela voz, e empalideceu de maneira terrível, sem que pudesse se impedir.

– Ora vejam! – Firmando-se em sua arrogância e cinismo traquejado, Ciro abriu o seu mais dissimulado sorriso. – General Fábio, o senhor, enfim, está de volta! É um prazer dobrado, de vez que posso revê-lo e apresentar a minha jovem esposa! Acho que não soube a tempo do nosso casamento...

Aparentando sóbria frieza, Caio preferiu não responder ao comentário provocativo, voltando-se ainda uma vez para Lucilla, numa segunda saudação cortês.

– Eu a felicito, Lucilla! Como está?

– Como o senhor vê... – Ela respondeu de pronto, sem pensar, sorrindo friamente, com um clarão brilhando, lúgubre, nos seus olhos, ao encarar o general.

Preso momentaneamente por este olhar, hipnotizado, Caio pôde notar a comoção horrível que a moça experimentava, a custo contendo a respiração oprimida, e branca da cor do seu vestido.

Ela não conseguiu dizer mais nada. Inteiramente perturbada, tentando aparentar indiferença, desviou a vista para os arredores, enquanto Ciro, de sua parte, deliciava-se com a situação imprevista.

– Como foi o período do seu comando nas Gálias, general? – Perguntou, longe de estar de fato interessado.

No entanto, Caio respondia sem desviar os olhos de Lucilla, e nem se preocupou em disfarçar isso.

– Apenas o serviço de praxe. Um período que não contou com o tumulto das guerras. – Disse, em entonação de voz grave que mal se ouvia.

– Bem, seja como for, é justo um descanso! César já o distinguiu com a honraria máxima possível a um soldado romano. O senhor chegou ao topo, general Fábio! A extensão da sua influência e ascendência nos meios políticos e militares não devem em nada às atinentes aos cônsules e principais generais de tropas! Questão de tempo, a oficialização da sua nomeação e respectiva promoção para um posto cujas atribuições o senhor já domina valorosamente! Todos sabem que não foi outra a implicação da promessa de César de premiá-lo condignamente pelos seus últimos feitos nas batalhas! Para o senhor, portanto, certamente não há mais conquistas a fazer, nem vitórias necessárias!

Havia um despeito nítido nas palavras do lictor, apesar da sua desenvoltura na dissimulação, e do fino sorriso que não se removia de seus lábios.

– Às vezes, na vida de um militar, mesmo na de algum dos mais distinguidos por honrarias, Magno, há perdas irreparáveis! – Caio desviou-se de Lucilla para cravar-lhe um olhar afiado como o gume de um punhal – Não se vence sempre! Há perdas de amigos. De colegas das armas. De paz! Afastamentos demorados demais de pessoas queridas... – Os olhos dele escorregaram pela ainda lívida Lucilla, a ouvi-lo, intimidada, para logo voltarem a se fixar na fisionomia de Ciro, que fechou-se. – Traições!...

Ciro encobriu a indisfarçável contrariedade, voltando-se brevemente para a esposa, e comentando, sem deixar de perceber nela o seu embate íntimo.

– O herói de César parece melancólico hoje, minha querida! Talvez justo enfado que a saciedade das vitórias traz! Mas, continuemos a nossa ronda, pedindo licença ao nosso general, já que devemos ainda atenção a outros conhecidos que se avistam... Com o seu perdão, general Fábio! – Ciro inclinou-se formalmente, arrastando consigo Lucilla, que apenas pôde resvalar de leve o olhar triste e velado em Caio.

Este, por sua vez, sorriu-lhe, afetuoso, procurando transmitir-lhe um milhão de coisas nesta rápida troca de olhares. Não pôde, nem fez questão de responder à despedida de Ciro, voltando-se e caminhando por ali, vagaroso, a acompanhar com a vista a moça a distância, enquanto misturava-se à azáfama movimentada dos convivas.

∞

Aflita, ainda tomada por palpitações, assim que pôde se pilhar sozinha, desvencilhando-se de Ciro, que nunca deixava de vigiá-la como um cão de guarda, durante um descuido em que ele se entreteve em conversa calorosa com alguns colegas da guarda, Lucilla foi para junto da confidente e dama de companhia, Lívia.

Tão logo, porém, a moça pôs os olhos nela, sobressaltou-se, reparando no modo como, de forma repentina, a palidez doentia dos últimos tempos se lhe agravara, de súbito.

Lívia teve a impressão nítida de que Lucilla desfalecia, e imediatamente amparou-a, tentando conduzi-la a um assento próximo.

– Senhora! Sente-se bem?! Que houve?!...

– Estou apenas precisando de ar puro, Lívia! Vou aos jardins! Mas antes, deixa-me sentar só um pouco, para lhe contar!

– Que aconteceu? – A dama perguntou, ansiosa. Levando as mãos ao colo, previa que ouviria acerca de sucessos inauditos.

Olhando em torno, nervosa, como se a procurar por alguma coisa ou por alguém invisível a Lívía, Lucilla contou, a voz fraquejando:

– Caio, Lívía! Surgiu sem mais nem menos, quando eu e Ciro circulávamos pelo salão!

– O general Caio?!... – Assustou-se Lívía. – Mas...como pode? Ninguém soube da volta dele das Gálias, nem o viu em Roma nestes últimos dias!

– Talvez estivesse recolhido à sua residência no campo. E, pelo que comentou, prestou apenas o serviço de praxe no comando das legiões daquelas terras. – Ela e Lívía entreolharam-se, perplexas. – Estou desatinada, Lívía! Não pressagio nada de bom na forma como ele nos abordou de chofre, manifestando ostensivo desprezo e ironia por Ciro, e no modo como me olhava o tempo todo! Está claro que ele não esqueceu o passado... e você sabe que eu também não! – Confessou, em desamparo, depois de certa hesitação.

Preocupada, Lívía observou um pouco as emoções conflituosas a se espelharem no semblante pálido da amiga.

– Que pretende fazer? Da minha parte, não creio o general Fábio capaz de qualquer conduta menos digna ou desabonadora, principalmente se ainda a ama...

– Não... – Confirmou Lucilla, ainda percorrendo irresistivelmente o olhar em torno, pela multidão festiva, em busca de Fábio, naquele momento fora de vista. – Isto não é de Caio! E o que necessito, por enquanto, é apenas dar uma volta nos jardins, para me refazer. – Lívía ensejou acompanhá-la, e foi gentilmente contida. – Mas pretendo ir só, Lívía. Preciso de silêncio e de tranquilidade, para conseguir aquietar a minha mente, pelo menos um pouco. Logo estarei de volta. – Assegurou; e, sorrindo com amabilidade, afastou-se, acenando.

– Senhora?! – A dama a deteve ainda, por breve instante. – Que eu falo, se o seu marido procurá-la?

– A verdade: – Determinou Lucilla, com melancólica altivez. – Que me retirei um pouco aos bosques para tomar ar puro, e não vou me demorar...

∞

Àquela altura da sessão regressiva, para surpresa de Caio, ele pôde começar a ter acesso aos pensamentos de Lucilla, no momento em que, descendo, vagarosa, os degraus que davam acesso aos vastos jardins, e deixando para trás o tumulto festivo, ela iniciava um passeio por entre bosquetes e canteiros floridos, inspirando profundamente o ar puro e perfumado da noite estrelada.

O passado ressurgia nela, e à visão de Caio, em turbilhão, tomando vulto esmagador.

Todas as lembranças doces. Todas as esperanças desfeitas. Todos os sentimentos recalçados, que em verdade nunca deixaram de existir: a inconformação com o destino despótico, que a atirara de mãos e pés atados àquela união torturadora com um homem que não amava, e que a amava, porém com tirânica paixão. Pois que usurpador, perdulário, jogador e bebedor irredimível, traidor consumado desde o início da vida conjugal, era com estes ingredientes que ele a submetia e exigia da sua parte dedicação absoluta, reclamando direitos para cujo merecimento não se portava condignamente.

Deus sabia o martírio que amargava dia após dia, desde as primeiras horas da vida em comum, em função do ciúme furioso de que Ciro dava mostras em seus acessos violentos, consciente de que, irremediavelmente, o coração da moça pertencia àquele a quem tinha sido impiedosamente arrebatada por meio de manipulações em favor de investimentos de interesse.

Já sofrera humilhações de toda espécie. Ofensas, invectivas desrespeitosas. E enquanto caminhava pelos bosques, entristecida, pensava no que, possivelmente, daria aquilo tudo. As lembranças inumeráveis dos capítulos difíceis que já atravessara desfilavam, povoando-lhe os pensamentos, e abatendo-lhe de maneira impressionante o espírito, completamente ausente do local e da situação onde se achava.

Um quarto de hora decorreu assim, silencioso, tristonho, monótono. Somente os esguichos d' água cristalinos, reverberando à luz fraca do luar, quebravam a quietude ambiente, chovendo nos tanques de mármore no murmúrio cavo de uma nuvem de gotículas.

De repente, arrancada de inopino dos seus devaneios, Lucilla voltou-se num ímpeto, ao ouvir a aproximação de passos firmes, mas cautelosos.

Presas de novo sobressalto que outra vez disparou-lhe o coração, ela empalideceu drasticamente, ao dar de chofre com Caio Fábio à sua frente, como se tivesse surgido do nada.

– Que acaso a faz vagar solitária por aqui, *domina*, à parte da festa? – Foi a pergunta, a pretexto de cumprimento, acompanhada de um sorriso aberto e agora franco, diferente do que lhe dirigiu pouco antes no salão, contido e tenso.

Quando enfim pôde recobrar fôlego para falar, controlando-se o máximo que podia para não transparecer insegurança e nervosismo, a jovem levantou altivamente a cabeça, enfrentando aquele sorriso com fisionomia sóbria e digna.

– General, o senhor hoje me parece dado a repentines! Acaba de me pregar formidável susto! – Reclamou, adoradamente, em tom repreensivo.

Caio inclinou-se de leve, contrito, procurando conter na sua expressão fisionômica a ameaça de transbordamento emotivo que estava prestes a dominá-lo.

Mas a expressão do olhar o traía, e antecipava a Lucilla, de modo involuntário, tudo o que lhe ia n'alma naquele instante.

– Perdão, *domina*... – Replicou, retraindo-se um pouco.

– Respondendo à sua pergunta, esclareço que o fato do protocolo que rege a vida de meu marido me impor estas festas, não faz significar que eu goste delas! Acho que o senhor me conhece o suficiente, e deve se recordar que eu nunca as apreciei muito!

Olharam-se por uns segundos. Caio curioso, escondendo uma certa ansiedade e preocupação das quais de forma involuntária se via preso. Lucilla, um tanto desorientada, porque sabia que, à sua revelia, a sua voz timbrou desagradável e quase agressiva, levando Caio a se surpreender, penalizado do tanto que os prováveis sofrimentos suportados naqueles dois anos tinham roubado da jovem doce, feliz e ingênua a quem entregara seu coração.

– A senhora me parece perturbada, aflita. – Notou, com preocupação sincera. – Sente-se bem?

Durante alguns momentos Lucilla não conseguiu se desprender daquele olhar francamente carinhoso, que em nada mudara desde a última vez em que se viram, a examiná-la num interesse sincero em esquadrihar-lhe os sentimentos e as sensações mais íntimas, que de certa forma ela não conteve, e acabou revelando, ao responder, inquieta:

– Estou bem, general... – O tom de voz baixou, e instintivamente ela olhou em torno, em clara apreensão. – Para ser bastante honesta, apenas me preocupa estar aqui, a sós com o senhor. O meu marido não é exatamente alguém fácil de se conviver! – Olhou-o de novo, de frente. Um olhar agora desarmado, e repleto de aflição. – Por favor, deixe-me sozinha! – Arrematou, saindo rápido, num ímpeto, e pegando Caio de surpresa com esta atitude.

Isto fê-lo acordar, no entanto, por um lado, e por outro, tirou-lhe em definitivo a capacidade de dissimular mais, ao se ver, naquele momento em que inesperadamente ela se afastava, na iminência de deixar escapar uma oportunidade de reaproximação que talvez não se repetisse de novo, tão cedo.

Ela se viu contida de súbito pelo braço. Surpresa, deu com um Caio Fábio com a fisionomia agora completamente modificada, persuasiva, quase súplice.

A voz em absoluto diferente, aquele era o Caio Fábio que lhe declarara o seu amor, dois anos antes.

Reconhecia-o! As máscaras tinham caído, e, com as dele, as suas próprias.

– Lucilla! Se eu visse em seu olhar que é isso o que você quer, eu a deixaria! Mas não é! Você está angustiada e aflita desde que nos encontramos no salão, e eu também estou! Eu forcei aquele encontro, Lucilla! Tenho buscado incansavelmente esta oportunidade, desde que voltei a Roma! – Ele meneou, convicto, murmurando. – Nada mudou entre nós! Eis a razão pela qual você não suportou aquele salão por mais tempo, e veio para cá! A mesma razão pela qual eu vim!

Atordoada com aquele contato e desabafo imprevisto, e com tudo o que estava acontecendo e foi, a um só tempo, tão desejado e tão temido desde o momento em que o viu de volta, a moça sentiu os olhos se marejarem de pranto, e a voz embargar.

– Está bem, vamos deixar as meias palavras! Por favor, general! A minha vida não tem sido fácil! Como acha que me sinto? Por favor, não me atormente mais! – Pediu, voltando a tentar se desvencilhar. No entanto, inconformado, Caio a reteve com energia, e a levou para o recanto dos bosques mais escondido que pôde achar, suplicando para que o acompanhasse sem resistência.

Ela tentou ainda uma vez correr, em vão. Novamente se viu presa nos braços dele, que a envolveram firmes, com sofrida paixão.

– Por que você insiste nisso, Caio?! Quer que a minha vida seja um inferno ainda maior?! Será que você não pode imaginar o que eu tenho passado depois que você foi embora?! – Gritou, soluçando afinal, as lágrimas escorrendo e lavando-lhe o rosto febril.

– Lucilla, calma! Deixe-me explicar, conversar com você! – Ele intimou, enérgico, segurando-a com fervor.

– E por que eu deveria ouvir?! Acaso procurou me explicar alguma coisa quando foi embora?! De que vão adiantar agora as suas palavras, quando irremediavelmente os deuses das profundezas se apoderaram dos meus dias?

Não mais se contendo, ele a beijou na boca firmemente, com ardência e paixão, por um longo tempo.

– Por isso, Lucilla... – Ele enfim sussurrou-lhe, sem fôlego. E mergulhou nos seus olhos espantadiços o olhar desvelado e apaixonado, desafogando a sede reprimida por tanto tempo de dar vazão àquele amor que só fez crescer dia após dia após a separação. – Por favor, ouça-me: você deve ter paciência! Eu vou protegê-la de agora em diante, ninguém mais vai lhe maltratar! *Perdoe-me se, em algum momento, fiz com que se sentisse sozinha, meu amor!*<sup>(13)</sup>

Chorando, ainda uma vez ela tentou se desvencilhar. Em vão, no entanto. Rendida, deixou-se enlaçar por ele finalmente, num último e vazio protesto.

– Você não pode me proteger de mais nada! Olhe para mim, Caio! Veja no que se transformou a minha vida!

– Acalme-se... – Fábio afagou-lhe o rosto, retendo-a contra o peito oprimido. – Acalme-se... Abrace-me, Lucilla, e apenas descanse! – Sussurrou-lhe carinhosamente. – Não pense em mais nada! Eu te amo, Lucilla! Nunca deixei de amar!

<sup>(13)</sup> Séculos depois, eu repetiria frase idêntica, na passagem relatada nas páginas anteriores. É esse tipo de ressonância dos acontecimentos que costuma provocar o fenômeno conhecido como *déjà vu*. (Nota do autor espiritual)

A jovem o abraçou, completamente perdida numa confusão de sentimentos. Ergueu para ele o rosto, olhando-o, desamparada, as lágrimas ainda abundantes lavando-lhe a alma.

Caio mais uma vez a estreitou, de encontro a si. E a beijou prolongadamente, no silêncio perfumado do bosque e sob a luz discreta e tênue das estrelas.

Passou-se, talvez, cerca de uma hora, durante a qual, por um feliz acaso, ou por proteção dos deuses, ninguém veio no encalço de Lucilla ou em busca do general, muito embora no salão, se maldizendo por empregar tanto tempo com bebedeira e conversas fúteis com amigos e conhecidos, Ciro já começasse a empreender pesquisas sobre o paradeiro da esposa. Meio tonto, entretanto, volta e meia as suas ideias se desviavam, arrastando-o a mais uma taça de vinho, ou a uma galanteria disfarçada com alguma cortesã.

No refúgio do bosque, uma brisa fresca investia levemente, como numa carícia, sobre o casal reclinado na relva. Abraçados, ambos sentiam as mentes agora asserenadas e vazias de pensamentos, após aquela hora íntima e inesquecível de amor, que compartilharam.

Lucilla fez menção de erguer-se, mas Caio a conteve mais uma vez, como se resolvido a não permitir outra separação, fossem quais fossem as consequências.

– Caio! Não há solução para este problema! Estou irremediavelmente perdida! – Ela disse, após longo tempo em silêncio, olhando com tristeza para os arredores e para os arbustos sombrios farfalhando mansamente, sob os ventos noturnos.

Ele ainda a acariciava. Não dava mostras de poder parar de fazê-lo. Não tão rápido.

– Não pense assim. Vou encontrar uma solução. – Prometeu, detendo-se um pouco para ouvi-la, em lhe notando a melancolia no tom de voz.

– Você não me deixou escolha, Caio, que não pensar assim!

Ele a encarou persuasivamente, recobrando fôlego. Seguro, confiante, era de novo o homem de têmpera, o militar desacostumado de derrotas, falando.

– Por enquanto, eu quero apenas que você fique atenta! Sempre acharei situação para lhe encontrar, até que tudo seja resolvido! Quis proteger você de represálias de Ciro, da sua família, e de Júlio César, que poderia, no seu autoritarismo desatendido, ter prejudicado não só a você, na medida em que obstruiria a nossa união, instigado por Décio e por Blandina, Lucilla! Mas também a seu pai, no fim das contas um político honesto, e que não merece ver toda a sua carreira política maculada em razão de intrigas familiares! Com isso, fomos sacrificados! Mas agora vejo que errei no meu julgamento, e, portanto, cabe a mim resolver um problema que eu mesmo criei, afastando-me de você na hora errada, quando deveria ter perseverado! Afinal, nunca podemos ter certeza do futuro julgando somente pelo que se baseiam as

nossas suposições! Quem sabe tudo não se acomodaria mais a contento do que temi, e agora eu não teria o desprazer de reencontrá-la neste lastimável estado de espírito? – E, levando-lhe amorosamente a mão vigorosa ao rostinho delicado, endereçava-lhe o olhar repleto do desafogado sentimento que o empolgava, naquela noite marcante para o destino de ambos. – Confie em mim, Lucilla! – Arrematou, entre enfático e comovido.

– E o que você pretende fazer, general? Matar Ciro? – Ela replicou, desassossegada, após escutar, palpitante, o seu tocante discurso. – Acha que se trata apenas de mais uma batalha, onde tudo que se tem a fazer é eliminar o inimigo? Eu estou casada com Ciro, Caio! Você sabe que o perjúrio é visto como um crime contra a honra, e normalmente é lavado com sangue!

– Não, meu amor! – Ele meneou, convicto – Não se trata de perjúrio, e sim de traição! Razões, eu as tenho, para reivindicar um atentado contra a honra: a *minha* honra! – Ele acentuou, o olhar agora brilhoso e saturado de uma energia impetuosa, quase maligna – Você foi conduzida a este casamento em situação de sacrifício, para salvar as finanças e o nome de uma família patricia! Repito: se alguma honra deve ser lavada, esta é a minha, e assim que o conseguir, recompensarei você por tudo que tem sofrido! – Ele a beijou, com ternura. E sorriu-lhe, afetuoso, tentando transmitir-lhe tranquilidade, enquanto aflagava-lhe os cabelos sedosos. – Nós vamos conseguir, Lucilla!

– Receio que a questão não seja apenas “conseguir”... – Ela limitou-se a dizer, entre amorosa e triste, mergulhada em pressentimentos sombrios.

## ***Martírio Conjugal***

Mal pôs os pés de volta no salão de festas do palácio, bem mais vazio àquela altura, quando boa parte dos convivas já havia se despedido, Lucilla sentiu-se agarrada agressivamente pelo braço por mão férrea e pesada como chumbo, que fê-la se voltar, com um solavanco.

Pálida, sobressaltada, foi com mal contida irritação que deu com um Ciro Magno de olhos injetados, mal se sustendo, e exalando hálito carregado e impregnado de álcool, a cobrar-lhe em voz alta, numa atitude hostil que nem se preocupou em disfarçar diante dos circunstantes.

– Lucilla!! Como a senhora, mulher casada, se atreve a desaparecer das minhas vistas por mais de uma hora, sem comunicar-me o teu paradeiro? Por onde anda o teu pudor, mulher doidivas e irresponsável?

Ela se desprende com solavanco idêntico, não sustentado por Ciro pelas forças em declínio, sob o efeito das doses excessiva de álcool.

– Mas... *Qué?!...* – Rebateu com energia, os olhos a chisparem ódio e desprezo. – *Eu* é que te pergunto: com o que tu te apresentas diante de mim deste jeito deplorável, e com estes modos, cobrando satisfação a respeito de coisas que não te devo, como o meu justo direito de ir e vir? Comuniquei a Lúvia que estaria nos jardins, necessitada como me encontrava de respirar ar puro, por causa do abafamento excessivo dos salões, a me causar tonteira!

– Não é o que me sugere o estranho rubor que percebo nas tuas faces! – Ele voltou a balançá-la pelo braço rudemente, os dedos grossos enterrando-se-lhe na pele clara e delicada que logo se ressentiu, dolorindo e avermelhando. – De qualquer forma, tuas ausências devem ser comunicadas diretamente a **mim!** – Frisou, rispidamente – E não à tua dama de companhia, que sei fiel a ti como um cão! – Arrematou, com brutalidade.

– Que quer insinuar com estas palavras, Ciro? Como te atreves a duvidar da minha dignidade?! Com que moral, *tu*, o mais indecente dos homens em toda Roma, de tal modo que a cidade toda já anda farta de comentar? *Largame!* – Ela exclamou, rubra e encolerizada, soltando-se mais uma vez – Tu me fazes passar vergonha diante da sociedade!! Quero ir embora! Sinto-me indisposta, e a cabeça anda à roda!!

E afastou-se, sem esperar resposta, na intenção de despedir-se sumariamente dos conhecidos, e deixar aquela odiosa festa quanto antes.

– Ainda não te disse tudo, mulher pérfida e traiçoeira! Em casa, me ouvirás! – Ciro rugiu para si mesmo, veemente, sem reparar que, a pouca distância dali, alguém que acabava de retornar também ao salão, sub-

repticiamente, assistira, enfurecido, àquela cena entre ele e Lucilla, mal contendo-se.

Sombrio, irritado, Caio acompanhou Lucilla com os olhos atentos, até vê-la desaparecer na multidão. E depois, tomou ele mesmo outro rumo, dificilmente se dominando para não cometer nada impensado contra o agressor da moça de um modo que o pusesse a perder, e aos planos que começava a arquitetar para o futuro.

Uma segunda pessoa, no entanto, investia contra Lucilla naquele momento.

– Lucilla!! Teriam os deuses te enlouquecido?? Há mais de uma hora teu marido te procura feito doido, e eu e teu pai não sabíamos mais o que fazer para poupá-la da cólera dele!! Que os deuses te resguardem!! – Valéria veio ao seu encontro num ímpeto afobado, antes que ela pudesse alcançá-la.

– Já falei com Ciro, mamãe, e foi inútil pedir aos deuses que me poupassem da sua cólera, pois que me trata como escrava, e não como esposa! – Inquieta, pálida, oprimida, Lucilla largou-se por breve instante numa cadeira. – E alguém pode me dizer por que não consultaram Lívia? Disse a ela onde estaria!

Os olhos de Valéria faiscaram ao ouvir aquilo.

– Nada, Lucilla; nenhum passeio aos jardins para respirar ar puro justificaria uma ausência tão prolongada! – A mãe sentou-se ao seu lado, agitadíssima; e gesticulou, repreensiva – Que pensa você?? Fui até Lívia e ela repetiu para mim o teu pretexto pouco convincente! Pensa que Ciro se contentou com isso? Ele mal me ouviu, e saiu à tua cata, como fera esfaimada!

Sentindo-se terrivelmente molestada com aquela sequência imprevista de ataques, quando julgara que voltaria ao salão tendo o seu afastamento passado despercebido, a moça estava cada vez mais atordoada.

– Mamãe, que está acontecendo? – Ela encarou Valéria, angustiada, lutando para não perder o controle de si mesma e da situação. – Não me recorde de ter sido tão vigiada nos meus passos quando ainda estava solteira! Por qual motivo agora, que estou casada, não posso me ausentar por uma hora de uma festa que me aborrece, e na qual meu marido, como sempre, bebe em demasia e corteja mulheres sem nenhum decoro, impondo-me humilhação inqualificável?!

– O motivo... – Rebateu Valéria, impávida, sem subterfúgios. – ... é que nesta festa surgiu, de inopino, o general Caio Fábio Quinto, cujo aparecimento imprevisto causou sensação geral entre todos os que aqui se encontravam, Lucilla! Vi quando ele os abordou, a você e a Ciro, no salão! Vi o seu sobressalto, a forma como se olharam! E vi quando ele desapareceu daqui à sua procura! Uma mãe sabe tudo, Lucilla, e você erra ao presumir que não conheço o suficiente a minha filha e o que lhe vai ao íntimo, para não estar

certa de onde você esteve até agora, e com quem! – Desfechou, incisiva, veemente, um clarão sombrio a brilhar em seus olhos. Quando viu a filha empalidecer ainda mais, muda, inerte, sem poder sustentar-lhe o olhar inquiridor, obteve a confirmação que queria. Pegou-lhe do braço com firmeza, e advertiu a mais, surdamente, com severidade – Lucilla, você conhece o seu marido, e o caráter que predomina na família Magno! São despóticos, dominadores, cruéis! Mais ainda, íntimos de César! Não vá cair na insanidade de travar uma luta aberta contra este homem, melindrando-lhe os sentimentos e a honra, pois isto poria a perder não só a sua dignidade e a de nossa família, não só o seu casamento! A própria carreira de seu pai se veria ameaçada, e esteja certa de que a morte infamante, de Ciro ou do general Quinto, será o desfecho de toda esta loucura, lançando a vergonha sobre todos nós quando forem descobertos os motivos!

Os olhos marejados de lágrimas prestes a escorrerem pelo rosto mimoso e triste, Lucilla voltou a olhar Valéria com profundo desgosto, que causou no coração da mãe um aperto, um calafrio agourento percorrendo-lhe os membros, e provocando-lhe um quase alarmado receio.

– Se você conhece, como diz, a sua filha, mamãe; se viu a minha comoção ao reencontrar Fábio, e se sabe também da crueldade e despotismo da família Magno... por que me impôs este casamento? Por que o fez, sabendo destas coisas? Acaso era este o destino que queria para mim? – Lucilla argumentou, agora entre lágrimas francas, a voz embargada, súplice.

Depois levantou, afastando-se rápido ao ver que Fabrício se aproximava, sem dar mais tempo a Valéria para responder o que quer que fosse.

Vendo a filha sair daquela forma precipitada, e o abalo visível da esposa, que ofegava, aparentemente desorientada, Fabrício a alcançou, pressuroso.

– Que aconteceu, Valéria? Lucilla apareceu? Onde estava, afinal?

Ao invés de explicar, erguendo-se, a esposa lançou-lhe um olhar frio e cheio de um temor indefinível.

– A coisa mal feita mais cedo ou mais tarde gera frutos, Fabrício! Mas não me peça esclarecimentos por enquanto! Vamos para casa!...

∞

Lucilla acabava de se aprestar para o repouso noturno. Triste e silenciosa, olhava pensativamente a própria imagem no espelho de metal polido à sua frente, sentada diante de um toucador de onde Lívia, agora, apanhava uma escova para destrinçar-lhe os longos cabelos rebeldes.

Ela havia conversado longamente com Lucilla sobre os sucessos ocorridos na recepção de Sulpício, e o cerne desta conversa fora o general Fábio.

Como sempre, imensamente necessitada de desafogar-se, Lucilla lhe abriu o coração, contando tudo que ocorrera. E foi tomada de lívido espanto que

Lívia foi inteirada de quão longe tinham ido naquele reencontro intenso de emoções. Imbuída dos melhores sentimentos pela amiga e senhora, foi com razão que a advertiu da temeridade do que fizeram, chegando a qualificar de insano o procedimento arrebatado e passional de Caio, embora tal comentário fosse permeado do mais legítimo respeito pela pessoa do general. Assegurou a Lucilla que o compreendia, bem como às razões que o levaram àquele arrastamento incontrolável; mas fê-la ver, com sensatez, a gravidade de que aquele acontecimento se revestia, lembrando-lhe o tipo de homem que Ciro era. Atemorizava-se, só ao imaginar a reação do lictor se, de alguma forma, viesse a saber do que se passou.

Lucilla ouvira as ponderações lúcidas da amiga reconhecendo-lhe a lógica, e os bons sentimentos que as inspiravam. Entretanto, declarou-se a Lívia rendida pelo peso do acontecido.

Não teria podido resistir a Caio. Não teria podido, nem o queria, fossem quais fossem as consequências. O amor cegava-a! Era mais forte, devastador! Paralisava-lhe a capacidade de pensar. E além do mais, apesar de tudo – alegou – sentia-se estranhamente segura e protegida na presença daquele que amava.

Ela, Lívia, não tinha como avaliar o efeito avassalador ocorrido naquele momento, em decorrência da presença, do contato físico por tanto tempo adiado – mas tão sonhado, fantasiado, lembrado e desejado por ambos, desde dois anos antes. Era difícil descrever o que sentiu. O que a dominou, quando os braços carinhosos de Fábio a envolveram, tomando-a resolutamente, com forte paixão. Quando o calor da sua respiração opressa aqueceu-lhe a nuca, por entre beijos, e sentiu o arranhar ríspido da sua barba em seu rosto, ao beijá-la nos lábios ardentemente, com o contato inteiro do seu corpo naquele momento!

Teria ela, Lívia, podido resistir àquilo, naquelas circunstâncias? Após dois anos amargando a dor de um amor interrompido à força, sob o despotismo de um capricho imperial, sendo constrangida a suportar a proximidade física e os carinhos de um homem que lhe era indiferente, e que lhe causava acerbo repúdio?! Dia após dia vivendo de sonhos, das recordações de um amor perdido, que só fez aumentar com a distância e com o passar do tempo!

Então, subitamente, como se por miragem, por milagre dos deuses... Subitamente, aquele amor retorna, e surge de inopino à sua frente! E, de repente, se vê novamente, de um momento para outro, nos braços daquele homem que amava, e que, bem sabia, ainda a amava também, até a loucura! De quem a simples lembrança a fazia, até então, adoecer e definhar de mágoa, de angústia, de saudades!

Inesperadamente, ele reaparece e a toma nos braços! E ela se vê sentindo-lhe intensamente o calor do corpo, ouvindo-lhe o timbre de voz grave e rouca rente ao seu ouvido, a repetir-lhe, apaixonadamente, as mesmas

palavras de amor de outrora. Sentindo-lhe as mãos fortes de guerreiro acariciando-lhe ansiosamente o corpo, num arrebatamento incontável e saturado de um desejo louco, irrefreável, que ambos não tinham como conter!

Pedi a Lúvia que, por um breve momento, se pusesse no seu lugar! Que experimentasse, mesmo que ficticiamente, a mesma situação, e então lhe respondesse, com franqueza, se seria capaz de resistir e de não se deixar levar.

Seria coisa honesta e sincera, resistir? Como poderia rejeitá-lo, empurrá-lo, dizer que não, se todo o seu ser e o seu corpo gritavam o contrário? Se o simples toque das mãos de Fábio a fazia estremecer, cortando-lhe a respiração, e as coisas que lhe dizia, com a sua voz grave e serena, paralisavam-lhe os pensamentos?

Ele lhe infundia bem-estar e segurança como há tempos não sentia! Confiava nele! Na realidade do seu amor, que resistira até então, e nas suas decisões. Seguiria Fábio cegamente! Via-se perdida na situação atual, e ao lado dele nada teria a perder. Honra? Mas a honra, a dignidade, as julgava perdidas, desde que se vira obrigada a passar-se para as mãos do homem odioso que não amava, em nome de um jogo de conveniências que lhe sacrificara a vida, e que a repugnava!

Não! – Assegurou a Lúvia – Entendia o que ela queria dizer. Mas não podia; não tinha forças para agir diferente!

A entrada abrupta de alguém que afastou o reposteiro bruscamente arrancou as duas jovens do silêncio longo que mantinham, mergulhadas nos seus pensamentos, após aquela emocionada troca de confidências.

Ambas voltaram-se a um só tempo, dando com um Ciro iracundo parado na porta, de fisionomia congesta.

– Lúvia! Avia-te! – Ordenou, energicamente, o olhar carregado cravado na esposa que empalideceu, preparando-se interiormente para uma cena que adivinhava tormentosa.

Levantando-se com dignidade, ela nem chegou a ver o momento em que, obedecendo a Ciro, a dama de companhia deslizou furtivamente para fora do quarto, apressada.

– Pela disposição pouco amável com que entras neste quarto... – Começou, então, Lucilla, altiva, falando antes dele – ...pressinto que pretendes outra cena desagradável, e confesso-te, Ciro, que me encontro adoentada e pouco disposta para suportar tal coisa! Poupa-me, portanto! Tu ainda transcendes álcool, e conviria que descansasses, pois molestar-me mais uma vez não fará apenas com que eu me enfade! Tu também sairás daqui pior!

– Cala-te!! – Cortou o marido, rispidamente, a voz quebradiça pelo excesso de vinho trovejando no quarto – Que a tua situação não te permite te dirigires a mim como se fosses tu a ultrajada! Cala-te, mulher pérfida e dissimulada, e apenas ouve o que te tenho a dizer!!

Lucilla respirou fundo, armando-se de fôlego. E ficou-se, muda, a ouvi-lo, olhando-o, simplesmente. Procurava concentrar a mente na imagem de Caio, tirar forças do amor que os unia, e que os vinculou definitivamente, depois daquele reencontro de horas antes.

Implacável, Ciro prosseguiu, rindo seco.

– Tua morna apatia acaba, Lucilla! Tua atitude apática de dois anos muda, sem que tu percebas! Mas sei de onde, neste instante, retiras forças para me enfrentar com toda esta serenidade imperturbável, e superioridade absurda! Tiras esta força da alegria descabida que te causou o reencontro com aquele general infame, que se atreveu a nos abordar com toda aquela audácia e desfaçatez, mirando-te ostensivamente, diante de mim! A hora do acerto de contas com ele, no entanto, já está guardada, e te recordo que, para isso, conto com o total respaldo do próprio Júlio César, que há de gostar de saber da falta de decoro e de lealdade às suas decisões da parte do seu principal oficial! – Ele cresceu para ela, avançando, ameaçador – Advirto-te, portanto, Lucilla, que não te alegres muito com o que possa ter representado a hora preciosa, na qual tu e aquele bastardo me atraíam naqueles jardins! Porque o que tu entendes agora como o instante mais caro da tua vida pode vir a se transformar na desgraça futura, que tenho meios de sobejo de desencadear, a um só tempo, não só na tua cabeça e na daquele pretoriano maldito, mas também nas de todos os teus! Resguarda-te, pois, de desvarios, e do caminho duvidoso que já comesas a trilhar, mulher perjura e infiel! E evita, por todos os meios, macular-me a honra, para que eu não tenha que esmagá-la impiedosamente! Estás avisada! E, de agora em diante, não deixarás esta casa sem a presença de um dos homens da minha confiança! Entendeste?? – Esbravejou, colérico.

– Sim, meu marido; mas deixa-me apenas dizer-te que, ainda que os teus homens de confiança vigiem os meus passos até o final dos meus dias, não podem conseguir de mim uma simples coisa, que é o cerne de toda esta questão: – Ela estreitou os olhos, dando um passo à frente. E concluiu, de cima de um supremo desprezo – ...*que eu te ame!* Agora, deixa-me, se nada mais tens a dizer, que já não posso mais! Tenho que descansar!

Rubro, as mãos crispadas, contidas a custo apenas da lembrança de tratar-se, a sua mulher, da filha de um senador, Ciro voltou-se, brusco, deixando o quarto num ímpeto, enquanto Lucilla largava-se na cama, afogada em lágrimas.

## XII

### ***Elucidações***

Tão logo o visor se apagou, encerrando mais uma sessão regressiva, Caio voltou-se para Marcus, após muito se conter para não extravasar exclamações e comentários de surpresa e indignação durante a exibição dos últimos episódios.

– Então é a isto, Marcus, que você classifica de “amor” por Lucilla, ainda que “egoísta na expressão e errado nos métodos”, como me disse antes?! Será que você sabe, então, o que é amor?!

– Sim, sei. – Confirmou o amigo, com serenidade e compreensão. – E sei também que, até que possa ser manifestado na sua expressão mais sublime, este sentimento primeiro surge em rudimento, como pedra preciosa em estado bruto, com caracteres de egoísmo, tirania e possessividade doentia. Não deixa, no entanto, de ser amor em situação embrionária, precisando de burilamento que lhe desentranhe as qualidades da sua essência divina. Ciro, lamentavelmente, ainda não atingiu este estágio; mas Lucilla foi a pessoa que despertou, nele, os primórdios deste sentimento! Ciro vem lutando por ele usando as armas de que se valem a sua escassa compreensão e apuro pouco desenvolvido de sensibilidade, instrumentos mesclados de interesses materiais mais grosseiros e de possessividade cega, sem o refinamento emotivo que você já possui.

– E por que tem que ser Lucilla a encarregada desta missão ingrata, de refinar os sentimentos deste homem, que se voltou para ela, de início, por um capricho masculino, e que a vem tiranizando desde então, com os elementos desgovernados da sua sensibilidade ainda rústica? – Reclamou Caio, inconformado.

Marcus demorou-se alguns segundos a contemplá-lo, pensativo, enquanto o outro lhe cobrava explicações no semblante claramente impaciente e ávido por elucidação.

– É justo que Lucilla se responsabilize por aquilo que, num passado longínquo, desencadeou de maneira impensada, Caio!

Admirado do que ouviu, sem nada entender, Caio olhou de um para outro na sala.

– Mas...como? Lucilla em momento nenhum fez empenho em alimentar qualquer sentimento neste homem! Era a mim que ela amava, e ainda ama!

– Marcus refere-se a um passado ainda mais recuado do que este que você presencia agora nas nossas sessões, Fábio! – Esclareceu Lúcio – O trio Caio-Lucilla-Ciro tem a sua origem numa história muito mais remota do que a

vivenciada na Roma dos Césares. E tanto você quanto Lucilla, acredite-me, já tiveram o seu estágio de “Ciro”, no capítulo da sensibilidade pouco desenvolvida e imatura! Houve uma época, com efeito, em que Lucilla começou por despertar deliberadamente o interesse emotivo de Giro para si, tripudiando com crueldade sobre ele depois, quando se viu enfastiada e dominada por novas necessidades no campo dos relacionamentos afetivos!

Aquelas eram novidades com as quais Caio não contava. E, inerentemente intuitivo, algo de súbito gritou-lhe em alta frequência das entranhas da memória espiritual, pregando-lhe formidável susto.

Sem poder acreditar, de início, no que a sua própria sensibilidade lhe segredava, Caio rejeitou, momentaneamente desorientado.

– Refere-se a mim? – Arriscou, tomado de um receio originado na própria convicção íntima.

Algo lhe dizia, efetivamente, que era aquilo! Que nem mesmo precisaria perguntar ou cobrar confirmação, e ele procurou coragem para encarar a nova revelação.

– Fui eu o motivo; a nova necessidade afetiva que surgiu na vida de Lucilla, em prejuízo de Giro?! Não posso acreditar nisso! Então, Giro já foi reto e justo algum dia, e se corrompeu por nossa causa? Mas então, ele regrediu interiormente? Como pode isso ser possível, se a meta natural de todos é progredir, é a evolução, e nunca o retrocesso?

A mente dele andava à roda, esfervilhava, roubando-lhe a capacidade de raciocinar. Aquele passado, ora velado e obscuro a respeito de si mesmo e daquela que o interessava, o espicaçava, e investia diretamente contra o seu orgulho e amor-próprio. Porque então tirava-lhe o direito de se colocar na posição de vítima e de julgador de Giro, como o fizera até então.

Se tudo aquilo era verdade, quem, afinal, era a vítima, e quem o carrasco? Difícil dizer! E ele confundia-se, angustiado.

– Giro não era bom e justo dentro da compreensão da esfera de consciência mais avançada na qual você vive atualmente, Caio. Você, e também Lucilla, aprenderam muito, e cresceram com o passar do tempo, dos sofrimentos, e das experiências. Mas é preciso que você compreenda, relativamente à época à qual nos referimos, que quem não agiu “reta e justamente” em termos de intenções foi justamente Lucilla, e embora Giro trouxesse a sua própria bagagem pessoal, repleta ainda de mais enganos do que de acertos, foi atraído com legitimidade afetiva para a armadilha que a naquela época sedutora Assaheris<sup>(14)</sup> lhe armou, enredando-o como numa teia de aranha, embora o atraísse lançando mão dos artifícios mais grosseiros que

<sup>(14)</sup> Referência à antiquíssima reencarnação vivida por Lucilla na minha companhia – o então Raptah – nas terras do Egito dos milenários Faraós, muito anterior ao começo da história gloriosa do Império Romano. (Nota do autor espiritual)

compõe o fascínio exercido pela materialidade. Ciro apaixonou-se loucamente por alguém, pela primeira vez na vida! E quando ela o tinha firme nas rédeas, completamente vulnerável, encontrou você! E, diante da identificação fulminante que experimentaram um pelo outro, de imediato, ela decidiu inapelavelmente que não o queria mais, – aliás, seguindo com fidelidade o que lhe ditava o coração, naquele caso verdadeiramente enredado ao seu de maneira definitiva e autêntica – e que poderia descartá-lo, como a algo imprestável! Só que o estrago no mundo emocional do já irascível Ciro foi lastimável, e quase irreversível! Se houve um retardo, portanto, do avanço espiritual na alma inerentemente impulsiva do então Eritrus, isto deve-se, em grande parte, à participação de Lucilla nestes episódios! E é por isso que agora, respondendo à sua pergunta, coube a ela naturalmente – e voluntariamente – atuar em benefício do progresso daquele que, em virtude de mágoa e ressentimentos, encontra-se “cristalizado” na sensibilidade e nas manifestações mais refinadas do amor! Ciro não regrediu, Caio! Ele apenas estacionou no desenvolvimento natural da afetividade!

Caio ouviu o relato de Lúcio, silencioso.

Poderia pedir confirmação regressiva, mas nem por um momento se encorajou a fazê-lo. Não via necessidade. Algo em si mesmo atestava a veracidade, garantindo-lhe que se tratava de um retrato vivo de um seu passado já remoto, embora com conseqüências ainda vivas nas suas experiências atuais.

Um longo intervalo se fez, e ele meditou extensamente sobre os novos dados que lhe foram oferecidos sobre aquele enredo que o atingia diretamente, na própria essência do ser.

Sério, após aquela reflexão, durante a qual os seus Instrutores esperaram respeitosamente, Caio, enfim, olhou diretamente para Marcus.

– Marcus; não me interessa absolutamente quem Lucilla foi, ou o que fez, ou as conseqüências disso! Eu sei do que ela é atualmente, e do que representa para mim, mais ainda agora, que tenho a memória desperta para os fatos acontecidos em Roma! O que Lúcio me conta me envolve nisso ainda mais, e de maneira definitiva! Também já fiz muitas outras coisas antes de ser o que sou! Quero ajudar Lucilla na tarefa que, voluntariamente ou não, lhe cabe, Marcus! Que preciso fazer, para ajudá-la a ser bem-sucedida, seja lá no que for?

Marcus meneou com casualidade.

– Acho que, facilmente, fica claro para você que o que Lucilla pretende é fazer o Fernando atual enxergar a lealdade de que vem se revestindo o seu comportamento, inalteradamente, desde que se casaram. Assim, ele transformará o seu julgamento conveniente de que a esposa o negligencia, de que se vale para permanecer indefinidamente no seu estilo de vida desleal e pouco confiável. Não é a Lucilla que ele acusa de negligência afetiva, Caio; é a

Assaheris! De alguma forma distorcida, ele só consegue ver, nela, a volubilidade emocional da antiga egípcia, e posteriormente patrícia romana, por quem se apaixonou, tamanho é o peso atávico que os vincula! E, portanto, você deve perceber que pode auxiliá-la sem ignorar as razões do ex-Ciro por debaixo da conduta do atual Fernando, e em consequência os direitos que possui a uma compreensão e auxílio neste sentido! – Arrematou Marcus, amigoso, com simplicidade.

Ouvindo-o, compenetrado, Caio cruzou os braços, suspirando.

Avaliava de si mesmo até onde ia a sua capacidade de desprendimento e abnegação para seguir a contento a orientação recebida.

Por vários instantes a mais, o seu olhar incerto divagou ao acaso em torno, enquanto perdia-se em pensamentos e considerações.

– Bem, amigos... Fica desde já marcada nova sessão para daqui a dois dias! – Definiu Lúcio, sorrindo, amigável.

∞

As preocupações atuais de Caio o levaram para junto de Ciro. Sentia necessidade de avaliá-lo, e ao seu íntimo, à luz das novas informações de que dispunha, acerca do passado vivido em comum.

Acompanhado do incansável Marcus, alcançou-o na saída de seu serviço para o almoço, no dia imediato.

Como sempre mal disposto em relação ao comportamento do rival, a seu ver injustificável, já que sempre se encontrava na defensiva em razão do seu protecionismo por Lucilla, ele viu que Ciro fazia-se acompanhar de mulher distinta na apresentação, mas indiscutivelmente duvidosa na conduta, dados os modos que assumia junto a Ciro, demonstrando inquestionável intimidade, e a energia saturada das nuances de materialidade sensual mais grosseira, de que se revestia a sua aura avermelhada, rubra.

– Por que com você e com Lúcio as conclusões a respeito dos fatos nunca são o que se espera, de acordo com a obviedade do que se vê? – O antigo general pretoriano protestou, mais uma vez – É Ciro quem trai! É ele quem engana, e age usando de má-fé e de deslealdade! E, no entanto, é justo ele quem alega negligência da parte de Lucilla? Logo ele? E, dados os acontecimentos atuais, ainda que houvesse negligência, poderia Lucilla agir e reagir de outra forma?

Com a usual paciência, Marcus respondeu, sorrindo, amigável.

– Volto a lembrá-lo de que Lucilla não é negligente, Caio, e lhe cabe toda a razão ao alegar a posição falsa de Ciro ao julgá-la, pois em princípio não assiste a ninguém o direito de julgar. No entanto, Assaheris o foi; e é isso, precisamente, que dita o comportamento do Fernando atual, que nada mais é que um ser só, único, ontem como hoje, atuando na eternidade em

multiplicidade de situações e em esferas sucessivas de consciência! Os acontecimentos, entretanto, não desaparecem, pura e simplesmente! Suas marcas permanecem no tempo, através das consequências que desencadeiam, e é por isso que ao espírito ainda confuso e pouco esclarecido de Fernando a Lucilla de hoje é a Assaheris de ontem, e, tendo ele pouca compreensão do mecanismo evolutivo que rege os seres, não sabe fazer diferente de reagir a ela como se estivesse permanentemente diante da mulher que lhe desgraçou o destino outrora...

– Desgraçou o destino?! – Caio olhou-o, tomado de surpresa e estranheza diante do termo pesado usado por Marcus para descrever a situação.

Marcus balançou a cabeça, as mãos cruzadas atrás das costas enquanto caminhavam no calço do casal que passeava distraidamente na calçada tumultuada do Centro da cidade do Rio de Janeiro, a conversar.

– Há muito que ser recuperado pela sua memória consciente, Fábio! Outrora, Ciro o golpeou mortalmente, movido pelo ciúme cego e feroz, e Lucilla, em razão disso, pôs termo à vida! Mas, à época dos faraós, foi ele o vitimado, nos eventos funestos que envolveram os episódios deste triângulo amoroso.

Intimidado diante do que ouvia, e receoso da resposta que viria, Caio tentou conter a pergunta. Uma necessidade imperiosa, porém, o compeliu a externá-la, movido pelo interesse de saber como deveria agir no futuro, em benefício dele mesmo e de Lucilla.

– Vitimado como? Que aconteceu? Ele também se matou?

Usando de uma franqueza honesta, mas compassiva, Marcus atendeu à curiosidade do amigo, pois sabia de antemão da utilidade de revelar a verdade naquele momento propício, e psicologicamente correto.

– Assaheris poderia ser mulher volúvel, infantil dos sentimentos, e desorientada na forma de se conduzir com o semelhante, Caio! Mas não existia nela calculismo! Envolvida com você, sentia-se atormentada e presa na sua ligação com o então Eritrus, que a queria com um zelo doentio, a raiar pelo desatino! O sangue frio responsável pela ideia da bebida envenenada que o desavisado Eritrus ingeriu partiu da sua cabeça: do antigo Raptah, que engendrou todo o plano, e providenciou a mistura letal que Assaheris depôs, dementada nas emoções, na taça da bebida que ele religiosamente bebia toda noite, antes de se deitar.

Caio parou de andar, quedando-se em pálido espanto, e encarando Marcus que, com isso, interrompeu-se. Era somente o fato de conhecer o amigo profundamente, de épocas a perder de vista, recuadas no pretérito, que lhe permitia não rejeitar energicamente o que ouvia, explodindo em protestos e na negativa do que sentia dificuldades em aceitar, em virtude da impossibilidade de auxílio da memória embotada.

Parecia ao ex-pretoriano de César que um cataclismo desmoronava-lhe as entranhas do próprio ser!

Então sua mente, no passado, maquinara um crime, agravado pelo envolvimento de consciência com que levou Lucilla a praticá-lo?!

Ele e a mulher que amava, e que agora protegia de Ciro com todas as forças e energias da sua alma ousada e tenaz – ambos haviam sido criminosos!

Provavelmente, aliado ao louvável amor que sentia por Lucilla, era a consciência latente destas coisas que o impelia o tempo todo àquele zelo supremo, àquela necessidade dolorida e avassaladora de resguardá-la das possíveis atitudes prejudiciais que Fernando – a vítima de outras épocas, no fim das contas – pudesse mobilizar contra o alvo de seus mais caros sentimentos, instigado por qualquer eventual impulso de vingança, como resquício do que antes padecera!

Agora podia ver com clareza: por mais fosse o na época Eritrus sobrecarregado com falhas de caráter e erros de conduta ocasionais, nada justificava que apelassem para este recurso, lançando mão do crime para arredar do caminho a interferência do ser humano indesejável, de quem buscaram se descartar como de um acessório ou objeto incômodo e inconveniente!

Que mais se esconderia sob o véu misericordioso que vela o pretérito doloroso da alma humana, para não entrar-lhe o avanço com revelações nem sempre úteis às urgências do presente?

Quem fora ele, dezenas de séculos antes, para trás do general pretoriano glorificado por infindas vitórias e lisonjeado por César, imperador, e por toda a sociedade brilhante que marcou uma época da história humana?

Nem sempre fora, portanto, aquele general Caio Fábio Quinto, do qual até hoje guardava elevado orgulho e alta quantidade de seus traços de personalidade. Já fora, então, Raptah, um egípcio; uma das suas expressões transitórias de ser, da qual no momento sua memória não trazia nenhuma marca, nenhuma lembrança.

Um homem frio e cruel que, cegado por amor e ódio, tramara a extinção de uma vida!

Como se numa tentativa inconsciente de adiar as impressões sobre o que ouvia, e acalmar o momentâneo descontrole de seus pensamentos, que rodaminavam, tumultuosos, deteve-se um instante, com curiosidade sobre um aspecto que lhe causava estranheza e que pouco tinha a ver com a essência da questão.

– Marcus; você é um Instrutor?! Só assim se justifica que saiba de todas estas coisas e que esteja aqui, a relatá-las. Só isso explica a sua presença ao meu lado durante todo este tempo, procurando me ajudar! Ao que sei, apenas os Instrutores detêm os detalhes integrais da vida daqueles a quem buscam

auxiliar! – Completou, com convicção. Ao que Marcus apenas assentiu, com naturalidade temperada por um sorriso amigo e bondoso.

– Mas não pense em mim tanto como Instrutor, Caio. Prefiro como amigo; é por isso que até agora venho agindo junto a você movido principalmente pela nossa antiga amizade, e isto o difere, mesmo que eu não queira, de alguém a quem eu assisto sem ter com este o mesmo conhecimento anterior – E ele acrescentou, a propósito, e na intenção de não se deter muito naquilo. – É por isso que não desejo que o que eu lhe revelo agora lhe cause qualquer constrangimento, porque tais coisas fazem parte do processo de evolução de todo e qualquer ser humano! Eu mesmo já passei por acontecimentos piores, e mesmo os tidos como santos, através das épocas, já cometeram enganos sérios algum dia! Nada são, estes fatos, que não aprendizado – e apenas isso! Não existe o “pecado”, como muitos ainda o concebem: um ato inerentemente mau! Porque aqueles que conhecem a verdade não se enganam mais! – Bateu-lhe nas costas, generosamente. – Atribua, portanto, esses atos anteriores ao desconhecimento momentâneo do funcionamento das leis do Universo, e não a qualquer suposição de você ter sido genuinamente “mau”, “cruel”, ou “impiedoso”! Agora... – Convidou, indicando o casal à frente, que acabava de dar entrada num restaurante. – Vamos às nossas observações, e aproveite a sua nova visão dos fatos para agir e avaliar, de agora em diante, da melhor forma para o caso, dispondo de maior lucidez de espírito!

Calado, visivelmente abatido, Caio aceitou as sugestões de Marcus, apreciando interiormente, apesar de tudo, a forma compassiva como o amigo considerava aqueles episódios, vindo-lhe de encontro ao ânimo turbilhonado como um refrescante bálsamo.

Não lhe servia, entretanto, para que ali, naquele instante de aturdimiento profundo, se perdoasse, levado pela severidade e pelo antigo perfeccionismo rígido herdados arraigadamente do antigo general romano, austero e disciplinado. Usava, assim, de um rigor implacável contra si mesmo, não vendo na situação atenuantes – não naquele momento!

Como considerava difícil, com a memória obstruída, admitir a veracidade daqueles fatos, mesmo que convicto da idoneidade de tudo que Marcus lhe dizia! Doía-lhe fundo admitir a verdade, e um novo Caio nascia naquele instante, das cinzas de si mesmo!

∞

A conversa entre Fernando e a sua acompanhante não corria tão banal quanto parecia a distância – disso, os dois amigos logo se certificaram.

– O caso, Fernando, é que, como já lhe disse, não sou mulher de ficar na subalternidade! Meu lema de vida é o topo para tudo, e é por isso que lhe digo que esta situação é insustentável! Por que não deixa de sentimentalismo e não

resolve isso de vez? É do seu interesse, inclusive... – A parceira de Fernando arrematava, estudadamente, e com modos superiores, enquanto se acomodavam na mesa escolhida para o almoço.

Fernando, contudo, percebendo a intenção por debaixo daquele comentário, lançou à outra um olhar esquivo.

– Desde o começo você soube que eu sou casado, Sheila, e agora começa a fazer exigências! Que está acontecendo?

– O que eu disse! – A resposta, proferida com comedida irritação. – Não sou mulher de ficar na subalternidade! Teu casamento não significa mais nada, você mesmo disse! Se ficar comigo, terá todas as vantagens! Por que não se decide? O que o impede?

– Meu casamento não significa mais nada, mas meus filhos significam! Ando desmoralizado diante de Thalia, que mais de uma vez já me flagrou com você ao telefone! E veio me dizer outro dia que não entende o motivo de eu e Lucilla continuarmos casados sustentando esta “farsa”, como qualificou!

– E por que não aproveitou a deixa? – Sheila aduziu, demonstrando a mais completa insensibilidade para problemas familiares daquele jaez.

Fernando tomou fôlego, procurando refrear a impaciência que o assunto lhe causava. Não suportava sentir-se pressionado – e era justamente o que estava acontecendo!

– Amo meus filhos, apesar de tudo, Sheila! Senti-me péssimo sendo questionado por Thalia daquele jeito, ela me deixou sem resposta!

– Você não precisava ficar sem resposta! É um homem maduro e experiente, e ela é uma adolescente!

– Que você queria que eu dissesse?! Justamente por se tratar de uma adolescente, e da minha filha, eu não poderia dizer-lhe: olhe, você tem razão, não amo mais a sua mãe! Tenho em vista uma opção emotiva vantajosa, e agora vou embora! – Agastou-se Fernando. – Se é que a vantagem é efetiva e real, e também a sua alegação de que, me unindo a você, não vou sair de mãos abanando, no caso da empresa pedir concordata!

– Podia alegar que você ama outra mulher!. – Insinuou Sheila abrandando o tom, sedutoramente. – E, quanto à vantagem da qual você duvida, é indiscutível! Detenho uma parcela avantajada das ações da empresa, e tenho ligações importantes com os novos interessados! Fica claro que nós dois ficaríamos bem situados; mas, se você insistir na sua indecisão em nome de sentimentalismo, queridinho... – A ameaça era velada, mas óbvia. – Bem; minha paciência está se esgotando! Não vou permanecer a vida toda como “a outra” na vida de um homem! Possuo um cargo de diretoria e tenho nome e imagem a zelar! Então, se você pensa em ficar com a sua família, parabênizo a sua decisão heroica, meu caro, porque em breve se verá com o bom nome de família preservado e com os bolsos vazios! – Desfechou, enfática. – O que,

convenhamos, não é lá muito conveniente para um homem nas suas condições e já na faixa dos cinquenta anos! Isso sim, será desonra!

Fernando suspirou, perturbado.

Tinha diante de si uma mulher sedutora, com quem mantinha um envolvimento regular há tempos. Algo que no início representava um caso sem importância, mas que, com o passar do tempo, foi tomando vulto, pois Sheila, bela, influente e bem posicionada dentro da empresa, exercia-lhe sobre o caráter vulnerável e afeito aos expoentes consumados de poder uma atração praticamente irresistível!

Usando de influência para ajudá-lo a crescer profissionalmente, com efeito, Sheila o favorecia de maneira ostensiva. E por meio de adulação e de momentos repletos de emoções apaixonadas, cegava-o para a faceta pouco louvável da sua personalidade hábil em jogar e manipular com os destinos alheios, ao seu bel-prazer, e em função dos seus interesses.

Quando que o antigo Ciro poderia reconhecer naquela mulher dominadora e inerentemente poderosa Blandina<sup>(15)</sup>, anteriormente sua mãe em encarnação longínqua, lutando agora, inconscientemente, para afastá-lo daquela na direção da qual um dia ela o empurrou?

Ela adivinhava na rival do momento a mesma a quem responsabilizara outrora pela desgraça que se abateu sobre a existência do filho. Pois que atribuiu a ela, e não à imprevidência das suas atitudes ao instigar Ciro a perseverar na luta por um amor malogrado, manobrando com os destinos alheios, a culpa de ter sido ele deposto por César, após a morte de Lucilla e de Caio. Porque o senador Fabrício, irado com todos aqueles acontecimentos funestos que lhe roubaram a vida da filha, e com o modo despótico com que o neto era tratado, acabou requisitando audiência com Júlio César e com as autoridades competentes, usando de toda a sua influência para narrar os desvarios de Ciro Magno, que vinham implicando, inclusive, em risco de vida para ele mesmo e para a criança, na medida em que o oficial mal continha a sua avidez de desferrar em alguém o ódio e a frustração pela perda de Lucilla!

– Você está me deixando sem escolha, Sheila, e eu não gosto de me sentir acuado! – Ciro, enfim, falou, após uma pausa durante a qual o almoço era servido.

A única reação de Sheila foi sorrir de modo melífluo, satisfeita, dirigindo a Fernando os olhos agora metálicos e brilhosos.

<sup>(15)</sup> Isto pode vir a chocar mentes demasiadamente confinadas em conceitos estabelecidos de parentesco consanguíneo físico, mas é preciso que se entenda que, num contexto de eternidade, após a conclusão de infindas romagens terrenas, estes elos naturalmente esmaecem, e cedem lugar aos vínculos sustentados apenas em função de afetividade e afinidade – os únicos vitalícios, em última análise. (Nota do autor espiritual)

– É esta a intenção... – Sublinhou.

– Caio... – Sugeriu Marcus, ambos parados ao lado do casal, após ouvirem todo aquele curioso diálogo. – Devemos influenciar Fernando, num esforço para despertar cautela para com estes planos! As coisas não vão acontecer do jeito que ele supõe! Assim como Blandina tinha absoluta ascendência sobre o caráter e as atitudes do filho, a atual Sheila não permitirá que ele vá além de mera subalternidade para com ela! É controladora e autoritária, e quer Fernando apenas como aliado para a realização dos seus desígnios!

Caio olhou-o, incerto.

– Como pode ter tanta certeza?

– Temos acompanhado este caso de perto! Os rumos da empresa não estão selados sem apelação. Se existe gente interessada em assumir as dívidas, a concordata pode não se concretizar. Trata-se de um empreendimento de base familiar, desta forma, inesperadamente, uma associação pode ser efetivada, e assim tudo continuaria como está para personagens secundários – mesmo para Sheila! De uma forma ou de outra, a situação financeira dele nunca haverá de evoluir para além do que já é neste momento, e com o risco de que, volúvel como sempre se mostra, se amanhã ou depois ele cair no desagrado desta mulher, acabará ficando sem nada, de qualquer maneira, e sem o que mais vale: o amor e o respeito dos filhos, que o terão em conta de alguém que a vida toda se deixou governar por interesses de ordem material, em detrimento dos elos familiares, infinitamente mais preciosos!

Ouvindo-o, pensativo, Caio terminou assumindo uma expressão desanimada.

– Marcus, tenho que ser franco. Apesar de tudo, do que já pude tomar conhecimento, não consigo fingir que estou interessado em favorecer este homem! Não posso! É mais forte do que eu! Como poderei influenciá-lo assim?

– Acredite-me: fazendo isto por ele, estará ao mesmo tempo agindo pelo bem de Lucilla e das crianças, Fábio! – Argumentou Marcus. – Porque, contribuindo para a melhoria emocional de Fernando, você estará ajudando a atenuar no seu espírito os maus pendores que o escravizam a ela até hoje, amarrando-os por laços de ressentimento, mágoas e vingança.

– Mas o caráter dele é falho! Como o simples fato de desviá-lo dos planos desta mulher conseguiria um milagre destes?

Marcus sorriu com inteligência.

– Fábio. Uma influência má afastada de alguém no momento certo é semelhante a doença grave que se arreda do corpo humano, deixando-o leve e disposto para novos pensamentos, para novas atitudes, para uma nova vida, enfim. No entanto... – Acrescentou a tempo, revelando outras implicações no brilho lúcido de seus olhos – ...deveremos conversar também sobre a posição mais adequada a ser assumida perante Lucilla. Você deve policiar as suas

palavras e o seu comportamento, meu amigo, naqueles momentos em que, desfrutando de um contato direto ou indireto com ela, se vir mergulhado na sobrecarga emotiva que sempre o domina!

– Que quer dizer? – O outro o encarou de frente, interessado.

– Quero dizer que de nada adianta promover a limpeza no campo energético em torno de Fernando, bem como influenciar positivamente o seu psiquismo, se também não atuarmos, neste mesmo sentido, na alma da dócil Lucilla! Com ela será mais fácil; mas você, melhor que ninguém, sabe que, ainda hoje, ela traz sequelas emocionais sérias, em decorrência daqueles acontecimentos agora distantes no tempo!

A fisionomia de Caio serenizou-se, numa mistura de entendimento, amor e mágoa.

– Sim. Eu sei...

## XIII

### ***Uma Bênção Preocupante***

Chovia naquela noite.

Fernando já dormia, bem como Lucilla e os filhos, e o relógio do quarto marcava por volta da meia-noite.

Caio lá estava, sentado num canto do leito, próximo ao corpo adormecido de Lucilla, e observando a Lucilla real a vagar ali por perto, semiconsciente, andando de um lado para outro.

Ele guardava a noção exata de quanto seria difícil se reposicionar o suficiente para agir diante dela de acordo com a sensata avaliação de Marcus. Sabia que grande dose de desprendimento lhe seria necessária para orientá-la com isenção de ânimo, no que dizia respeito a Fernando. E era visível que orientação era o de que mais ela precisava, naquela fase crítica da sua experiência familiar.

Em dado momento, pensativa, Lucilla parou diante da janela aberta, as cortinas oscilando com a fresca brisa noturna. O clarão suave do luar, filtrado por entre as nuvens pesadas de chuva, iluminava-lhe a fisionomia serena e distante. Por uma razão qualquer, ao desligar-se pelo sono, ela não conseguira distanciar-se demais. E como naquela noite não podia ver Caio, jamais imaginaria a presença dele ali, naquele instante, nem o motivo da estranha inquietação que experimentava, e que a impelia a andar desassossegada de um lado para outro, desde que adormecera, ora parando, pensativa, diante do berço de Cláudio, ora dirigindo-se à janela, demorando-se a olhar o escuro do lado de fora, em meio ao silêncio.

Já o espírito de Fernando estava longe, movido por outros interesses e completamente desvinculado da esposa.

Caio levantou-se de onde estava, aproximando-se dela lentamente.

Abraçando-a, sem que disso se desse conta, beijou-a, enternecido, e murmurou, tanto para ela como se também confabulando para si:

– Você sabe que eu estou aqui, não é, Lucilla? De alguma forma, você sabe... Como eu queria que pudesse me ver de novo! Temos tanto a conversar, e a combinar para o futuro...

Ele a observou durante algum tempo. Distante, meditativa, ela não deu o menor sinal de senti-lo ali, tão próximo. No entanto, notou, surpreso, que as suas palavras lhe evocaram a lembrança furtiva do encontro que tiveram nos jardins, experimentada, ali, como a sensação de um sonho, do qual não guardava a certeza de tratar-se ou não de realidade, confusa como se via no estado de semiconsciência.

Tendo a sua atenção desviada para um movimento na entrada do quarto, ele se voltou e viu Marcus, chegando para acompanhá-lo à nova sessão regressiva.

– Não se preocupe, nem se aflija, Caio. É apenas questão de tempo, o reencontro de vocês!

O outro sorriu de leve, reconfortado com o comentário.

– Se você fala, Marcus, quem sou eu para duvidar? Você tem acertado todas as “predições”, afinal de contas, e isto o autoriza a me tranquilizar com propriedade!

– Sim... – Confirmou Marcus – Eis aí o meu amigo, general Fábio, falando! É desta determinação otimista, característica sua daqueles tempos, que eu gosto! Nada é mais necessário para o período que você vem vivendo! Vamos, então? – Convidou, jovial – Com este meu “dom”, a que você se refere – Brincou – lhe asseguro que a sua Lucilla ficará bem por aqui!

Ouvindo-o, pensativo, Caio foi novamente até a moça entretida com o silêncio dos arredores de fora da janela. Tornou a beijá-la, carinhosamente; acariciou-lhe os cabelos, e sussurrou-lhe, afetuoso:

– Fique bem, meu amor... Eu já volto! Estarei sempre por perto!

∞

O visor iluminou-se.

Veio mostrar Lucilla mergulhada em profundas reflexões que, aparentemente, a angustiavam.

Já algum tempo se passara desde o momento do seu reencontro com Caio Fábio, e muita coisa entre os dois acontecera desde então. Encontravam-se regularmente, porque a tenacidade do general, aliada à necessidade imperiosa que dominava a ambos, alimentou nele a engenhosidade, levando-o a arquitetar um meio seguro para os seus encontros furtivos, livrando-a da vigilância acirrada e pertinaz de Flamínio, homem da confiança de Ciro.

Este meio foi um arranjo combinado com a leal Lívia, no qual ela cederia a Lucilla algumas das suas vestes, para que ela pudesse se ausentar no horário noturno, de preferência, encontrando-o em local pré-determinado e sempre diferente do anterior.

Bem de acordo, já que ambas possuíam a mesma compleição física, e não causaria nota a Flamínio, como até o momento não vinha causando, a ausência de Lívia naquele horário para o que quer que fosse, porque era hábito da moça passear com o cair da noite nos jardins da residência, vez por outra, às vezes acompanhada de Lucilla, n’outras vezes não. Em vista do que, ocasionalmente, para reforçar o embuste, a própria Lívia, trajada e penteada como a senhora, acompanhava Lucilla com as suas vestimentas até o local de encontro previamente combinado com Caio, retornando depois aos aposentos.

Invariavelmente atento a todos estes movimentos durante as ausências de Ciro, Flaminio via Livia retornar a casa sob o disfarce eficiente e aquietava-se, já que as sombras profundas das noites sem luar pleno, sempre escolhidas a propósito, e adensadas pelo arvoredado compacto em torno, nunca lhe permitiam distinguir feições.

Naquela hora, ao cair da noite tipicamente perfumada nas colinas de Roma, sozinha no terraço que comunicava com os seus aposentos, Lucilla preparava-se interiormente para mais uma destas escapadas esquivas. Porém, mais ansiosa do que de costume.

Ardia de inquietação por encontrar-se logo com Fábio, a quem não via fazia já duas semanas, devido à presença constante de Ciro na casa, embora por mais de uma vez, durante as suas saídas diurnas na companhia da dama e do capataz, de dentro de sua liteira, ela o tivesse avistado de tocaia nas redondezas, disfarçado com manto e a cavalo, rondando e espreitando uma chance qualquer de lhe dirigir a palavra, ou de se avistar com Livia.

Esperando a hora certa de agir, tinha em conta que o tempo não passava, arrastando-se com irritante vagar.

Estava com os pensamentos longe, naquela noite mesma do reencontro na festa de Sulpício, e num momento especial daquele reencontro: a hora em que, tomados os dois por um arrebatamento apaixonado incontrolável, por entre beijos e carícias ardentes, Fábio, impondo-se uma custosa interrupção, dirigiu-lhe um olhar inesquecível.

– Lucilla, eu vou lutar por você! Prometa! Jure que vai comigo até o fim!

– O que você me pede é que eu confie em você cegamente, Caio! E eu confio! – Ela declarou, adoradamente, presa de intensa emoção, entre atemorizada e feliz como há muito não se sentia.

– Pois eu lhe prometo, Lucilla, que você não vai se arrepender destes momentos! A partir de agora, você vai me pertencer definitivamente, porque assim deveria ter sido desde o início! Estaremos apenas fazendo justiça, consagrando o nosso amor, e corrigindo um erro clamoroso cometido contra nós dois – e contra a minha honra! – A voz dele timbrou vibrante nesta hora, carregada de audaciosa temeridade – E, quando tudo isso estiver resolvido, todas estas coisas serão justificadas, e os nossos problemas, superados! – Garantiu-lhe, por fim, a voz rouca e sofreada pela emoção.

Ouvindo-o, fascinada, a mente vazia de pensamentos e impedida de raciocinar, completamente subjugada, ela apenas anuiu, sem ter mais o que objetar, porque o seu coração concordava incondicionalmente com o que ouvia, e ela nunca soube fazer diferente de ouvir o coração, em todas as situações.

Caio, então, voltou a enlaçá-la, com todo o ímpeto do seu amor apaixonado, e frustrado por tanto tempo. Colou-lhe a boca nos lábios

trêmulos, reclinando-a gentilmente sobre a relva, e Lucilla sentiu-se tomada de vertigem, esquecendo-se de si mesma.

As horas vagarosas se passaram, porém, enquanto, perdida nestas recordações preciosas ao seu espírito, Lucilla refletia, tentando antecipar o modo como conversaria em breve com Caio sobre acontecimentos graves, que de há dias vinham lhe causando inquietação e roubando-lhe o sossego e as horas de sono.

Pouco depois, como acertado anteriormente, e usando da extrema cautela habitual, o casal enfim se encontrava, em local previamente determinado, logo após o que Caio a conduziu para um sítio afastado, de sua propriedade, localizado no campo e desconhecido da maior parte das pessoas das suas relações, de vez que costumava usá-lo para fins de recolhimento e repouso, quando desejoso de afastar-se das agitações costumeiras de Roma.

Vamos vê-los, naquele momento, passeando pelos bosques sombreados da propriedade, em meio ao silêncio profundo da noite profusamente estrelada, usufruindo o frescor perfumado que se lhes investia de mistura com o cálido sereno.

Tendo a mão da moça ciosamente entrelaçada na sua, já de alguns minutos Caio observava-lhe os modos, reparando que, inegavelmente, aquele silêncio prolongado, e a fisionomia distante, provavelmente se deveriam a uma grande preocupação que a afligia, dizendo respeito a coisas que julgava conhecer.

Parando, então, e colocando-se à sua frente, levou-lhe, carinhoso, as mãos ao rosto sedoso, sentindo-o estranhamente febril, a despeito do refrigério do ar noturno.

– Minha Lucilla: você está linda, como sempre! Mas noto uma aflição qualquer, oculta. Algo que lhe toma os pensamentos esta noite, roubando-os de mim e me causando ciúmes! – Comentou, entre jovial e preocupado, buscando descontraír a companheira de modo a levá-la a abrir-lhe o coração. – Conte-me o que está acontecendo. O que pode estar lhe incomodando ao ponto de perturbá-la nos nossos ainda poucos momentos juntos? Será o que eu penso que seja?

Olhando-o, como se já esperasse aquela abordagem, pois sabia-se ausente de espírito e mudada naquele dia, Lucilla replicou:

– O que você pensa que seja, Caio?

– A nossa situação. – Ele revelou logo, sem subterfúgios. – Vem se prolongando demais esta contingência insustentável, de termos que nos encontrar furtivamente, às escondidas! Não pense, Lucilla, que venho me sentindo diferente de você! É por isso que quero tranquilizá-la, avisando que se ponha de sobreaviso, porque, mais dia, menos dia, chegará o momento das explicações com Ciro!

Entreolharam-se por breve minuto, e, ao contrário do que ele esperava, Lucilla, de início, não falou nada. Parecia de algum modo cerceada nas palavras por algum tipo de comoção forte; mas antes que, agora verdadeiramente preocupado, ele pudesse dizer qualquer coisa a mais, ela de repente falou:

– Caio, aconteceu uma coisa inesperada, que veio se juntar a tudo o que já nos incomoda e preocupa!

O semblante dele serenou, assumindo feição grave.

– Que foi? – Pediu logo, olhando-a atentamente. – Conte, Lucilla! Não deve me esconder nada, para que eu possa ajudá-la! Vejo que se trata de algo sério, pois a percebo pálida e desassossegada!

Ele a atraiu para si e a abraçou, transmitindo-lhe reconforto e segurança.

Então, premida naquele abraço, Lucilla encorajou-se a começar, hesitante:

– Existe uma pergunta que, curiosamente, você nunca me fez, desde que me reencontrou! Diz respeito a uma dúvida importante que eu também tinha, mas que de algumas semanas para cá se desfez, naturalmente...

– Que pergunta é esta, meu amor? – Ele quis saber, absorto pelo que ouvia.

– Você nunca me perguntou por que, até então, eu e Ciro não tivemos filhos!

Fez-se breve pausa, na qual os dois se entreolharam. Caio intrigado, receoso.

– Não te compreendo, minha querida! Explique para mim o que você quer dizer...

Lágrimas aflitas enfim transbordaram dos olhos escuros e brilhosos da moça.

– Oh, Caio! Só há cerca de um mês atrás pude, enfim, compreender que até agora não tivera filhos porque Ciro não m'os pôde dar!

– Como assim, Lucilla? Que você quer dizer? – Insistiu Caio, nervoso, embora procurando permanecer aparentemente tranquilo para não inquietá-la ainda mais.

– Estou esperando um filho, Caio! *Seu!* O primeiro filho, que nunca veio porque Ciro não me pôde dar, durante estes mais de dois anos! Só agora entendo todas as oferendas no templo doméstico! Todas as acusações confusas que ele me assacava, imputando-me culpa de infertilidade, por não vir o herdeiro que ele tanto desejava! Todas as imprecações e injúrias! Não era eu que não podia conceber! O problema é, e sempre foi dele, Caio! Mas, e agora? Como isso tudo se justificará?

Talvez tenha sido a agilidade mental do líder militar, habituado a responder de pronto a situações de emergência, que fez Caio não se deter demasiado no choque repentino provocado pela notícia, paralisando-o durante breves segundos.

Assim, sua primeira reação foi de alegria.

– Um filho nosso, Lucilla! Fruto do nosso amor! – Um riso franco e imediato escapou-se-lhe dos lábios, e o seu semblante iluminou-se numa efusão de felicidade inaudita.

Por alguns instantes, ele se viu impossibilitado de enxergar com clareza todos os inconvenientes e implicações daquela novidade que se apresentava, e só conseguiu se deter na emoção, na alegria orgulhosa que lhe brotava impetuosamente do íntimo.

Estreitou contra si a surpresa Lucilla, e a beijou apaixonadamente.

– Vamos esquecer os problemas por um momento apenas, Lucilla! Fique feliz comigo! – Exclamou para ela, cheio de orgulho. – Um filho meu! Há de ser homem! – Acrescentou, num vaidoso arrebatamento de alegria que provocou em Lucilla uma expressão entre meiga e admirada no olhar, denotando o seu divertimento com o que considerou uma adorável puerilidade no companheiro. Um austero general das legiões que agora festejava, com o entusiasmo de um menino alvoroçado, a expectativa de ter um filho homem! – Há de ser homem, Lucilla! – Repetiu, com incontida exaltação. – E sou eu quem vai iniciá-lo nas armas! Há de ser um pretoriano, como eu! – Garantiu, os olhos enérgicos irradiando felicidade. – E um general! Um vitorioso! Um conquistador para as legiões romanas!

– E se for mulher? – Lucilla ousou provocá-lo um pouco, dirigindo-lhe um sorriso sugestivo, mas terno.

A isso, o fogo anterior serenou um pouco no olhar de Fábio. E foi acariciando-lhe afetosamente o rosto que observou.

– Há de ser o retrato da mãe: doce e linda! Não há como ser de outra forma... Murmurou com brandura, amoroso.

Olharam-se, num breve minuto em que puderam ser felizes por completo. E então se abraçaram estreitamente, permanecendo assim por algum tempo, durante o qual a fisionomia de Caio foi retomando a seriedade, porque aos poucos ele despertava para os problemas que envolveriam a situação.

Sabendo o que ia no coração oprimido da mulher que amava, procurou reconfortá-la, assegurando-lhe amparo e proteção.

– Lucilla, não se inquiete! Estarei com você durante todo o tempo, acredite; até mesmo naqueles instantes em que me acreditará afastado! Somos uma família, agora – a verdadeira! – Enfatizou. – E até que tudo se resolva, cuidarei para que nada lhe aconteça! Redobrarei a minha vigilância. Conto com ajuda para isso. – Acrescentou, referindo-se a Marcus, um de seus oficiais e amigo antigo, com quem contava irrestritamente para auxiliá-lo em qualquer eventualidade. E, diante do visor aceso, os dois velhos companheiros de lutas trocaram um olhar amistoso.

Na cena que se desdobrava diante deles, contudo, Caio continuava a falar com Lucilla, agora dominado por grande relutância, e por alta dose de

desgosto ao apelar para tal recurso. Mas não havia outro jeito; não naquele momento, e a hora não era para deixar prevalecer escrúpulos de honra.

– Deixe que por enquanto... – Prosseguia... – Ciro pense que as suas ofertas aos deuses produziram resultado, Lucilla! Será fácil para você conduzir as coisas deste jeito, em nosso proveito! E se o conheço bem, levado pela própria vaidade, ele não desconfiará de nada!

– Mas... Atalhou Lucilla, incerta da eficácia daquela providência. Antes que prosseguisse, porém, Caio tomou-lhe o rosto gentilmente nas mãos vigorosas, olhando-a com aquela persuasão toda sua, a que era difícil resistir.

– O que importa, agora, é que você tenha o máximo de tranquilidade durante este período, Lucilla! Acima de tudo, o mais importante para mim é o seu bem-estar, a sua saúde, segurança, e as do nosso filho! – Afirmou, sem admitir réplica, embora lhe fosse visível que, apesar de se sentir segura e amparada por ele e pelas suas decisões, a moça receava bastante toda aquela inesperada ordem de circunstâncias.

– Quer, então, que eu diga a Ciro que estou esperando um filho *dele*?! O **seu** filho, Caio?!. – Ela retorquiu, ainda relutante.

Prendendo-lhe o olhar no seu, Caio insistiu, enfático, querendo com isso arrematar o assunto e assentar aquela resolução.

– É uma medida de proteção para você, minha querida! Para dar tempo a que tudo que deve acontecer a nosso favor aconteça na hora certa! Confie em mim, Lucilla! Sei o que estou fazendo! – Pediu, uma última e definitiva vez.

∞

A verdade é que o reaparecimento repentino de Caio ocasionou um cataclismo na convivência já sofrível entre Lucilla e o marido. E por mais se acautelasse a jovem nas suas saídas furtivas para encontrar-se com o general, estando Flamínio até o momento na ignorância das mesmas, Ciro parecia de alguma forma pressenti-las, pois os remoques, as admoestações, as alusões veladas, os violentos acessos ciumentos tornaram-se uma constante diária na rotina de Lucilla.

A notícia do bebê a caminho, no entanto, amorteceu, até certo ponto, esta disposição sanhenta do batedor de Júlio César, que, como o lúcido Caio supôs, deixou que dominasse no episódio a vaidade, iludindo-o de maneira oportuna, ao menos durante o período da gravidez, com a certeza praticamente inquestionável de ser ele o autor daquela paternidade.

Esta fase, portanto, seguiu relativamente mais calma para a gestante, que suspirava aliviada em decorrência daquela trégua.

Infeliz dela, não poderia adivinhar que aquilo denunciava a calma antes da tempestade! Acalentava, assim, esperanças, durante as suas confidências com Lívia, de que, no fim das contas, a situação se resolvesse da melhor

forma, ou seja: com a sua união definitiva com Caio, ambos juntos ao filhinho amado que chegava – a realização de um sonho, enfim!

Houve uma pessoa, entretanto, que, por alguma razão indefinível, não festejou, como Ciro e os demais familiares, a novidade daquela gravidez. Esta pessoa era Valéria, a angustiada genitora de Lucilla.

Foi depois de algum tempo reparando na palidez, na amargura muitas vezes mal contida, no sobressalto anormal com que a filha sempre reagia aos eventos mais simples, mesmo a passos repentinos no vestibulo, que decidiu-se, certa tarde, a uma conversa que pretendia antes sondar o que, no íntimo, torcia para não ser verdade, e sim fruto dos excessos de zelo materno. E, embora sem molestar ou admoestar Lucilla diretamente, sensível às suas poucas semanas de gestação, saiu daquela palestra frustrada nas suas expectativas, e indescritivelmente aflita.

Não pôde, como mãe, se enganar durante as evasivas, os empalidecimentos súbitos, as reações pouco seguras com que a moça reagiu a determinadas interrogações bastante objetivas que lhe dirigiu.

As duas descansavam do calor maior do dia, àquelas horas, reclinadas em almofadas nos divãs postos no terraço fresco e ensombrado por caramanchões cheios de flores aromáticas, comunicando com o quarto de Lucilla.

Esta se achava naquele instante com o olhar velado e melancólico, perdido nos arredores da casa, como se a buscar por qualquer coisa associada aos pensamentos que lhe povoavam o universo íntimo.

– Sabe, Lucilla, que me espantou a boa novidade desta gravidez, como já te disse! Ciro não cabe em si, e está doido de alegria, como me confidenciou Blandina há poucos dias. No entanto, confesso que o teu caso é inédito, considerando os pormenores das dificuldades que vocês enfrentaram, pois já vi de perto, e soube de diversos episódios idênticos ao de vocês. Em nenhum deles, porém, o desfecho foi igual! Não houve oferendas a qualquer dos nossos deuses que resolvessem a contento a questão, e mesmo os maiores sábios dos templos não souberam como proceder para devolver a fertilidade a esses casais! Como se explica isso?

Lucilla enfadou-se da pergunta, como se contrariada por se ver arrancada das suas divagações.

– Pergunta a mim, mamãe, o que nem os sábios, como você diz, conseguiram responder a contento? Não sou pitonisa, e o que concerne à atuação divina nestes casos está além da minha capacidade de compreender!

Valéria deu de ombros, e em seu olhar brilhava, estranhamente, certa perspicácia.

– As razões talvez sejam mais humanas que divinas; como ter certeza?

A esta alusão, que a colheu despreparada, a filha empalideceu terrivelmente, causando em Valéria funda impressão.

– Que quer dizer com isso, mamãe? – Cobrou, até certo ponto irritada.

– Por que ficou tão nervosa? É apenas especulação...– A mãe esquivou-se, sem coragem para admitir uma hipótese que a ela mesma repugnava aceitar – ...no sentido de que talvez tal complicação se resolva por si, na medida em que avança a adaptação entre o casal e tudo se acalme! Não podemos nos esquecer de que o início do seu casamento foi muito tumultuado!

– E ainda é! – Arrematou Lucilla de chofre, a voz seca e quase impaciente, desviando-se.

Àquilo, Valéria deu uma pausa no assunto, observando a filha um pouco.

– Você não teve mais notícias do general Fábio, depois dos festejos na casa de Sulpício, Lucilla?

Havia algo inquiridor no tom de voz da genitora que estava exasperando Lucilla extremamente, sem que ela pudesse impedir.

Voltou a empalidecer, e tornou a olhá-la de frente, transparecendo patente insegurança.

– Que tem um assunto a ver com o outro? Noto-te confusa nas ideias hoje!

– Não estou confusa, Lucilla, e sim preocupada... – Valéria resolveu ser mais ou menos franca. – Por mais que seja insatisfatório o teu casamento, a gravidez sempre vem como a dádiva maior da vida da mulher, cobrando-lhe saúde, alegria e ânimo, mais ainda no teu caso, que enfrentou as incertezas da infertilidade durante todo este tempo! No entanto, eu quase confirmava-te fértil, pois não é atributo da nossa família a esterilidade feminina! O problema, portanto, eu praticamente adivinhava vindo de Ciro; intuição materna, talvez. Mas agora que, inesperadamente, a coisa toda se reverte, e vocês recebem a bênção dos deuses com o anjinho que se aproxima, noto-te, ao contrário do comum e esperado, cada vez mais abatida, adoentada, taciturna, como se um mal qualquer, desconhecido, a minasse! A mãe devotada que sou, não poderia passar despercebida esta tua estranha disposição, e sinceramente, temo o que possa se esconder por detrás deste enigma!

Branca da cor da própria túnica, o olhar assustadiço de Lucilla dilatou-se, sem que pudesse evitar.

Sempre temera na mãe aquela capacidade incomum de ler a descoberto o que lhe ia na alma, e agora se mostrava um contratempo quase insuperável ocultar dela o seu transtorno íntimo.

– Pelos deuses, mamãe! Não te compreendo! Onde quer chegar com estas observações ininteligíveis? É claro que o meu filho se revela uma graça, e se não te demonstro maior entusiasmo, ou boa disposição, é porque por ora enfrento os desconfortos de todo começo de gravidez! Tu mesma me contaste repetidamente dos teus enjoos durante a minha gestação!

– Tudo isso é totalmente aceitável, Lucilla! Mas não é só desconforto físico, o que percebo na tua pessoa, e sim abatimento moral e melancolia! Se

deverão estes sintomas ao mal-estar da gestação, somente, ou ao pesar profundo e indisfarçável por não ser esta criança o fruto da tua união com um outro pai? – Interpelou Valéria, calma, porém firme.

A pergunta, contudo, à sua revelia, desencadeou um choque imprevisto na filha. Ela levou a mão ao peito oprimido, sufocada, marejando-se-lhe os olhos involuntariamente.

– Mamãe! – Exclamou, magoada. – Como pode ser tão insensível?! – Protestou, em voz alta.

E reventou em soluços, escondendo o rosto nas mãos.

Alarmada e arrependida, Valéria saltou das almofadas, correndo até ela e abraçando-a compungida.

– Acalme-se, querida! – Pediu, cobrindo-a de beijos. – Perdoe-me; perdoe-me, e esqueçamos este assunto! É que te vejo fragilizada no teu estado, e, nessas condições, toda mãe zelosa se enerva e preocupa! Vamos. – Recostando-a confortavelmente no divã, enxugou-lhe as lágrimas como as de uma criança. – Descanse, que vou já te buscar uns refrescos! – Avisou, sorrindo-lhe; e afastou-se logo, lesta, para o interior da casa, embora com o íntimo repleto de convicções sombrias.

## XIV

### ***Reminiscências e Aflições***

Agora era Caio quem se sentava, solitário, naquele mesmo jardim do edifício onde Lucilla residia, mergulhado em reflexões que explorava minuciosamente.

Mas havia uma razão para isso: vinha se surpreendendo, nos últimos dias, com o que parecia uma consequência natural das sessões regressivas a que vinha se submetendo. O despertar espontâneo da memória, permitindo-lhe acesso claro e gradativo aos pormenores das experiências vividas na época da Roma Imperial, principalmente, de mistura com esquisitos *flashes* de lembranças fugidias do seu período no Egito, como Raphtah.

Era por isso que, naquele silencioso cair da tarde, preferiu se recolher sozinho aos jardins, para meditar no repentino afluxo de lembranças que, naquele instante, desfilavam-lhe como num cinema na sua tela mental.

Como num filme que anda para trás, exibindo cenas cortadas, ele recordou-se de um evento anterior às festividades de Júlio César, durante as quais se comprometera com Lucilla, declarando-lhe o seu amor. Veio-lhe à mente um dia no qual voltava de longa campanha, que o deixou afastado por meses, chegando a cavalo num cair da tarde como aquele, e desmontando com agilidade, tão logo alcançou os pátios da residência do senador Fabrício.

Assim que apeou, para seu deleite, viu Lucilla ali por perto, voltando-se ao pressentir o movimento da chegada de alguém.

O coração acelerando-se por razões opostas entre si, ao ver a moça abrir-lhe adorável sorriso, aproximando-se, dirigiu-lhe um cumprimento, avançando lestamente, tomando-lhe a mãozinha delicada e beijando-a, emocionado.

– *Domina...* – Cumprimentou, afetuoso.

Ela, no entanto, apesar da alegria clara que ele demonstrava ao revê-la, notou junto uma preocupação qualquer, disfarçada, a velar-lhe a fisionomia.

De início, entretanto, não se deteve na impressão, levada pela óbvia satisfação que ambos compartilhavam, ao se verem de novo, após tanto tempo.

– General! Que surpresa inesperada! Ninguém sabia-te de volta! – Ela exclamou, com voz clara e cristalina. – Como foi a campanha? Perda de tempo perguntar se saíram vitoriosos, pois não me engana a serenidade dos teus modos!

– Sim, Lucilla, tem razão! E por causa disso mesmo estou de volta antes do previsto. Júlio César contava no mínimo com um ano de afastamento das

legiões, mas os sucessos correram tão a nosso favor, que tudo se resolveu antes do esperado!

Ele falava a contemplá-la com um brilho claramente apaixonado nos olhos azuis, acarinhando-lhe, ainda, a mãozinha entre as suas.

Ficaram assim um pouco, entreolhando-se, felizes, numa troca muda de confidências. Mas Lucilla acabou enrubescendo e, no fim das contas, sentindo-se intrigada com aquele súbito resfriamento de um assunto que pedia expansões entusiasmadas para horas.

Então, ingenuamente, ela indagou:

– General, onde está meu irmão? Não veio com o senhor?

A própria seriedade grave que se apoderou do rosto de Caio de chofre, à sua revelia, diante da indagação, fez o coração de Lucilla gelar, pressentindo algo pungente.

Olhou-o, insistente, em expectativa. Ainda retendo-lhe ciosamente a mão delicada, o general correu o olhar em torno, com brevidade.

Respirou fundo, como se tomando fôlego para dizer algo que não queria. E, carinhosamente, depositou-lhe leve beijo na fronte.

– Lucilla... – Ia começando, com voz baixa. Mas foi interrompido por vozes alegres que se aproximavam, e, tendo que se voltar para cumprimentar Fabrício e Valéria, não pôde continuar a falar.

– General Quinto! Seja bem-vindo, que ótima surpresa! – Exclamou o senador, cumprimentando-o efusivamente. – Mensageiros espalharam por toda Roma as notícias de mais uma das suas vitórias, mas queria ouvi-lo do senhor, para ter certeza! É mesmo verdade? Então a pacificação da Gália pode ser tida como coisa certa, e o restante do senado terá mesmo que dobrar a cerviz ao teu general!

Caio assentiu, respeitoso, inclinando-se.

– Sim, senador. Acabo de chegar; apraz-me revê-los.

– Parabéns, general Fábio! Tu te destacas no comando das legiões, e os deuses te são propícios! – Felicitou Valéria, prazerosa.

– Obrigado, *domina*.

Fabrício acrescentou um dito espirituoso.

– A vitória contra povos insubmissos não supera, no entanto, a necessidade de cuidar logo dos assuntos do coração, general, e o leva a buscar de imediato as influências de Vênus!

O general riu junto com o casal, baixando o olhar num ângulo, um tanto mal achado.

Nenhum dos três estava notando a introspecção de Lucilla, que parecia alheia ao clima festivo, presa de uma preocupação qualquer. Via-se ainda retida pela mão por Caio, que a entrelaçava calorosamente, e mal conseguia se conter para não interrompê-los nas suas efusões.

– Os reverses da guerra, justamente, acentuam o anseio pelas influências de Vênus, senador! – Ele revidava, bem-humorado, serenizando-se em seguida, no entanto.

Fez-se uma pausa natural no diálogo. Quando Fabrício e Valéria também já iam reparando numa nota em falso no humor do oficial, Lucilla atalhou, ansiosamente, segurando o braço de Caio com firmeza.

– General Fábio; onde está o meu irmão? – Insistiu, quase cobrando a resposta.

Olhando-a, e percebendo-lhe a aflição alarmada, ele confirmou que apenas diria o que a jovem adivinhava e que já temia ouvir, pois como que lera nos seus pensamentos.

– Ah, sim, Sejano. – Lembrou Fabrício, ainda descontraído. – Ele veio com o senhor, general?

– Senador... – Caio começou. Não era homem de meias palavras, tal o seu perfil de militar; mas sabia agir com sensibilidade e distinção no tocante aos sentimentos alheios, mais ainda os daqueles que tinha em alta estima. – Quisera eu que hoje fosse um dia de felicidade ideal, ao finalmente poder revê-los... – Apertou a mão da jovem, que sentiu de inopino fria e úmida entre as suas. – No entanto, o dever que me compete de comunicá-los pessoalmente de uma lastimável ocorrência impede que assim seja...

Tomada de um choque, Valéria cambaleou, sendo amparada por Fabrício, também atônito.

– Sejano!! Que aconteceu ao meu filho, general?!

– Ele... – Caio vacilou, ele mesmo perturbado com o ocorrido. – Ele morreu em combate, *domina*. Lamentavelmente. Foi um herói de guerra, e um irmão para mim...

Rebentando em choro irrefreável, Valéria julgou-se enlouquecer, tombando nos braços do marido.

Caio voltou-se imediatamente para a calada Lucilla, ainda presa à sua mão. Viu que o olhar dela havia se perdido, e que vacilava, sem equilíbrio.

Sem dar uma palavra, a moça descaiu-lhe nos braços, inerte e completamente sem sentidos, aumentando nos pais a dor e o atordoamento do momento.

Caio, de pronto, a levantou no colo.

– Onde a colocamos, senador? – Quis saber, cobrando energia.

As lágrimas escorrendo-lhe pelo rosto já castigado pelos sofrimentos de uma vida inteira, Fabrício, amparando também a esposa, convidou-o a entrar.

– Entre, general. Acompanhe-me. Agradeço-lhe a dedicação; vamos acomodá-las no leito, pois precisam de imediato repouso e da presença dos médicos!

Desta forma, Lucilla tornava-se a única filha do senador Fabrício.

Nos dias que se seguiram, na medida em que as obrigações lhe permitiam, Caio foi uma visita diária e constante na cabeceira de Lucilla. A moça, porém, apática, dominada inteiramente por um alheamento impressionante que lhe tirava por completo a lucidez, delirava, febril. No início, dirigia o olhar esgazeado ao aflito Fábio ao seu lado, e o confundia com o irmão, chamando-o Sejano. E, estirando-lhe os braços adoradamente, tentando enlaçá-lo, rebentava em soluços, suplicando-lhe que voltasse.

Penalizado, ele mesmo adoentado e precisado de cuidados médicos e de repouso após o sepultamento do filho, nestas ocasiões Fabrício explicava a Caio que o melhor seria não castigá-la daquele jeito. Rogando-lhe desculpas, pedia-lhe que se ausentasse, podendo, no entanto, voltar à hora que quisesse para visitar a filha, que o senador já sabia imperar como déspota no coração do líder pretoriano.

Mais alguns dias dobaram, angustiosos, até que a natureza jovem de Lucilla cobrasse vigor e robustecesse.

Devolvida à lucidez, ela agora já podia entregar-se a palestras breves, com Lívia ou com a mãe, recebendo vez por outra alguma visita.

Uma destas visitas foi a de Blandina, acompanhada de Ciro, já naquela ocasião alimentando no coração pretensões afetivas para com a moça. Recebendo-os com a delicadeza que lhe era inerente, no entanto, Lucilla não se dava grande conta daquilo. E a maior parte das demais visitas deveu-se ao seu principal pretendente, a quem já correspondia aos sentimentos, sempre fazendo-se acompanhar de remessas diárias de flores do campo que conseguiam iluminar o semblante pálido da jovem com um sorriso.

Vai um dia, com ela já podendo efetuar pequenos passeios pelos jardins da casa, numa tarde Valéria, mais uma vez, está recebendo o general Fábio no vestibulo, conduzindo-o ao interior da moradia.

– Sabe? – Dizia, ela mesma notadamente abatida e alquebrada pelo sofrimento recente da perda do filho – Tuas flores, general, foram as únicas capazes de arrancar à pobre Lucilla um arremedo de felicidade nestes dias tristes... – Aludiu, com intenção bem-disposta que Caio, risonho, aproveitou para arrepanhar.

– Neste caso, senhora, e com o devido respeito, peço-lhe permissão para passear um pouco pelos jardins com Lucilla, e dizer-lhe particularmente quanto me alegra terem conseguido, as minhas flores, levantarem-lhe o ânimo!

Afastando o reposteiro que os separava do terraço, Valéria dirigiu-lhe um sorriso bondoso, mesclado da tristeza que ainda a dominava.

– Tem minha permissão, general Fábio! Vá! Veja o que consegue, para devolver a saúde à minha Lucilla, pois estou certa de que a tua presença lhe é sempre grata!

Agradecendo com simpatia, Caio foi entrando devagar no pátio que comunicava com os jardins e pomares circundantes da casa, e olhou em torno.

Viu Lucilla mais à frente, sozinha, passeando entre os arbustos perfumados de um bosquete de hortênsias.

Voltando-se, ela o viu antes que a alcançasse, e o cumprimentou, com um sorriso esmaecido que logo deu a Fábio a medida exata das suas melhoras, e a noção de até onde poderia ir, sem cansá-la com assuntos inconvenientes.

– Como está, minha querida? – Ele tomou-lhe a mão, beijando-a, logo que a alcançou.

– Melhor, general. Lívia e mamãe me contaram que o senhor me visitou quase que diariamente, durante toda a convalescença, me enviando sempre aquelas flores lindas! Só agora estou podendo agradecer... – Ela comentou, graciosa, à guisa de saudação.

Caio abrandou ainda mais a expressão.

– Não me agradeça, *domina*... É um enorme alívio vê-la restabelecida, depois do desgosto de ter sido eu o portador da notícia que a abateu deste modo! E também por razões melhores... – Acrescentou, intencionalmente, demorando-lhe nos olhos juvenis e desvelados o olhar caricioso, sem poder encobrir na entonação da voz as nuances apaixonadas de seus reais sentimentos. – Afinal, acho que não é mais novidade para ninguém o seu lugar na minha consideração. Perdoe-me por não ter podido vir nestes últimos três dias; é que estive ocupado, a serviço de César...

Olhando-o afetuosamente, embora ainda presa de certo grau de alheamento que causou nota a Fábio, levando-o a guardar cautela, a moça sorriu, infantilmente.

– É claro, general! E me admira que alguém tão atarefado como o senhor tenha disposto de tanto tempo para dedicar a mim... – Divagando rapidamente de um pensamento a outro, porém, ela comentou, enquanto Caio percebia que, por mais ansiasse pelo momento em que lhe abriria definitivamente o coração, decerto ainda não seria ali, naquela hora em que notava a jovem bastante fragilizada pelos efeitos do choque que lhe causara a morte de Sejano. – Sejano adorava passear por aqui, general. E ultimamente, sempre nas suas folgas, recolhia deste bosquete as hortênsias que oferecia a Claudia, a filha do tribuno Graco, a quem ele vinha cortejando.

Caio ofereceu-lhe o braço e, deixando-se conduzir pelo rumo que ela dava ao assunto, puxou-a com gentileza para um passeio.

– Hum... Eu sei. Sejano e eu conversávamos muito, e ele andava, de fato, enfeitiçado pelos olhos verdes da filha do tribuno. Praticamente não tinha outro assunto! – Contou a Lucilla, risonho e descontraído.

Soubera por Fabrício da visita de Ciro acompanhado da mãe, e isto, já naquele tempo, espicaçava-lhe o ciúme, embora sempre contido e moderado nas suas atitudes. Tanto que venceu o impulso de sondar amigavelmente, naquela palestra enamorada com o alvo de seus sentimentos, do que,

exatamente, constou aquela visita; até que ponto a agradara, quais impressões causou.

Mas prevaleciam, invariáveis, na sua conduta, tanto o bom senso quanto a nobreza do caráter ilibado, que lhe davam sempre a medida certa do que lhe cabia como um cavalheiro, a cada momento. Assim, se absteve, ainda naquela vez, de ceder a uma insegurança que não condizia com as certezas que lhe iam ao espírito: efetivamente, já conhecia com clareza o tanto que ocupava os sentimentos e o coração da filha do senador Fabrício.

Neste ponto das recordações, houve uma interrupção; e, tão absorto estava, Caio sentiu-se como que descaindo abruptamente, ao dar conta de novo da realidade e do ambiente dos jardins do edifício.

Notou que a noite já caíra de todo, devendo ser por volta das dezenove horas. Todavia, uma outra lembrança ocupou-lhe involuntariamente os pensamentos, adiando um pouco mais a sua intenção de dirigir-se ao apartamento da família terrena de Lucilla.

Veio-lhe a recordação do início de tudo, de como conheceu a moça, e de como se apaixonaram.

Lembrou-se, emocionado, da festa oferecida em palácio, em honra a uma das suas vitórias, festividade na qual a família do senador tomava parte, e Lucilla, cantora consumada, fora chamada a entoar uma canção específica em celebração àquela ocasião, a pedido de César, enaltecendo os feitos das legiões sob o comando dos oficiais vitoriosos – um cântico em louvor aos deuses!

De si, era a primeira festa em palácio a que fora chamado para receber uma homenagem. E, bastante reservado na ocasião, e atento à conduta e ao rígido protocolo imperial<sup>(16)</sup>, foi para o circunspecto Fábio um acontecimento sem precedentes ser assim glorificado pelo próprio Júlio César, intensificando as suas relações com a nobreza, com políticos e com o alto patriciado que o cercavam.

Entre eles, portanto, conheceu, naquela noite, a única mulher que, em toda a sua vida, provocou-lhe aquela comoção amorosa violenta. Como nunca ocorrera antes, ela conseguira desestruturar-lhe os sentimentos logo da primeira vez em que a viu, cantando a tocante canção em louvor da vitória e dos seus feitos, bem como quando foi apresentado a ela e à sua família, pelo próprio Júlio César.

Naquele instante inesquecível, precioso ao seu espírito, percebeu, na sua argúcia de homem experiente, com grata surpresa, que a jovem e doce criatura visivelmente lhe correspondia e compartilhava com ele as emoções experimentadas naquela noite.

<sup>(16)</sup> Alude-se, aqui, a um regime político já predominantemente imperial, embora não oficializado historicamente como tal. (Nota do autor espiritual)

Prosseguia Caio recordando enlevado estas coisas, quando alguém conhecido passou correndo próximo aos jardins, em flagrante aflição, arrancando-o de chofre dos seus gratos devaneios.

Levantando-se num ímpeto, e seguindo atrás, percebeu que se tratava de Thalia, no auge do nervosismo, indo em direção ao edifício e lamuriando-se:

– Papai, pelo amor de Deus, onde vou achá-lo?! Você tem que estar em casa! Não o encontro em nenhum lugar!

– Thalia! – Esquecido por um momento da sua própria situação, Caio chegou a exclamar. – Que aconteceu, Thalia?! – Perguntou, sobressaltado, seguindo no seu encaço.

Indócil, quase adivinhava tratar-se de algo sério com Lucilla. E como de nada adiantassem as suas invectivas impacientes contra a jovem, projetou-lhe com energia no campo mental o máximo da sua capacidade perceptiva, buscando ler nos seus pensamentos a resposta que não conseguia através das palavras.

– Thalia!! – Renteou-lhe, enfático, colocando-lhe sobre a fronte uma das mãos, e imergindo na fisionomia alarmada da moça o seu olhar de fogo. – Que está acontecendo? Diga o que é, porque quero ajudar, Thalia!!

Entrementes, embora a sua interpelação mental intensa surtisse efeito imediato, porque logo aflorou aos seus pensamentos a imagem nítida de um acidente que desencadeou-lhe inaudito choque, mais alguém veio de súbito ao seu encontro, solícito como sempre.

– Venha comigo, Caio! Lucilla precisará da nossa, e principalmente da sua presença. Não é nada grave, mas temos que correr à clínica!

Fábio encarou-o, ofegante e pálido.

– Clínica?! – Retrucou, assustado. – Por que?!

Antes que Marcus pudesse responder, Thalia, ao lado, transtornada e em pranto, jogava encolerizada o telefone no chão, correndo de novo para fora de casa.

– Oh, papai, como o odeio! Mamãe e Cláudio estão num hospital, e eu não consigo achá-lo! Que vou fazer agora?

Seguindo rápido atrás da jovem, Marcus impôs-lhe uma das mãos sobre a parte de trás da nuca, sugestionando-lhe, incisivo, que fosse de encontro aos avós maternos, antes de acrescentar para o atônito Fábio, a correr ao seu lado.

– Vamos, Caio. Lucilla foi acidentada levemente com o menino, derrubada numa avenida de trânsito intenso em decorrência do descuido de um motorista! Estava com Cláudio no colo, daí o tombo ter inspirado imediato cuidado dos circunstantes. Eles a assistiram de imediato, e a conduziram para o hospital. Mas devemos primeiro orientar a desatinada Thalia, em completo estado de desamparo neste momento!

Caio julgou perder a cabeça ao ouvir aquilo.

– Onde está o patife do Ciro?! – Rugiu, rouco pela alteração nervosa de que dava mostras, misturada a insofreável cólera, os olhos chispando de ódio, injetados, ao encararem Marcus.

Este o examinou brevemente, preocupado.

– Fábio; mantenha o controle, ou não poderá ser útil a Lucilla! Esqueçamos Ciro por enquanto, porque certamente ele vai de encontro às lições que precisa para o seu crescimento e melhoria!

Transtornado, o outro tentou seguir o conselho do amigo, enquanto prosseguiram no enalço de Thalia que, seguramente sugestionada pela influência benéfica de Marcus, corria em rumo da residência dos avós, distando poucos quarteirões de onde residia, chorando e esbarrando nos transeuntes.

– Minha mulher e meu filho, Marcus! – Caio ainda ofegava, angustiado. – Quero minha mulher e meu filho apartados para sempre deste patife, que não os estima e não os protege! Quando aconteceu isso, afinal?! – E atormentava-se. – E onde eu estava, que não a acompanhava neste momento, em que mais necessitou da minha ajuda?!

Compreensivo, Marcus mais uma vez assumia o controle da situação, de dentro da sua inalterada lucidez espiritual.

– Não tem ainda uma hora. Thalia os acompanhava de retorno ao lar, e no momento do acidente pôde esquivar-se. Demandou procurar o pai, com a promessa do próprio causador do acidente, homem apesar de tudo probo, de dar assistência condigna à mãe e ao irmão. Não obteve sucesso, e desesperou-se. – Marcus levou a mão, com bondade, à fronte escaldante do amigo, transmitindo-lhe, sem que ele percebesse, eflúvios balsamizantes. – Acalme-se, meu caro, e não se culpe! Lembre-se de que apenas eventualmente contamos com a correspondência vibratória de Lucilla, de modo a sintonizar-se conosco de pronto nas horas de necessidade. Nem sempre se encontram, os nossos protegidos, no estado mental adequado para nos contatar, e saneados o suficiente de energias espirituais menos depuradas. Não é culpa dela, propriamente, nem nossa! A atmosfera espiritual do planeta anda opressiva para as almas mais sensíveis, lançando os seres, às vezes involuntariamente, nestas “decaídas”, que os privam, de forma provisória, do nosso contato efetivo. – E acrescentou, animador – Ambos estão bem, com leves ferimentos. Lucilla e o pequeno dormirão apenas, por algumas horas, após receberem os curativos! É neste período que caberá o nosso auxílio! – Sorriu-lhe, encorajador.

∞

Encaminhada Thalia, portanto, os dois amigos se dirigiram à clínica onde se encontravam Lucilla e o filhinho.

Atravessando o movimento intenso de médicos, enfermeiros, funcionários e visitantes encarnados e desencarnados pelos corredores, num cruzamento de dois deles Marcus parou, explicando:

– O pequeno Cláudio está num dos quartos desta ala, o segundo vindo nesta direção. Vou assisti-lo, Caio; enquanto isso, você fique à vontade para cuidar de Lucilla! Vá neste corredor até o quarto 1002; ela está sedada, e precisará de apenas algumas aplicações magnéticas para desprender-se e encontrá-lo!

– Ela estará consciente? – Caio quis saber, ansioso. – Não está sofrendo? Não sente dores?

Marcus gesticulou com tranquilidade.

– Estará bem, Caio, o acidente deixou-os apenas com poucos e leves hematomas. Peço-lhe, entretanto, que empregue cautela no seu modo de agir! Recorde-se, amigo, de tudo que pôde lembrar em nossa companhia nestes últimos dias, e oriente as suas atitudes com sabedoria, a partir disso!

Calado, sério, Fábio apenas fez que sim, para logo depois, com um aceno, sair na direção oposta, desaparecendo no meio do movimento intenso de gente que ia e vinha nos dois lados da vida.

Ele entrou no quarto devagar, cauteloso.

Thalia ainda não tinha chegado, e ele viu Lucilla, descaída na cama em vestes brancas de hospital, pálida, parecendo antes desmaiada.

Apresentava nos braços algumas manchas e arranhões arroxeados de desagradável aspecto, que lhe passaram ao estado de espírito zeloso e condoído uma pungente impressão.

Emocionado, ele avançou alguns passos lentamente, até alcançar o leito.

Sentou-se devagar a seu lado, examinando-a, enquanto afagava-lhe, carinhoso, os longos cabelos castanhos.

Prontamente houve uma reação. Como se movida por um sonho que a sobressaltasse, ou lhe provocasse inquietação, Lucilla mexeu-se um pouco, movendo-se de um lado para o outro, e balbuciando algo ininteligível, como se prestes a falar.

Caio percebeu, impressionado, o alcance da sua influência magnética sobre aquela alma tão querida. Impôs-lhe as mãos sobre a fronte, com intenção, aplicando-lhe imantação fluídica de modo apenas a desligá-la do corpo físico suavemente, e com consciência suficiente, sem despertá-la, mantendo os efeitos do sedativo.

Não trabalhou nisso mais que um minuto, e viu uma segunda Lucilla – a real – resvalar de leve no leito, desviando-se dos lençóis e abrindo os olhos, a princípio vagos e sonolentos.

Voltou-se para Caio, dominada por breve aturdimento, na incompreensão inicial do que se passava.

Entreolharam-se por alguns segundos. Caio mal contendo a expectativa, sem saber como reagir, ou o que esperar dela.

Não tinha como prever se seria reconhecido outra vez ou não.

Assim que o seu campo de visão tornou-se mais nítido, no entanto, um sorriso esmaecido iluminou-lhe o semblante. E, tentando erguer-se, ela estendeu uma das mãos, adoradamente, sentindo-se invadida por gratíssima surpresa.

– Caio!... – Exclamou, a voz praticamente um sussurro.

Sorrindo também, desafogado, ele não esperou segunda chance para atraí-la a si, abraçando-a, ardorosamente.

– Lucilla! Lucilla, meu amor! – Exclamou, comovido. – Estamos juntos de novo, Lucilla! Meus Deus! Quando será que definitivamente? – Ele desabafou, em parte para ela, em parte para si mesmo.

– Em algum momento haverá de ser definitivamente, Caio. – Ela respondeu, antes de falar de posse da completa lucidez, de vez que as suas ideias ainda se achavam confusas.

Lembrava-se, apenas, do seu último encontro com Caio nos jardins do edifício, e sofrivelmente de quem era ele, e do que representava na sua vida. A memória negava-lhe auxílio quase que de modo integral.

Caio segurou-lhe o rosto, e beijaram-se nos lábios, longa e ternamente.

– Venha comigo. – Ele chamou, com um sorriso, ajudando-a a levantar – Vamos dar um passeio juntos. Precisamos combinar algumas coisas...

Lucilla olhou em volta enquanto ele a abraçava gentilmente, conduzindo-a para o exterior da clínica. Só então, ela deu mostras de acordar um pouco para o que ocorria naquela outra realidade.

– Caio... – Disse, preocupada. – Que está acontecendo?

– Nada, meu amor; você apenas vai descansar durante algum tempo na minha companhia, e aproveitaremos o máximo possível para conversar. – Novamente ele a trouxe para si, como se preocupado em preservar algo extremamente precioso.

– Descansar? – Ela confundiu-se, hesitante. – Eu não consigo me lembrar do que fazia ainda agora...

Saindo do edifício, ao mesmo tempo em que observava, curioso, o movimento intenso daqueles que viviam, como ele, no “*lado de lá*” da vida, Caio parou um pouco, tomando uma decisão.

Refletiu que não poderia dialogar com Lucilla com a tranquilidade pretendida nas imediações de onde se encontravam; nem mesmo recorrendo às adjacências dos lugares situados naquela esfera de vibrações mais densas.

Para o que pretendia, necessitava ausentar-se temporariamente, colocando-se com a moça n’outras regiões mais sossegadas, e afastadas do torvelinho tumultuado da materialidade.

Abraçou-a, portanto, carinhoso, e beijou-lhe a fronte, pedindo que se aquietasse um pouco. Aplicou-lhe um passe magnético, com determinado propósito, e ele mesmo asserenou-se, fechando os olhos.

Em questão de segundos, quando os reabriu, viu-se com Lucilla num extenso parque da estância espiritual onde realizavam-se as sessões regressivas, lugar de origem sua e da própria Lucilla, que, desde séculos a perder de vista, os recebia nos retornos de cada etapa das experiências materiais.

Ali, ele julgava poder ter com ela, usufruindo do equilíbrio ambiente adequado e da paz de espírito que lhes convinha.

Um ajardinado de imensas proporções descortinava-se adiante. Frondoso bosque contornava-lhe os limites, a grande distância e, no meio da planície florida, um grande e sereno rio de águas cristalinas corria para destinos desconhecidos, espargindo indizível frescor ao sopro suave das brisas.

Caio tomou a encantada Lucilla pelas mãos e a levou para as margens perfumadas do rio, onde se sentaram à sombra de uma árvore frondosa repleta de flores multicoloridas em adoráveis nuances de rosa.

Aconchegando a moça a si, acomodaram-se na relva e, satisfeito e calmo como há muito não se sentia, ele começou:

– É sempre neste lugar que nos reencontramos, ao voltarmos de lá, Lucilla! Vamos combinar o nosso futuro, e as nossas próximas diretrizes, ao menos quanto ao que está ao nosso alcance controlar.

– Tudo é muito incerto, Caio! O que está ao nosso alcance controlar? – Ela respondeu, arrancando-se com relutância do embevecimento com a paisagem circundante, e vendo-se ainda confusa e perdida nas considerações. – Veja você; daqui a pouco mesmo, terei que voltar, e nos perderemos de vista de novo! É difícil...

Calmo, Caio sorriu apenas, durante alguns instantes. Acarinhou-lhe os cabelos, enquanto usufruía extensamente daquele momento raro e delicado, em que os dois podiam permanecer a sós e íntimos.

– Dispomos de tempo suficiente agora, antes que você retorne, Lucilla. Além disso, nunca nos “perderemos de vista”. Você está apenas confusa quanto a verdadeira realidade das coisas. É natural.

– Estou preocupada com Cláudio. Lembro-me de ter estado com ele antes de vir para cá com você. Mas aconteceu alguma coisa...

– Nosso filho está bem, Lucilla... – Ele assegurou, reconfortando-a – Está dormindo, e um amigo vela por ele...

– “Nosso filho”?... – Perturbada, ela o encarou, interrogativa; e, notando isso, ele se preocupou um tanto.

– Sim; nosso filho, *domina*... – Ele murmurou, afetuoso e de bom humor, intencionalmente. – Você não se lembra agora, não é? – Replicou, compreensivo.

Mas Lucilla estava visivelmente aturdida.

– Sim... lembro... – Ela sorriu com suavidade, dirigindo-lhe enternecido olhar. – General Caio Fábio... – O sorriso expandiu-se, jovial, mais descontraído.

– Mas Cláudio... nosso filho, Caio? – Ela comentou, interessada, segurando-o pela mão com carinho. – Como assim, nosso filho? Sei que faz sentido o que me diz. De alguma forma inexplicável sei que é verdade, mas não me ocorrem as razões. Conte-me! – Pediu.

Caio suspirou, mais sério.

– O seu pequeno Cláudio foi nosso filho, quando eu era um militar romano, Lucilla. E eu ainda o considero assim, apesar de todo este tempo passado desde então!

Lucilla meneou, intrigada.

– Mas... não entendo! Acho que nós não fomos casados naquela época! Ou fomos? Ou estou me recordando mal? Não, mas... e Fernando? Ele esteve presente naquele tempo, lembro agora. – Agitou-se, oprimida por patente angústia. – Oh, Caio, ajude-me! Preciso que me explique! Por vezes, tenho a sensação de que estou enlouquecendo!

– Você foi casada com Fernando – naquela época Ciro Magno. – Ele a atendeu, evasivo a princípio. – Era para ter sido comigo. E Cláudio – o pequeno Magno – era nosso filho! – Esclareceu, a fisionomia tomando-se de velada tristeza mesclada ao enlevo que sentia no momento, na companhia da mulher que amava, sem preocupações mais imediatas, sem o risco de intervenções alheias.

– Como “era para ter sido”? – Lucilla confundiu-se.

O sorriso antes entristecido velou-se de uma sombra enciumada.

– Sonde os seus sentimentos, e talvez se recorde melhor, Lucilla. Você ama Fernando? Por que se encontra aqui, venturosa, tão absolutamente confiante, ao meu lado?

– Caio! – Ela replicou, delicadamente, admirando-se com o que julgou nele um certo desapontamento que não compreendia de imediato. – Perdoe-me se o magoei! É que realmente eu não me lembro!

– Nós éramos praticamente noivos! – Esquivando-se, e recriminando-se rigorosamente pelo mal-estar que provocou, Caio prosseguiu, afaçando-lhe, afetuoso, o rosto delicado. – Mas houve uma interferência, em nome das conveniências de um patriciado na ocasião, e fomos separados. – Ele deu de ombros. – Não adiantou muito. Sempre nos amamos. Acabamos nos envolvendo, e disso nasceu Magno!

– E o que está acontecendo agora? Por que continuo presa a Ciro? – Ela afligiu-se.

– Porque... – Era um momento crítico do diálogo, e espontaneamente Caio se recordou das recomendações de Marcus. – Porque, Lucilla, precisamos

ajudá-lo a vencer uma certa barreira de ressentimentos e aversão, que ele nutre a nosso respeito, por amor a você. Isto afeta prejudicialmente tanto a ele como a nós mesmos, no processo... – Concluiu, com dificuldade. – Não foi fácil para Ciro, como ainda não é para o Fernando atual, suportar a nossa inclinação natural de um pelo outro, e o seu amor por mim, em detrimento dele! Queria conquistar-lhe o coração pela violência. Não conseguiu! Após todo este tempo, você nunca se desvinculou de mim. Mas não podemos conseguir nada próximos um do outro; precisamos fazê-lo entender de uma forma mais sutil! Por isso, permanecemos, neste momento, “apartados” na vida física, Lucilla! Por este motivo, você se encontra ligada a Fernando, na tentativa de amenizar-lhe o ânimo revanchista contra nós dois. Para fazê-lo ver que é possível um relacionamento harmonioso entre vocês, com o entendimento dele de que a nossa empatia é um fato, e de que a existência é rica! Devemos induzi-lo a seguir o seu rumo para outros objetivos, sem ressentimentos! – Ele concluiu, cuidadoso com as palavras. Tomou-lhe a mão e beijou-a, amoroso – Nós ajudamos, no passado, como ainda lhe será dado analisar comigo, querida, a provocar em Ciro este prejuízo emocional, porque, apesar de tudo, ele a amava com sinceridade, de dentro da sua tirania e agressividade. Está nos cabendo agora corrigir este erro, pagando a dívida para com o Fernando de hoje!

– Mas... Não me recordo destas coisas na vigília, Caio! Tudo fica mais complicado desta forma! – Ela confessou. – O que tenho em mãos são as referências do que me ocorre na realidade que me cerca, inteiramente nova, e que não me indicia com clareza as origens do que determina o comportamento dele! Sinto-me por vezes perdida, sem saber o que fazer, como reagir!

Caio sorriu-lhe, buscando incutir-lhe confiança.

– Intuitivamente você sabe, meu amor. Você já nasceu nesta etapa atual sabendo o que fazer. Portanto, ao voltar deste nosso encontro, sinta que permaneço sempre ao seu lado, e que nós agiremos juntos! Aconteça o que acontecer, continue portando-se diante de Fernando de um modo que a resguarde de ódios e de mágoas. Lembre-se do nosso amor, Lucilla. Mas ensine-o a estimá-la pela correção e lealdade indiscutível que marcam as suas atitudes, a sua dedicação ao seu casamento e à sua família. Isto o privará da menor das razões possíveis que lhe justifique os desmandos aos quais se entrega! Jogue-o de volta para ele mesmo, e mantenha-se íntegra. Momento virá em que isto pesará, enfim, mais do que tudo, e o acordará para a realidade das coisas e para o seu valor, livrando-o da necessidade inconsciente que experimenta de magoá-la!

## ***Arma-se a Tempestade***

Devolvida Lucilla ao plano físico, Marcus já esperava por Caio no quarto do pequeno Cláudio, ainda adormecido, tranquilo e feliz como todo anjo baixado do firmamento às vivências terrestres.

– Vejo que volta de uma palestra bem-sucedida, Fábio. Noto-o revigorado e mais calmo! – Notou o Instrutor, com satisfação. – O pequeno Cláudio está bem, e aguarda aqui a sua visita!

Caio alcançou o amigo e arquejou, como se tomando fôlego após superadas grandes preocupações.

Acariciou a criança, atencioso, por alguns instantes. E um leve sorriso desanuviou-lhe mais a fisionomia, após o que voltou-se para o seu amigo, apaziguado, na verdade; porém, ainda dominado por inquietações.

– Vi Thalia e os pais de Lucilla no quarto agora, Marcus. Mas, por Deus! Que foi feito de Fernando? – Aduziu, inconformado.

Compreensivo, diante da mal contida revolta do amigo, Marcus suspirou, esclarecendo.

– Não pôde mesmo ser localizado, Fábio, agora posso dizer. Encontra-se na companhia de Sheila, numa situação que, inevitavelmente, o torna incomunicável...

A respiração de Caio sofreu-se.

Se fosse abandonar-se ao primeiro impulso, sairia às pressas dali para onde Fernando estivesse, na intenção de assacar-lhe implacáveis acusações e invectivas mentais.

Entretanto, após a reconfortante entrevista com Lucilla, e levando em conta os sucessos dos últimos tempos, atualmente o ex-general pretoriano achava-se mais ponderado e reflexivo. Assim, conteve-se, a custo, embora, na impossibilidade de mostrar-se ainda calmo e equilibrado quanto ao assunto, o máximo que conseguiu foi manter-se calado, ostensivamente repassando a Marcus a incumbência de determinar os próximos passos de ambos.

Notando isso, Marcus pôs-lhe a mão no ombro, amistoso.

– Ficaremos ainda aqui, enquanto os nossos tutelados precisarem do nosso concurso, Caio. Lembremo-nos, porém, do nosso compromisso ainda hoje com a regressão!

O outro apenas fez que sim, de boa mente conformado com as determinações.

A noite caía, encerrando aquele dia de difíceis provas para Lucilla e sua família.

O pequeno Cláudio já dormia. E no quarto de sua mãe permaneciam, vigilantes, a incansável Thalia, acompanhada dos avós maternos, os únicos ainda vivos, de vez que Fernando orfanara cedo. E, além deles, duas presenças para eles invisíveis: Marcus, e o calado Caio, que ficou à cabeceira do leito, enquanto o primeiro, naquele momento, levava a efeito passes longitudinais na paciente, para que ela melhor aproveitasse os efeitos do repouso de modo a ficar apta à alta médica no dia seguinte.

Em meio ao silêncio contrito dos visitantes, de repente a porta abriu-se devagar, dando passagem a mais alguém, cuja presença inopinada causou desagradável impressão a todos, e instantânea irritação em Caio, que chegou a levantar-se, de abrupto.

Junto com ele, levantou-se a desassombrada Thalia, mais ou menos na mesma disposição de espírito.

– Papai!! – Exclamou, descuidando-se da altura da voz que tirou, em parte, Lucilla do seu sono profundo e quase letárgico provocado pelos efeitos dos sedativos. Ela avançou para ele de pronto, impulsivamente. – Com os diabos, papai! Que pode ter acontecido? Passei o dia inteiro atrás de você, e não faltou um buraco daquela maldita empresa que não fosse vasculhado por mim à sua procura!

Ciro – ou antes Fernando – entrou devagar. Pareceu à perspicácia jovem e desobstruída de distorções da filha mal achado e incerto sobre o que dizer, e isso foi o suficiente para que ela lhe desse as costas, de abrupto, voltando enojada para junto da mãe, sem dar atenção ao que o pai falou, à guisa de resposta, a seu ver mal formulada, e nada convincente.

– Acalme-se, Thalia! Tive uma reunião de urgência fora da empresa! Por isso não me encontrou!

Diante do irado e despercebido Caio, que cresceu um passo para ele, sendo amavelmente contido pelo amigo, Fernando voltou-se para o seu sogro que, sem levantar-se, inquiriu-o, também ele claramente insatisfeito com o que ouviu (o antigo senador Fabrício, ainda zeloso dos destinos da filha de outrora!).

– Diga-me, Fernando. – Começou, sem alterar-se. – Que tipo de reunião de urgência o retém de um jeito desses, durante todo o dia, ao ponto de obrigá-lo a tornar-se incomunicável durante todo o tempo, sem uma bendita alma que soubesse do seu paradeiro num caso de necessidade como o de hoje?

Sério, sem encará-lo muito, e dissimulando a insegurança íntima, Fernando buscou o leito da esposa enquanto respondia, evasivo, e num tom que deixava claro que lhe era um aborrecimento ter que sair-se em explicações para alguém cuja óbvia intenção parecia ser colocá-lo contra a parede.

– A empresa está à beira da concordata, Saulo! Andei de um lado para outro o dia todo, e não tinha como adivinhar o que aconteceu!

Saulo ergueu as sobrancelhas.

– Ah, sim... Então, não foi mais só *uma* reunião...

– Que você quer insinuar? – Fernando redarguiu, contrariado.

– Que é inadmissível que, numa emergência como esta, a sua família não disponha de meios para localizá-lo! Diante de nós e de seus filhos, Fernando, você deve, sim, explicações e um pedido de desculpas, e não está em posição de aborrecer-se contra nós! – Rebateu Saulo, enérgico e imperturbável.

– A propósito. – Verbena, mãe de Lucilla, atalhou. – Como, afinal, pôde tomar conhecimento do ocorrido?

– Quando cheguei em casa havia avisos de Thalia com o porteiro e escritos dentro de casa.

– A hora em que você sempre chega, não, papai? *Quando* chega! – Acusou a filha, angustiada, com lágrimas furtivas escorrendo-lhe pelo rosto.

Na penumbra do quarto, Fernando olhou Lucilla, expressando sincera preocupação, de mistura com um desconcerto inevitável, extravasando nos seus modos à sua revelia.

– Como está ela, Thalia? Já estive no quarto de Cláudio, e ele dorme bem.

– Está viva, como o senhor vê! Recebe alta amanhã, graças a Deus! – Thalia respondeu, seca, levantando-se num ímpeto e afastando-se dele.

– Seu pai tem estado muito ocupado, Thalia. Não fique deste jeito... – A voz enfraquecida de Lucilla se fez ouvir, inesperadamente.

Desde a entrada de Fernando ela mantinha os olhos fechados, mas não mais dormia.

Os pais de pronto se aproximaram, esquecendo tudo, e a jovem correu de volta para a cama, abraçando-a, amorosa.

Fernando, ainda tomado de grata surpresa pela manifestação a seu favor vinda da parte da esposa num momento crítico, sentia-se ao mesmo tempo aliviado e oprimido por insuportável complexo de culpa.

Olhava-a, sem saber o que pensar ou dizer.

– Mamãe!!

– Nada me fará mais mal do que vê-los se desentendendo neste momento, Thalia. Estou bem, e isso é tudo. Alegrem-se por mim! – Pedia-lhe Lucilla, abraçada à filha, e acarinhando-lhe os cabelos, enquanto, com discrição, levantou o olhar súplice para o marido e para os pais aliviados.

– Filha! Foi um grande susto o que você nos deu! – Sorria-lhe Verbena, afetuosa, sentando-se ao lado e instintivamente compreendendo que tudo de que Lucilla não precisaria naquele instante era da carga deprimente que o prosseguimento daquela discussão acarretaria ao seu bom restabelecimento.

Os olhos dos esposos, então, se encontraram.

Fernando não conseguiu sustentá-lo

– Perdoe-me, Lucilla... – Disse, apenas, com um meneio bastante desolado, num raro momento em que a consciência plena da sua deserção das responsabilidades que lhe competiam o dominava de um modo suficientemente lúcido.

– Eu estou bem, Fernando. Eu estou bem... – Ela apenas pôde sorrir-lhe, levemente. – Mas falem-me de Cláudio...

Perto dali, nervoso e indócil, Caio voltou-se para Marcus.

– Marcus, já está na hora de irmos à reunião, não? – Disse, num tom brusco; ao que Marcus, compreensivo, apenas fez que sim. – Quero ir embora daqui! Amanhã estarei de volta para vê-la, mas agora, Marcus, preciso ir, para não fazer coisas impensadas que a prejudiquem!

Ele mal conseguia conter o mal-estar que o assoberbava, um sofrimento amargurado, quase palpável!

– Claro, Caio, temos mesmo que ir. Mas lembre-se, amigo: Lucilla está apenas tentando seguir, de modo inconsciente, os seus próprios conselhos, aliás muito oportunos – Marcus lembrou-lhe, solidário, enquanto seguiam, ganhando a noite lá fora.

∞

O visor mais uma vez mostrava os cenários clássicos e grandiosos da Roma de Júlio César: casario branco, palácios magníficos, bigas, liteiras, a massa do povo em movimento incessante que emprestava agitação frenética ao emaranhado de ruas estreitas.

Numa das casas mais bem-postas, rodeada de jardins, chafarizes e estátuas forjadas em mármore pelos mais renomados escultores de Roma, Lucilla atravessava bem, e contando com calma relativa, o seu período de gravidez.

Entretanto, confinada na área da residência a maior parte do tempo, de vez que seu estado não mais lhe permitia, com o avanço dos meses e do desconforto, passeios prolongados ou demasiado esforço, foram se escasseando as ocasiões de seus encontros com Caio, contingência que lhe causava abatimento fundo e inevitável a se lhe refletir, lamentavelmente, na saúde e no estado de espírito.

A maior parte dos familiares e das pessoas mais próximas atribuíam tal circunstância à gestação em curso. Mas Valéria, unicamente, dispondo da capacidade de ler no coração da filha, diante destes acontecimentos via-se tomada de alarmado receio.

No entanto, mãe extremosa, intuía a gravidade da questão e nunca ousara, durante todo aquele tempo, falar de suas apreensões com quem quer que fosse, nem mesmo com Fabrício. Conhecia de perto o temperamento eventualmente violento e intransigente do marido que, no caso de haver

fundamento nas suas suposições, jamais toleraria aquela mácula à honra da sua família em decorrência dos estouvamentos da filha, e da ousadia temerária do general pretoriano. E com Lucilla, também, não mais se atrevera a abordar o assunto, depois da reação infeliz que ofereceu logo na primeira tentativa.

Caio, por sua vez, a cada dia mais indócil, não cabia em si de impaciência e preocupação, a se refletir nitidamente, inclusive, na sua proverbial fleuma junto às tropas. De modo que a ninguém mais estava passando despercebido que algo muito grave deveria estar ocorrendo no mundo particular do general das legiões, para que se desse aquela modificação abrupta no seu comportamento. Pois de seguro e confiante, e habitualmente inabalável de dentro da sua comum altivez, atualmente os soldados e oficiais imediatos testemunhavam, perplexos, no dia a dia, um Caio Fábio áspero, nervoso e intransigente, perdendo a paciência com os mais mezinhos detalhes da disciplina militar, que antes costumava resolver fazendo uso de uma ou duas palavras ou determinações certas, sem maior desgaste que o obrigasse a ocupar-se de frioleiras mais do que se pedia.

Assim, empreendeu a tentativa de conseguir com frequência notícias por meio de Lívia, guindada à posição de sua informante, porque mesmo em respeito ao bem-estar e à saúde da companheira evitava exacerbá-la emocionalmente, impondo-se o sacrifício de suspender temporariamente os encontros.

Mas mandava recados praticamente todos os dias pela dama de companhia, e, em acerto comum com ela, enviava-lhe bilhetes, que eram destruídos logo após a leitura, e flores que seguiam em nome de amigos fictícios, a título de felicitações pela gestação.

Tornava-se, porém, cada dia mais difícil suportar a ansiedade, pois os serviços a César, com as legiões, e em palácio, afastavam-no às vezes por vários e vários dias. E o seu maior temor era uma convocação oficial súbita, de campanha ou de destacamento para serviço de comando em outras regiões, porque as guerras continuavam e se formavam da noite para o dia, eclodindo aqui e ali nos vastos domínios do Império Romano no seu nascedouro.

Era certo, portanto, que, mais dia, menos dia, um dos principais generais de Júlio César teria que seguir à frente de alguma batalha.

Em meio àquelas apreensões e disposições tensas, com Ciro feliz e orgulhoso, a rodear Lucilla de atenções redobradas e de carinho inédito, como nunca ocorrera antes, chegou enfim o dia em que o pequeno Octaviano Magno veio ao mundo.

Cercado de zelos e das efusões familiares, a criança nasceu saudável e robusta. Cópia fiel do pai distante, contudo, pôde ficar apenas por pouco tempo nos braços da mãe, porque esta, já debilitada após o trabalho de parto, desfaleceu exânime, tão logo beijou o menino, não suportando o choque

provocado pelo reconhecimento da semelhança flagrante entre o filho e seu pai, permanecendo desacordada por praticamente todo o primeiro dia.

E foi mesmo só no segundo que Lívia, conforme o combinado, pôde se avistar com Caio para passar-lhe detalhes do estado de Lucilla, do parto, e do bebê.

Com as bênçãos da saudosa Lucilla, Lívia aviou-se altas horas, quando todos já estavam recolhidos, envergando trajes simples que lhe ocultavam o rosto, por uma viela que desembocava junto ao pretório, onde um homem embuçado a aguardava junto a um cavalo amarrado a uma pilastra.

Tão logo a viu correndo a bom correr, Caio a puxou e ocultaram-se.

Ambos puxaram seus capuzes, desvelando os rostos ansiosos por razões diversas; Caio, por expectativa pura. Lívia, por incontrolável temor.

– General Caio! – Ela exclamou baixo, a voz trêmula. – Prazer em revê-lo após tanto tempo! Mas morro de medo de ter sido seguida, pois Flamínio continua vigilante!

– Provavelmente não, roguemos aos deuses! E quanto à sua volta, a conduzirei em segurança! – Fábio ofegou, o olhar de fogo cravado em Lívia, aflito. – Mas, não tarde mais com as notícias, Lívia, ou vai matar-me de ansiedade! Como estão Lucilla e o meu filho?

Lívia gesticulou com amenidade, sorrindo-lhe, ao lembrar do lindo menino que teve nos braços ainda naquela noite.

– Acalme-se, general. O senhor, ontem, recebeu dos deuses um lindo menino, robusto e saudável! – Contou-lhe, com bondade, arrancando do militar um sorriso desafogado.

– É homem! Como eu disse a Lucilla que seria! Bendita sejas tu, Lívia, que me trazes esta boa notícia! E... – Ele hesitou, expressando agora interesse mesclado a uma certa tristeza – ...e o nome, Lívia? Lucilla te disse?

– Lucilla pediu a Ciro que fosse Octaviano Magno, em homenagem ao falecido avô. – Lívia meneou, sublinhando. – Ele nada opôs, considerando a notoriedade e a nobreza de Cláudio Otaviano, reputadas em toda Roma. Mas Lucilla confessou-me que, estivessem vocês juntos, e o nome do menino seria Caio Fábio, general! A criança – que Júpiter os resguarde! – é a sua cópia, senhor! Tem os seus olhos! – Lívia contou, entre compadecida e pressurosa.

Caio, mais uma vez, sorriu, orgulhoso, e, a despeito do nervosismo e da angústia, também emocionadíssimo.

Enquanto passava a Lívia um recado escrito para Lucilla, acompanhado de um presente envolto em seda azul, pediu-lhe que contasse a respeito da reação de Ciro.

– Ele não desconfiou de nada, olhando a criança?

Lívia novamente abanou a cabeça.

– O senhor Ciro está tomado de uma euforia que o cega para tudo, pelo menos por enquanto! Ele também queria um menino, e crê que os deuses atenderam-lhe ao pedido!

O sorriso de Fábio tisonou-se de ironia; o olhar divagou pelos arredores escuros e silenciosos, por breve momento.

– Atenderam ao meu, Lívia! – Assegurou-lhe, convicto. E acrescentou. – Fico feliz com o nome que Lucilla escolheu. Conheci Octaviano ainda vivo. Foi um militar notável, e cheguei a servir sob o seu comando! Meu filho há de ser como eu e como o avô! – Lívia ouvia-lhe o vaticínio orgulhoso de pai, compadecida, e com compreensão. Tinha pena daquele pai apartado injustamente da mulher que amava e do filho, que seria para eles um sonho, coroados a ventura conjugal, se não tivessem sido vítimas da interferência arbitrária e cruel de interesses alheios. – E minha Lucilla, Lívia? Enlouqueço de ansiedade por não poder vê-la! – Seu rosto tomou-se de seriedade e pesar. – Temo a qualquer momento nova convocação de César! Diga-lhe que preciso vê-la o mais rápido possível, assim que se veja recuperada!

– Não há nada que a senhora queira mais, general Fábio! Principalmente agora! Darei o seu recado, mas adianto-te que o que ela pretende é, de alguma forma, conseguir mostrar-te o teu filho, e colocá-lo nos teus braços! Lembra-te, porém, de que apesar da gravidez da senhora, Ciro não abrandou a vigilância; pelo contrário, duplicou-a! Agora são dois homens a vigiar, Flamínio e Comênio! Por isso toda a tua dificuldade, nos últimos tempos, em te avistares conosco!

Algum tempo depois, Caio reconduzia Lívia em segurança à residência, introduzindo-a por uma saída oculta criada nos muros dos jardins, e logo depois desaparecendo no escuro qual sombra, afastando-se velozmente, a galope.

Sozinha, Lívia percorreu as aleias desertas e perfumadas pelo sereno da noite, serpeando entre os trechos mais copados dos bosquetes silenciosos, até alcançar os degraus que davam nos aposentos de Lucilla pelos fundos, galgando-os com a leveza de uma gazela.

Apesar do adiantado da hora, Lucilla lá estava a esperá-la, apreensiva e insone, fazendo que dormia, recostada no leito para o caso de qualquer imprevisto, e tendo o pequeno recém-nascido a dormir tranquilo no acolchoado de seda ao seu lado.

Tão logo Lívia entrou, saltou, precipitada, correndo e abraçando a amiga.

– Oh, Lívia! Eis-te de volta! Temi tanto por ti! Nunca terei como te agradecer! – Replicou, lacrimosa e comovida.

Carinhosamente, a jovem dama retribuiu o abraço, embora cansada e quase sem fôlego.

– Não tinhas o que temer, senhora, pois o general é seguro e arguto! Conduziu-me até aqui sem nenhum perigo! – Ela sorriu, arfando e descaindo num assento próximo. – Do que não é capaz um homem treinado justamente para desvencilhar-se de inimigos, e ainda estando, por acréscimo, apaixonado? No entanto, senhora, confesso-te que rejubilarei quando, os deuses o queiram, uma solução feliz os abençoar nos seus planos, desobrigando-me destas escapadas! Toma! – Ela passou, bem-humorada, à atenta Lucilla, sentada a seu lado, o recado e o presente – Ele te manda estas coisas, e pediu para dizer-te que pretende vê-la sem demora, pois vem receando novas campanhas que voltem a afastá-lo!

Emocionadíssima, os olhos ainda úmidos, Lucilla recebeu os objetos.

– Contou-lhe do filho, Lívia? Como ele reagiu? – Quis saber, ansiosa.

– Como era de se esperar: um pai eufórico e sonhador, que já faz planos para o futuro do pequeno! Diz que será um pretoriano, como ele e o avô, e aprova completamente a escolha que tu fizeste do nome!

Lucilla sorriu, prazerosa com o que ouvia.

Então, enquanto Lívia descansava, servindo-se de um pouco d' água, percorreu os olhos pelas linhas do bilhete, à luz tênue do luar pleno que se projetava através das cortinas:

“Lucilla. Morro de saudades, já não suporto mais. Que os deuses te abençoem e ao nosso pequeno, concedendo-lhes longa vida e saúde. Envio-te este presente em lembrança do dia de hoje, afirmando-te que passo bem, embora a tristeza irremediável por não ter sido eu o primeiro a erguer o nosso filho nos braços. Preciso ver-te a qualquer custo, Lucilla! Não posso mais com a tua ausência, e com a falta que faz o teu calor nas minhas noites, e o teu sorriso a iluminar os meus dias! Amo-te com paixão! Mandarei instruções por Lívia, assim que me autorizes uma aproximação, em decorrência do teu restabelecimento. Dê por mim em meu filho o beijo que momentaneamente me vejo impedido de dar. *Domina*; obrigado, e em nenhum momento me esqueças, ou que velo próximo a ti como os próprios deuses.” - *Caio Fábio Quinto*.

∞

Lívia observou a amiga, quando esta dobrou a missiva após a leitura, destruindo-a relutantemente à chama da lamparina, como se se desfizesse de objeto altamente valioso.

– Quando pretende vê-lo, senhora? Estarei a postos assim que queira enviar-lhe recado, pois também anseio pelo feliz desfecho deste caso!

Pensativa, Lucilla não respondeu logo. Desvelando o presente recebido de seu envoltório de seda azul, comovida, viu tratar-se de uma joia de subido valor, estimativo inclusive, pois tratava-se de precioso camafeu engastado em

ouro cravejado de rubis, contendo oculto, na parte detrás, um pequeno recipiente fechado onde ele colocara uma sua foto talhada em marfim.

– Olha, Lívia! Que coisa soberba! – Ela o estendeu para a amiga que, inclinando-se, o examinou detidamente, tomada de admiração.

– Oh, senhora! Não há como calcular o valor deste objeto!

– Tem o valor de Caio para mim! – Ela declarou, meditativa e enlevada. Colocou-o num cordão que trazia ao pescoço, com a ajuda de Lívia, olhando um pouco para o pequeno adormecido ao seu lado. – Vou usá-lo, Lívia, até a minha morte! E se alguém indagar da origem disso, direi o que também tu deves afirmar: que se trata de presente teu, pelo nascimento da criança!

– Oh, senhora! Isto não convencerá! – Lívia argumentou, receosa. – Não tenho posses para te ofertar este presente régio!

– Isto pouco importa, de vez que todos possuem os seus bens de alguma forma, em virtude de herança ou de economia! – Lucilla decidiu, confiante. – Quanto a Caio, Lívia, confesso-me incerta quanto ao que fazer! Mas comunique a ele, quanto antes, em razão dos seus temores pelo serviço, que já me encontro bem e disposta! Não me vejo ainda assim, tanto, mas também não posso mais com o nosso afastamento interminável! Dê a ele liberdade para agir como bem entender, pois que quero vê-lo, e depressa! – Pediu à outra que, como sempre cegamente leal, somente concordou, sem discutir ou comentar.

Acontece que foram correndo os dias e, apesar da autorização expressa de Lucilla, a vigilância dos mandantes de Ciro se fazia tão acirrada que não surgia oportunidade satisfatória para que ela e Caio se avistassem.

Debalde ele esperou notícias de Lívia sobre alguma ausência prolongada de Ciro a serviço de César, e infrutíferas também se fizeram as suas incursões disfarçado pelos arredores da residência, no intuito de aproveitar a possível chance de uma saída rápida de Lucilla acompanhada do menino, ou mesmo sem ele, mas a sós.

Chegou a vê-la certa vez, deixando a casa sozinha, de liteira. A cavalo, aproximou-se tanto, temerariamente, que, apesar de disfarçado, viu que Lucilla o reconheceu pela abertura do cortinado, sobressaltada, e empertigando-se de abrupto. Mas os seis carregadores se faziam acompanhados de Flaminio que, postado do lado de lá, apenas por isso não notou-lhe a aproximação excessiva no meio do movimento intenso de passantes, bigas e cavaleiros que iam e vinham.

Depois disso, alarmada, Lucilla chegou a mandar-lhe por Lívia missiva urgente, asseverando-lhe que se acautelasse, porque por pouco não fora visto, e certamente, de outra vez, não contariam com tanta sorte.

Caio, no entanto, cada vez mais indócil e impaciente, havia perdido a noção do perigo. Confiava tanto em si mesmo e na sua capacidade de sair

vitorioso de um confronto aberto com Ciro, que progressivamente foi deixando de lado toda a precaução.

Querendo ter com Lucilla a qualquer custo, também na ansiedade de entrever o filho, a toda hora procurava ocasião de abordá-la abertamente nas ruas, estivesse ela acompanhada ou não. Não se cuidava mais de disfarçar-se, nem de expor-se, à plena luz do dia.

A Flamínio e Comênio não tardaram a causar nota e estranheza, estas investidas despropositadas, quando o general se aproximava exageradamente da liteira de Lucilla, ou da mesma em suas saídas eventuais com Lívia, sem nada dizer, ou, vez por outra, apenas cumprimentando-a. E, por consequência, em pouco tempo Ciro foi notificado daquelas ocorrências; o que bastou para que o seu ânimo, desanuviado nos últimos tempos, desde o nascimento de Octaviano, fechasse qual tempestade.

Lucilla, por sua vez, ficava aterrada. Desconhecia Caio, estranhando-lhe a ausência da sua tão tradicional prudência e calculismo nas iniciativas, e só o amor segredava-lhe ao coração que aquele comportamento insólito e desatinado se derivava no desespero de que provavelmente se via possuído para resolver aquela situação.

Passados alguns meses naquela sobrecarga de angústia, em que puderam se avistar apenas uma vez nos fundos dos jardins, altas horas da noite, durante uma rara oportunidade em que Ciro precisou dos dois homens da vigilância para ajudá-lo nos negócios, ela tornou a alertá-lo para o risco do que vinha empreendendo.

A resposta veio num bilhete curto, aparentemente escrito às pressas num intervalo entre as inúmeras obrigações do militar, no entanto de teor decidido e inapelável:

"Lucilla, chegou a hora das explicações com Ciro. Esteja pronta, pois preciso vê-la a qualquer preço, e, nos próximos dias, em alguma circunstância, criarei situação para ter contigo. Amo-te sempre!" - *Caio Fábio*.

∞

Lendo aquilo, cheia de temores, oprimida, a jovem senhora comprimiu contra o peito opresso o bilhete dobrado, e tratou de alertar Lívia.

Foi num tarde em que tudo concorria para que não fosse favorável uma aproximação do general.

O pequeno Octaviano, com nove para dez meses, ficara em casa sob os cuidados da ama, e Lucilla quisera se ausentar a pé, na necessidade de adquirir no comércio das adjacências objetos que preferia escolher de próprio crivo.

Solitária no passeio, entretanto, sabia-se vigiada de perto por Comênio, a quem vira esgueirar-se furtivamente no seu encalço por uma outra saída da casa, tão logo ganhou a rua.

Meio distraída e meio preocupada, andava olhando volta e meia para trás, consultando, num certo sobressalto, os arredores movimentados.

Não conseguia ver Comênio atrás de si. A agitação dos transeuntes era grande em meio ao barulho, e sob o sol ainda escaldante do início da tarde. Mas, sem saber porque, Lucilla quase que adivinhava que alguma coisa inesperada estava para acontecer.

Entrementes, quando já atentava em algumas lojas de onde vendedores lhe acenavam com objetos convidativos e coloridos, alguém que surgiu a galope batido de uma das avenidas apeou de inopino, segurou-a pelo braço e fê-la voltar-se.

Pálida, assustada, quase a desfalecer, sentiu disparar o coração ao dar com Caio parado à sua frente, o olhar profundo mergulhado no seu, tomado pelo brilho de uma emoção quase desatinada.

Não estava embuçado, não se protegia nem disfarçava, nada! Envergava as vestes de um militar à paisana num dia de folga.

Ela dispôs apenas de breves segundos para reparar nestes detalhes, porque logo em seguida ele a puxou, decidido, abraçando-a com firmeza.

– Lucilla, venha comigo, e não se preocupe!

– Caio! Pelos deuses!! – Ela exclamou, atônita, quase em vertigem.

Ele apenas ergueu-a vigorosamente nos braços, acomodou-a sobre o seu cavalo. Montou atrás, enlaçando-a e, tudo isso em questão de segundos, disparou a bandeiras despregadas, tocando a galope no meio do povo como um relâmpago.

De onde estava, muito atrás, o atento Comênio passou a segui-los durante algum tempo. Depois, rodou no sentido contrário, e desapareceu rápido, no caminho de volta ao centro de Roma.

– Caio!! – Lucilla insistia, tentando apelar para a sensatez do companheiro, a seu ver alucinado. – Estou sendo seguida por Comênio, Caio!! Isto vai nos perder!!

Ele puxou as rédeas apenas por um breve momento, quando já ganhavam longe as estradas fora de Roma. Esquadrinhando carinhosamente Lucilla, encolhida em seus braços, comprimiu-lhe os lábios num beijo apaixonado e longo.

– Deixe que ele venha, Lucilla! Temos muito tempo até que volte! Sabe que esta estrada possui apenas um sentido, e conhece o caminho que estamos fazendo, é bem provável! Mas você estava avisada da iminência destes acontecimentos. Confie em mim, e não tema nada, meu amor!

Seguro e tranquilo, ele limitou-se a açoitar o animal, disparando pela estrada e levantando atrás de si uma nuvem de poeira, diante do olhar

impressionado de Lucilla que, rendida pela força do que ocorria, apenas o abraçou, conchegando-se-lhe de encontro, e sentindo-se dominada pelos mais sombrios temores.

∞

Mal deu entrada no pátio da suntuosa residência dos Magno, Comênio apeou de um único salto, precipitando-se para o interior sem nem se lembrar de prender o cavalo, assustando serviçais e comensais da casa que, olhando-o, espantados, puseram-se a tecer entre si, em surdina, os mais desbaratados comentários.

O intendente foi encontrar Ciro no seu escritório, após levar a cabo investigações apressadas pelos cômodos.

Entrando, precipitado e esquecido de fazer anunciar a sua presença pelo escravo de plantão que veio-lhe no encalço, intimidado na tentativa de contê-lo, deu com o senhor sentado à escrivaninha, e completamente absorto com documentos relativos à administração de suas propriedades.

Não escondendo o seu desagrado pela invasão, ainda que em se tratando do segundo homem da sua confiança, Ciro empertigou-se de chofre, sobrolho franzido. Ainda porque algo lhe segredava que a entrada precipitada de um homem prevenido como Comênio só poderia significar problemas, e em relação a um assunto que torcia para permanecer dentro dos conformes.

– Que há? – Interrogou, já alterado, a voz timbrando áspera e desagradável.

– Sr. Magno; perdoe-me a intromissão intempestiva na sua privacidade, assim, sem sobreaviso! – Comênio gesticulou, ofegante do cansaço da correria e do galope desenfreado desde os campos.

No entanto, não se privava de experimentar no seu íntimo o gosto pelo que julgava uma vitória ímpar numa sua incumbência importante aos olhos do senhorio, e que considerava digna de promoção.

– Preciso ter um particular com o senhor... – Continuou, impávido - ...acerca de sucessos graves, que dizem respeito à missão especial que o senhor tem me confiado!

O estômago de Ciro descaiu, num vácuo. Mas possuía têmpera demais para deixar transparecer qualquer tipo de fraqueza, principalmente frente a subordinados.

Assim, com um gesto brusco despediu o escravo de plantão, que se evadiu instantaneamente qual sombra, ao mesmo tempo em que mandava Comênio adiantar-se, sem demora.

– Fala, Comênio! – E debruçou-se na escrivaninha, de pé, o olhar incendiado cravado no intendente, por antecipação despendendo faíscas, como uma fera prestes a desferir o salto fatal – Adivinho que o assunto tem a ver

com Lucilla, e exijo pormenores! Não me deixe na ignorância de um detalhe sequer, porque há muito que estou preparado para enfrentar acontecimentos que eu preferiria que não ocorressem! – Interrompeu-se. E arquejou, aparentemente sufocado pelo prenúncio de algum acesso feroz. – Acontece que algumas coisas escapam-me ao controle, e prevejo notícias de infâmia e de traição, e de mácula à minha honra, de tal modo que apenas com sangue poderá haver alguma reparação! Fala, pois!! – Trovejou.

Comênio empertigou-se, fechando o semblante, altivo.

– Lamento, senhor, ter que confirmar as tuas suspeitas, e reforçar o teu desapontamento! Ouve, pois, o que tenho a dizer, porque urgem providências no sentido de que o senhor, pessoalmente, testemunhe a confirmação de que, lastimavelmente, a Sra. Magno foi conduzida ao caminho do desvario!

– Fala, Comênio, de uma vez por todas, e guarda para ti mesmo considerações pessoais que não me interessam!! – Esbravejou Ciro, esmurando a escrivainha com tal fúria, que quebrou objetos e derrubou papéis. – Fala!!

Engolindo em seco, e começando a temer a cólera descontrolada em Ciro, a denunciar-se pelas veias latejantes das têmporas dilatadas e pelo palor arroxeadado espalhando-se-lhe pelo semblante, Comênio, cruzando as mãos atrás das costas, aprumou-se e obedeceu.

– Enquanto visitava o comércio, senhor, a Sra. Magno foi repentinamente arrebatada pelo general Fábio! A cavalo, ele a carregou para fora de Roma, através da estrada que conduz às montanhas, provavelmente com destino a alguma vila!

Rubro, enfurecido qual fera à solta, completamente fora de si, Ciro rilhou os dentes, voltando a esmurrar a mesa, derrubando e quebrando outros objetos no escritório, num acesso enlouquecido.

– Eis o que ultrapassa todos os limites!! – Rugiu, quase afônico pela ira. – Todas as minhas suspeitas se confirmaram! Tudo o que eu temia fosse verídico, inclusive... – Interrompeu-se sufocado, diante da observação entre assombrada e receosa do empregado, que ainda ousou tentar chamar o senhor, ao menos, à lucidez.

– Senhor... Se pretende resolver esta situação, para que tudo saia ao teu contento, convém que mantenha o mínimo de sangue frio, que é o que, te asseguro, não falta ao general neste momento. Afinal, trata-se de um líder das legiões, frio e metucioso! – Observou, com respeito e contrição.

– Ah!! A força mesma do meu ódio me assegurará a vitória!! – Trovejou o oficial; e encarando duramente o intendente. – Comênio! Vai, já, em busca de Flamínio, e traz também mais oito homens! Vou armar-me, e pegar o menino! Aguarda-me com os cavalos no pátio!

– Mas...o menino, senhor?!... – Estranhou Comênio, intimidado.

Entretanto, Ciro não mais o ouvia, tendo já deixado a sala como touro bravo.

**Desdita**

Aliviado por se ver com Lucilla enfim longe de Roma, embora o cansaço da cavalgada puxada, Caio alcançou as cercanias de sua residência e descansou, reduzindo a marcha.

Quando apeou, recebendo a agora calada Lucilla em seus braços, notou-a pálida e trêmula. Obviamente, encontrava-se desnorreada e cheia de temores e pressentimentos lúgubres na situação imprevista, assim arrancada bruscamente à realidade insatisfatória, mas cotidiana de sua vida.

Reparando nisso, o militar a chegou a si, levando-lhe as mãos ao rosto, carinhosamente.

– Fique bem, Lucilla... – Murmurou. – Sei o que estou fazendo!

– Estou com um pressentimento horrível, Caio! – Ela replicou, olhando-o, em desamparo. – A essas horas, Comênio já deve ter ido ao encontro de Ciro; e ele não deixará isto barato!

– Sei disso tudo! – Caio tentou empregar o máximo de persuasão no tom de voz, esforçando-se por acalmá-la. – Preveni você de que este dia chegaria, Lucilla. Deliberei de caso pensado trazê-la para cá hoje, sabendo que daqui a algumas horas teremos este caso resolvido! E então, você há de voltar comigo a Roma como minha esposa! – Ele afiançou, decididamente, com inabalável firmeza.

Ela ia tomando fôlego para argumentar alguma coisa, mas Caio gentilmente a conteve, depositando-lhe um beijo afetuoso nos lábios:

– Lucilla, ouça: precisei trazê-la para cá, porque não suportava mais esta ordem de circunstâncias! Tenho novidades importantes a contar: acabei de ser convocado para comandar as legiões numa região longe daqui! Partirei em menos de uma semana! – A entonação de voz emocionou-se, a fisionomia assumiu seriedade, preocupação e pesar. – Então, decidi que quero deixar Roma com a minha mulher e o meu filho à minha espera! Não a quero como amante, não a quero mais nos braços de um homem que não a honra nem respeita! Posso passar fora tanto três meses como três anos, meu amor! E não toleraria mais voltar para encontrá-la vivendo esta vida indigna, e tendo que criar situações espúrias para ter contigo! Você e Octaviano são a minha família! Isto há de se resolver hoje!

Ele a abraçou com mais ardor. Muda, atônita, Lucilla ouvia, cheia de apreensão e tristeza, aquelas notícias, com as quais não contava.

Abraçou-o também, calidamente. Agora compreendia a urgência dele ao arrebatá-la precipitadamente daquele jeito, quase que praticando um

sequestro. Entendeu que o desfecho daquele caso não poderia ser outro, mais cedo ou mais tarde, e lembrou-se, angustiada, das advertências que Valéria lhe dirigira certa vez, quando do retorno de Caio a Roma, após o seu casamento.

Escondendo o rosto contra o peito do companheiro, ela deixou que as lágrimas viessem desafogar a sobrecarga insuportável de medo e tensão.

– Oh, Caio! Estou apavorada! Você não sabe do que Ciro é capaz, ele está cheio de ódio! Um de vocês não há de sair vivo disso, Fábio, eu sinto! – Ela soluçou.

O general de César a estreitou contra si.

– Lucilla, confie em mim! Lembre-se de que nunca hei de deixá-la! – Ergueu-lhe o rosto lavado de lágrimas, e encarou-a persuasivamente, o olhar saturado de paixão, a expelir fogo. – Você me conhece, e sabe quanto te amo, Lucilla! E sou um soldado romano! Sabe quanto vale a honra para mim! Hei de verter a última gota do meu sangue em defesa da minha família, e com as bênçãos dos deuses e dos meus ancestrais, sairei vitorioso, e teremos uma vida tranquila! Porém, se acaso a sorte não me favorecesse, meu amor... – Ele mencionou com relutância a possibilidade, pois antes de tudo era um militar; e o militar conhecia melhor do que ninguém que, num conflito, sempre há risco e reveses de sorte. A voz, então, saturou-se de emoção naquele minuto, ao considerar aquela possibilidade, e seus olhos azuis se umedeceram, mergulhados no olhar amoroso e aflito de Lucilla. – Quero que você nunca se esqueça: *nunca sairei do teu lado e do de Octaviano!* Do *Elysium* virei, para resguardá-la e ao nosso filho, e velar por vocês, até o dia em que os buscarei, para enfim nos unirmos para sempre! Prometa, Lucilla, que, aconteça o que acontecer, você saberá que eu estarei sempre ao seu lado! Sempre próximo! – Pediu, veemente, quase ordenando.

Ouvindo-o, em agonia, ela apenas conseguiu fazer que sim.

Então, beijaram-se, sofredamente.

Fábio a levou para a sua residência, de onde tinha dispensado toda a criadagem por aquele dia, à exceção dos capatazes e homens da segurança, que espalhou nos perímetros da propriedade, sabendo-se ameaçado daquela hora em diante, e avisando-os que vigiassem e o alertassem ao menor sinal de aproximação de estranhos.

E, enquanto, na distante Roma, a desesperada e fiel Lívia aviava-se por avisar, o mais rápido que podia, o senador e a esposa do perigo a que Lucilla se expunha, depois de ter sido o pequeno Octaviano arrancado violentamente de seus braços por Ciro, sendo levado para destino incerto, o casal pôde, por algumas horas, desfrutar de seus últimos momentos de amor íntimo e de carinho, no silêncio reconfortante da residência de campo de Caio, local onde ele planejava viver com a sua família tão logo aquele pesadelo findasse, e ele pudesse voltar da guerra para a qual era reivindicado o seu comando.

Após um prolongado beijo, Fábio reclinou-se um pouco no leito, apoiado num braço; e Lucilla afagou-lhe carinhosamente o rosto barbeado e úmido, agora completamente desanuviado de preocupações, como se o mundo lá fora tivesse deixado de existir.

Ele sorriu-lhe, com ternura e jovialidade.

– Como está o meu filho, Lucilla? Ainda se parece muito comigo? – Perguntou.

– Como não poderia parecer? Parece-se mais, a cada dia... – Ela respondeu, risonha.

Gastaram um momento entreolhando-se apaixonadamente.

– Espanta-me que ao arguto Ciro isto esteja passando despercebido. – Ele comentou, reflexivo, para logo depois repor a sua atenção no momento presente.

Ia beijar de novo a companheira, decidido a usufruir o máximo possível daquele instante abençoado que receava ser o último por um longo tempo, antes que retornasse da convocação.

Lucilla, no entanto, acrescentou.

– Receio que não esteja mais passando despercebido, Caio, pois venho observando da parte de Ciro, ultimamente, esquisita frieza para com o menino!

Caio ouviu aquilo, sério e ressentido. Ainda mais via a urgência de resolver aquela questão, sabendo agora estar o seu filho, inocente, à mercê dos ataques vingativos do seu rival.

– Caio, sinto muito tê-lo angustiado dizendo isso, mas seria errado não alertá-lo... – Completou a moça.

Olhando-a, pensativo, Caio voltou a afagar-lhe os longos cabelos soltos e espalhados encantadoramente no leito.

– Ansiei tanto por este momento, Lucilla... – Confessou-lhe. – Todas estas coisas estão por se deslindar! Não se preocupe! – Assegurou, confiante apesar de tudo. E, atraindo-a novamente, já premia-lhe os lábios n'outro beijo apaixonado, mas um chamado em voz alta e forte, vindo de fora, o interrompeu, sobressaltando-os.

– General!! General Caio Fábio!!

Saltando do leito e recompondo-se, mandou que Lucilla permanecesse no cômodo. Ela, palpitante, empalideceu bruscamente. E, enquanto ele deixava o quarto, ouviu-lhe a voz enérgica recebendo o capataz, do lado de fora do triclinio.

– Que há, Antônio?

– Perdoe-me a inconveniência, general, mas ao longe avista-se um grupo armado e numeroso, a galope desenfreado na direção da tua propriedade!

– Reúne teus homens, sei de quem se trata! Coloca três deles resguardando a dama que aqui se encontra! – Determinou; mas mal acabara de falar e Lucilla já aparecia, agoniada.

– É Ciro, Caio! – Exclamou, apavorada.

Fábio a segurou.

– Sim, eu sei, Lucilla! Mas mantém-te à parte, e lembra-te das coisas que te falei e que combinamos! Tudo vai ficar bem!

Beijou-a ainda uma vez, com ardorosa intensidade, e deixou-a na companhia de Antônio para armar-se.

– Senhora... – Disse o capataz, respeitosamente. – Acompanhe-me, por favor...

No ângulo da casa que dava para os pomares, Caio surgiu de repente, abordando de inopino um homem da sua confiança: um legionário de suas tropas que, placidamente, se entretinha àquelas horas em vigiar os arredores, enquanto afiava o gume de sua espada numa pedra.

– Marcus! Avia-te, porque é chegada a hora! Tu és testemunha chave para que a verdade, depois do dia de hoje, se faça clara a todos, inclusive a César! Acompanha-me!

Ouvindo-o, calmo e leal como de costume, o antigo amigo de Fábio de pronto levantou-se, a postos, acatando as ordens do general e seguindo-o até a frente do sítio.

∞

Caio chegou com seus homens na entrada da casa quando Ciro e os seus já haviam apeado, bem a tempo de evitar uma invasão violenta, que era o que o batedor de Júlio César aparentemente pretendia.

Quando avançavam na direção do vestíbulo, travando luta já acirrada com os guardas de Fábio, no entanto, deram com o general seguido de Marcus e Antônio; e, voltando-se, Ciro notou que havia homens cercando-os por todos os lados, próximos e a distância.

Aparentando uma frieza impressionante para o momento, Caio rasgou um sorriso cínico e irônico, o que só contribuiu para deixar Ciro mais possesso do que já estava.

– Oficial Magno, eu já aguardava a tua visita na minha residência! Só não contava que fosse tão intempestiva, e na companhia de todo este comboio!

O rosto de Ciro ficou rubro, escarlate; e foi com entonação medonha que esbravejou, o olhar desmesuradamente dilatado cravado no tranquilo oficial, como se querendo fulminá-lo.

– Não vim lhe fazer nenhuma visita, general Quinto, e disse o senhor sabe bem, se já me esperava!! Vim arrancar a minha mulher das tuas mãos peçonhentas! E desta vez, definitivamente!

E falava avançando, ameaçador, já de espada em punho.

– Em outra ocasião, não conseguiu que fosse definitivamente, lictor! O que te faz pensar que desta vez o fará? – Caio devolveu, sem pestanejar, ainda exibindo um sorriso frio e desdenhoso.

Encontrava-se no alto da escada de acesso à moradia, de modo que o olhava de cima. Ao dizer aquilo, o grupo de Ciro ameaçou avançar agressivamente, sendo imitado por aqueles que davam cobertura a Fábio. Contudo, sabendo-se em inferioridade numérica esmagadora, Ciro os conteve energicamente, com um gesto firme de espada, cravando em Caio o olhar, no qual f piscou um clarão lúgubre.

– Deixem-nos, que isto não se trata de um confronto entre exércitos! Afastem-se!! Porque reivindico ao senhor, *imperato* de tropas, que resolvamos de pronto, e de uma vez por todas, esta questão, só entre nós dois, visto que a ninguém mais isto interessa! – E recuando alguns passos para a clareira em frente a casa, tornou a provocar, ofensivo e contundente. – Vamos, general!! Adianta-te!! Hei de fazer-te experimentar, pela primeira vez, o sabor de uma derrota!! – Berrou, fora de si.

A única reação inicial de Caio foi rir do que considerou uma sandice completa. Porém, não recusou o desafio, e empunhou a sua espada, avançando devagar.

– General, não quer que os expulse? – Marcus ainda arriscou perguntar – O senhor está dentro dos seus domínios, e não tem que aceitar insultos nestas condições! Esta ação é ilícita e criminosa, e passível de punição pelo próprio Júlio César! – Lembrou-lhe.

– Não, Marcus! Deixa-me resolver isto, porque também é do meu interesse! Oficialmente, Lucilla é casada com ele, e encontra-se aqui, neste momento! Só que preciso lavar a minha honra de um ultraje sofrido no passado. Quero recuperar a mulher que me foi torpemente arrebatada, e para isso não há outro jeito que não confrontando Ciro! – Olhou rapidamente para o leal legionário atrás de si. – Em qualquer circunstância imprevista, no entanto, Marcus, prometa-me que vai proteger minha família: Lucilla e o meu filho! – Arrematou, em surdina.

– Hei de honrar esta promessa até o último dos meus dias, senhor! – Afiançou-lhe Marcus, batendo lealmente no lado esquerdo do peito o punho fechado.

Agradecido, Caio assentiu, apenas, porque logo teve a sua atenção desviada para o batedor de Júlio César, a aguardá-lo e a esbravejar injúrias.

– Cão torpe, a passar perante todos como herói e homem honrado, quando conspira os princípios de proibidade traindo as determinações do próprio Júlio César!! Agora, finalmente, tenho a prova da paternidade espúria daquele bastardo, e só isso, Quinto, será o suficiente para esmagar-te pelo resto dos teus dias! Isso no caso de escapares ileso da ira que pretendo

descarregar sobre ti!! Sabes que existem aqueles da minha confiança que levarão a Júlio César o conhecimento destas coisas! Lucilla!! Aparece, mulher infame, que sei-te atocaiada aqui, neste covil!! – Acrescentou, berrando ensandecido para o interior da casa.

Ouvindo-o insultar por aquela forma intolerável a mulher que amava mais, talvez, que à própria vida, Caio pela primeira vez avançou para ele, ameaçador.

– Meu filho não é um bastardo, infeliz, e nem a minha mulher é infame! Eles têm um pai e marido legítimo, que os ama e dignifica! Portanto, não tolerarei os teus insultos! Tu és estas coisas, já que vendes fácil a tua honra por dinheiro, achando que podes escravizar seres humanos aos teus caprichos e aos teus vícios, destituindo-os de vontade própria, e do destino justo que lhes era reservado! – Retrucou, encolerizado.

– Ah!! Conspurcas-me a mulher, e te atreves a desafiar-me?! – Explodiu Ciro, desatinado.

E investiu para Caio, espada em punho, dando início a um combate feroz que entreteve a tal ponto a atenção dos circunstantes ao ponto de nenhum perceber a aproximação esquiva da trêmula Lucilla.

Quase a desmaiar de horror, ao deparar-se com a cena deprimente, agarrou-se às pilastras da varanda, desfalecendo.

Apenas o atento Marcus deu por ela de repente, e correu, de pronto, amparando-a.

– *Domina!* Melhor seria que te mantivesses no interior da residência, pois a cena é por demais atroz para uma dama!

Ela, no entanto, tonta, presa de vertigem, o rosto lavado de lágrimas e vincado pela amargura, apenas cambaleou nos braços do pretoriano, soluçando, sem poder desviar os olhos do que via: os dois homens adiante ensanguentados, dilacerando-se mortalmente com investidas de espada fatais, fulminantes, em meio a brados pavorosos, à semelhança de duas feras.

– Ajude-o... – Balbuciou para o legionário. – Ajude-o...

– Estamos impedidos de agir, *domina*; nada podemos fazer agora, porque trata-se de uma questão de honra... – Ele replicou, compadecido.

Lucilla fechou momentaneamente os olhos, deixou pender o rosto, sentindo-se mergulhada num pesadelo. Não se achava em condições de avaliar, com a frieza daqueles homens, quem se encontrava em posição de vantagem naquela luta cruenta, movida por duas forças poderosas: a do amor e a do ódio.

Caio, entretanto, parecia sair vitorioso, porque sério era o estrago que provocava, a cada minuto, no seu rival.

Com efeito, enlouquecido, rubro, positivamente irreconhecível na sua fúria, desferia estocadas e mais estocadas, com tal violência, que o outro já

demonstrava iniludíveis sinais de fraqueza, recuando vez por outra, tonto e ensanguentado.

– Desgraçado!! – Urrou-lhe Fábio, alucinado de cólera. – Agora, só no fim, entenderás o preço alto que se paga por ultrajar um homem do meu quilate!! Toma, canalha!! Morre: morre!!

As lâminas se cruzaram, ao que tudo indicava pela última vez, à defesa tonta de Ciro, entrando-se, e chegando os dois homens a uma posição frontal em que se encaravam furiosamente, medindo forças. Quem fraquejasse, certamente tombaria sob um golpe fatal. E tudo no confronto indicava que a vítima seria Ciro, tal o declínio progressivo de suas forças, numa luta sangüinária que já se arrastava por mais de vinte minutos.

No entanto, infelizmente para Fábio, Ciro nunca seria daqueles que, em tal ocasião, não apelam para recursos traiçoeiros, quando em situação de desvantagem.

A um sinal previamente combinado, inesperadamente, de algum canto oculto das cercanias apareceu um dos homens da sua comitiva, trazendo para a cena da batalha uma criança adormecida, envolta em panos.

Ele ergueu-a alto, com hostilidade.

– Octaviano!! – Gritou Lucilla, em desespero, imediatamente reconhecendo o filho, e precipitando-se escadaria abaixo, antes que Marcus pudesse detê-la. – Meu filho!! Dê-me meu filho!! Por que o trouxeram??

Não havia como o atônito Fábio se impedir de voltar-se para olhar, numa preocupação imediata e angustiada.

– Marcus!! – Ainda pôde berrar. – Segure Lucilla!! Afaste-a!! Impeça-a!!

– Conhece teu filho, crápula, antes de morrer... – Ciro rugiu em surdina, lugubrememente.

E valeu-se de apenas aquele segundo de distração do outro para desvencilhar-se com a velocidade de um relâmpago, e enterrar-lhe em seguida a espada no coração, quase até o cabo.

Depois cambaleou, retrocedendo, o olhar alucinado, qual fera saciada.

A consternação em torno foi geral, diante do quadro pavoroso, e da reação da jovem que, aterrada, enlouquecida, soltou um grito lancinante, correndo até Caio, que acabava de tombar, e lançando-se sobre ele.

O general, porém, estranhamente tranquilo, embora ofegasse de cansaço e na agonia da dor, lançou-lhe o olhar repleto de compaixão e de amor. E afagou-lhe o rosto, adoradamente, no resto das suas forças, sentindo as lágrimas que lhe escorriam dos olhos gotejando-lhe, frias, na face.

– Lucilla... – Sussurrou. – Lucilla, meu amor... Sei que é difícil! Mas controle-se! Isto é inesperado! Contudo, lembre-se do que lhe falei! Cuide do nosso filho, Lucilla!

– Caio, mata-me!! Dá-me um golpe de espada e leva-me contigo, porque não vou suportar isso!! – Ela exclamou, em desespero, soluçando convulsivamente, aos gritos.

Diante da cena comovente e impressionante, todos caíram quedos, em silêncio, enquanto Ciro, preso de horrível acesso de falta de ar, tombava momentaneamente, preocupado apenas em recuperar o fôlego.

Havia ali, em ambos os grupos que rodeavam o casal, uma consciência clara da ausência de decoro com que fora resolvido aquele confronto. Então, num respeito involuntário pela nobreza e posição daquele que ali expirava, todos silenciavam.

Sabendo tratar-se dos últimos momentos de vida do seu melhor amigo, Marcus acercou-se, aguardando apenas o termo daquele diálogo final entre o casal para, a qualquer custo, arrancar do verdugo a criança, e protegê-la, entregando-a à mãe.

Caio golfava sangue, e ele e Lucilla se acariciavam, em sofrimento.

Naquele instante, ninguém notou que, ao longe, nova comitiva se aproximava numa charrete que vinha a toda.

– Lucilla... – Fábio ainda quis falar, obrigando-se ao mesmo tom persuasivo e seguro com que sempre a convencia e acalmava, apelando para as suas forças finais. – Agora, mais do que antes, estranhamente, posso assegurar-lhe: estarei sempre contigo, ao teu lado! – Ele sorriu-lhe, com grande custo, e lágrimas escorreram-lhe dos olhos já meio embaciados pelas sombras da morte. – Em nenhum momento se esqueça disso...porque agora tenho a comprovação. Existem pessoas à nossa volta...vêm em meu auxílio! – Ele ofegava -. Eu te amo, Lucilla! Seja forte...por mim, pelo nosso filho... Estarei sempre ao seu lado... – Repetiu, finalmente, num sussurro quase inaudível. – Sempre!...

A voz fraquejou. Uma vertigem súbita embaciou-lhe a visão. Atraiu Lucilla, que o abraçou, inundada de lágrimas.

Beijaram-se, uma última vez.

Caio acabava de deixar a vida física.

Lucilla afundou em pranto, abraçando-o com tal fervor que sentia-se soldada, como se não mais pudesse largá-lo.

Ciro, porém, já meio recuperado, não quis dar-lhe tempo para expandir aquele extravasamento de dor. Pressentindo a aproximação de mais pessoas, avançou até ela e brutalmente agarrou-a pelo braço, puxando-a.

– Anda!! Levanta, mulher pérfida e sem pudor!! Já basta de cenas!! Este cão teve o que merecia, e tu há de receber a tua parte!!

– Larga-me! – Berrou Lucilla, desesperada e em pânico, sem querer arredar-se do corpo já inerte do companheiro.

Marcus tinha avançado para o assecla de Ciro e, acobertado pelo auxílio de outros homens, arrebatado a criança, que acordou chorando, passando-a para Antônio, enquanto investia, agora, contra Magno.

– Larga esta mulher, oficial!! Estás em propriedade alheia, e aqui dentro o que prevalece é a vontade do senhor deste solar! Larga, porque, sob juramento, tomei esta senhora sob a minha proteção!!

Sem soltar Lucilla, que resistia, Ciro bradou, possesso.

– Pois em breve se verá desobrigado de seu juramento se esta “honrada” senhora não se tomar de pudor e me obedecer, se arredando do cadáver deste desgraçado, que Plutão o tenha!! Anda, Lucilla!! Avia-te!! – Berrou, agarrando-a com brutalidade.

– Não!! – Ela gritou, paralisada, resistindo ainda uma vez.

Entretanto, uma voz clara e nítida no seu ouvido elevou-se estranhamente, acima do tumulto, chamando-a, com irresistível e terna autoridade:

– Lucilla! *Sou eu, Caio!* Vai, Lucilla! Não resiste mais!...

Atônita, perturbada, ela afrouxou os membros, olhando alucinada em torno, e para a fisionomia agora pacificada e imóvel de Fábio.

Era, inegavelmente, a voz dele, bem ao seu lado, como se ali estivesse, vivo como antes, amparando-a e protegendo-a.

– Caio! *Caio!!...* – Ela chamou, desnorteada, aturdida, enquanto Ciro a punha rudemente de pé.

O batedor de Júlio César já se dispunha, no seu tresloucamento, a espancá-la ali mesmo, tendo que lutar contra a intervenção enérgica dos homens de Fábio, quando, vinda da charrete que acabara de estacar ao alcançar a propriedade, uma voz forte de homem se fez ouvir.

– Oficial Ciro Magno!! Detém-te! Não se atreva a encostar a mão na minha filha!! – Ordenou, rispidamente, se aproximando – Se algo tem a resolver, é comigo, que desgraçadamente no passado impus a ela este casamento infamante, em atenção a pruridos de patriciado e da minha posição de político! Mas minha filha e o general sempre se amaram, e você, melhor do que ninguém, sabe disso! – Ele voltou-se brevemente para a jovem que o alcançava, vinda da charrete a correr. – Lívia; cuida da senhora e da criança! Lucilla precisa de atendimento médico! – E dirigindo-se novamente a Ciro, que emudecera de indignação e impotência, sem poder afrontar a figura majestosa do senador. – Ela e o menino ficarão comigo, até que o senhor tenha voltado à razão para reivindicar o que quer que seja! Pretoriano! – Acrescentou para Marcus, que empertigou-se. – Vi a tua ação de longe! Tu e teus homens, honrem o general, e depois de tudo resolvido, procure-me, porque tenho que ter contigo, e determinações a transmitir-te!

E, com o assentimento do oficial, que passou imediatamente às providências, sem mais um olhar a quem quer que fosse o senador Fabrício voltou-se, afastando-se, acompanhado por Lívia a amparar a arrasada Lucilla,

ao mesmo tempo em que carregava o pequeno Octaviano, a chorar em seu colo.

A emoção da cena era profunda, dominadora! Mas, inesperadamente, o visor empalideceu e apagou-se, encerrando mais aquela sessão regressiva.

Preocupado, Marcus olhou o amigo sentado a seu lado, e notou-o quedo, pensativo, o espírito ausente dali.

– É o seu íntimo que finaliza a sessão, Fábio. É hora de descansar... – Observou, atenciosamente.

Caio limitou-se a corresponder-lhe ao olhar, sério, suspirando, numa leve anuência.

**Triângulo Amoroso**

– Às vezes é difícil acreditar que estas coisas se passaram comigo e com Lucilla, Marcus! É apenas o respaldo da memória recém desperta que me permite crer! – O antigo general Quinto comentava para Marcus.

Era o cair da tarde do outro dia e, de volta ao apartamento das Laranjeiras, ambos acompanhavam o restabelecimento de Lucilla e Cláudio, auxiliando no que podiam.

Fernando permanecera em casa naquele dia, assim como Thalia, embora Caio e Marcus o notassem interiormente inquieto devido a problemas de ordem particular que lhe consumiam o foro íntimo.

Com o cair do crepúsculo, deixando Lucilla e a criança entregues ao repouso, ambos os amigos perambulavam pelo local de costume: os jardins do edifício, lugar aprazível, de onde ganhavam acesso rápido à moradia da família cujas vidas acompanhavam de perto.

Marcus havia advertido Fábio para que não se afastassem demais, mesmo ali. Quando o segundo indagou o motivo, no entanto, notou que Marcus esquivou-se.

Depois daquele comentário, feito com o olhar perdido no horizonte azul enevoado do fim da tarde, Caio voltou a falar, a propósito de algo que lembrou-se, e porque fazia-se uma pausa natural na conversa.

– Marcus, uma vez você não foi claro o bastante a respeito deste ponto: no entanto, gostaria de saber agora. Fale-me de meu filho. Ele é o Octaviano anterior, e que acaso o arrasta agora para a continuação desta história?

Marcus, desta vez, consentiu em esclarecer.

– Cláudio é o Octaviano anterior, que acabou crescendo sob a guarda de Fabrício, como você sabe. O avô o tomou sob a sua tutela até a maioridade, para furtá-lo aos maus tratos que cedo já começava a sofrer do dementado Ciro. Tornou-se um homem de bem, como o queriam você e o senador; e, como você, também rejeitou as oportunidades oferecidas para trilhar auspiciosa carreira política, seguindo os pendores naturais herdados do pai. Tornou-se um militar e, como um pretoriano, comandou, mais tarde, as legiões. Um probo e honesto soldado, Fábio, mas excessivamente passional, acumulou ódio e ressentimento inarredáveis para com o pai postiço! Mais ainda quando, inculcado pelo interesse de levá-lo a nutrir rancores contra o genro, Fabrício relatou-lhe, já na fase adulta, a forma brutal como você expirou debaixo do golpe da sua espada! Consegue lembrar-se destas coisas?

Caio fez um esforço de concentração durante um tempo.

– Mal... – Replicou, por fim.

– Bem... Não convém, e nem cabe aqui, neste momento, expor-te os detalhes da vida integral de Octaviano, que cresceu e viveu devotando ardente adoração à tua memória e à de Lucilla, nem as razões pelas quais, como saberá mais tarde, caiu-lhe nas mãos a oportunidade de vingar o pai, durante uma briga odiosa com Ciro, na época em que o lictor já se via com as forças em declínio prematuro em razão dos excessos a que sempre se entregava. Otaviano, então, o desafiou para um confronto, a exemplo do que ele fez com você...

Caio parou de andar, estupefato. Encarando Marcus, chegou a ensaiar dizer algo, mas Marcus ainda não havia terminado e fez-lhe um gesto amável, contendo-o, e continuando.

– O Cláudio atual, fortemente ligado às suas vidas por este atavismo cármico, Caio, foi este Octaviano, que mais atrás era, então, Nut, o filho de Assaheris com Eritrus. Naquele tempo, a gravidez coincidiu com a época em que vocês dois se conheceram e se ligaram! Foi assim que, temendo, com razão, a tentativa furiosa de Eritrus de retê-la juntamente com a criança, ela deixou que o filho passasse como sendo seu, sem que fosse, na verdade! <sup>(17)</sup> Houve consequências igualmente trágicas em decorrência disso; mas a ilustração do caso serve para provar como o atavismo é cíclico, e não arreda jamais os envolvidos da trama que os liga até o momento em que transcen-

<sup>(17)</sup> Assaheris fugira grávida para viver com Raptah, atribuindo a paternidade a este último, frente ao enlouquecido Eritrus, que se lhes colocou obsessivamente no encalço em busca de vingança, e do resgate da mulher que amava. Logrou sucesso na primeira tentativa, lançando mão de métodos cruéis e excessivamente violentos, e reconduzindo para junto de si, em estado deplorável de corpo e de espírito, a na ocasião sedada Assaheris. Isso pôs a perder os restos de lucidez em Raptah, quando então, de comum acordo com a gestante, tramou o fim do seu rival por meio do preparado letal, que ela terminou por deitar na bebida que Eritrus tinha por hábito ingerir todas as noites.

É oportuno esclarecer que à época desta narrativa, no que concerne aos eventos mais atuais, eu assistia a minha médium ainda sob a decisiva orientação dos meus superiores espirituais, estando eu mesmo ainda demasiadamente mergulhado na influência direta das energias da materialidade mais pesada do orbe, o que obscurece, até certo ponto, a capacidade de abarcar espontaneamente lembranças de vidas longínquas no passado, até mesmo nos desencarnados, e mormente naqueles ainda decisivamente dominados por sensações passionais ligadas a dramas vividos anteriormente, como era o meu caso. Não é todo desencarnado, portanto, e ao contrário de como se pensa em algumas ocasiões, que consegue o pleno domínio das recordações das vidas pretéritas, pelo simples fato de ter se transferido de uma para a outra dimensão da vida. Existem infinitas nuances de estado espiritual para cada caso particular; contudo, a tendência é a melhoria sempre, das condições que vão permitir uma visão integral das determinantes dos acontecimentos vivenciados no presente. (Nota do autor espiritual)

dem as causas, através da melhoria íntima e da purificação! Vê quão longe vão as raízes que os enredam? Muito mais existe no pretérito; mas, quanto a Cláudio, você pode entrever nele laços fortes, que o ligam tanto a você mesmo e a Lucilla, por amor, quanto a Ciro, o pai de quem não pôde aproximar-se por vínculo de afeto em razão da interferência da Assaheris e do Raptah de outrora!

– É por isso, então, Marcus, que estou tendo quase que empurrar Lucilla e Cláudio na direção do Fernando de hoje... – Murmurou Caio, olhando-o, entristecido, ao enfim poder compreender mais um pouco. – A minha esposa e o meu filho! – Concluiu, quase que inconformado. Ao que Marcus apenas anuiu, paciente e amistoso, acentuando.

– Num estágio mais avançado, todos vamos entender que o amor, somente, sobrevive, Fábio, acima de todos os tipos de elos familiares que nos tenham ligado no decorrer das vidas físicas!

Caio somente meneou em concordância, embora expressando velada irresignação na fisionomia.

– Ainda estou longe disso, Marcus. Amo Lucilla e Cláudio como sempre os amei: como a minha família perdida, arrebatada à força das minhas mãos!

– Como você os arrebatou de Eritrus, Caio; com a significativa diferença de que o seu amor por eles, nos tempos posteriores, sempre ia à frente na qualidade, e mais puro na sua origem... – Alinhavou o outro, bondoso. – Efetivamente, o traço marcante do sentimento que você lhes dedica sempre foi a abnegação, muitas vezes com traços louváveis de autêntico autossacrifício em favor da felicidade de ambos. Ciro, por sua vez, sempre foi mais movido por capricho, dominação, e irascibilidade. Estes métodos nunca se compatibilizaram, nem dão origem a nenhum tipo de amor real, ofertado ou retribuído: é esta a lição dura que o Fernando atual ainda luta por aprender!

Relutando em aceitar, Caio silenciou um pouco, gastando alguns segundos pensativo. Olhava a penumbra e a quietude dos arredores onde, ao longe, algumas crianças brincavam em meio aos jardins.

Uma aragem fresca soprava, perfumando as cercanias, e ele e Marcus recomeçaram a caminhar, calados durante algum tempo, cada qual mergulhado nos seus pensamentos.

Passados alguns minutos, Caio exclamou de repente, segurando o amigo pelo braço e parando de andar de inopino.

– Marcus! Olhe!

Marcus olhou sem se surpreender.

Era por antever a probabilidade do que presenciava que advertira Fábio anteriormente para que não se afastassem demais.

Sem esperar pelo amigo, Caio adiantou-se apressadamente, quase a correr, na direção da entrada do edifício, onde acabava de aparecer Lucilla,

aparentemente perdida em busca de alguma coisa ou de alguém, como se tomada por alguma preocupação fixa.

– Lucilla!! – Ele chamou, sem poder se conter.

Ouvindo aquela voz, ela se voltou, bruscamente.

Ficou claro para Fábio que o tinha reconhecido, assustando-se, pois logo que o viu correndo na sua direção, fez o mesmo.

Em breves segundos encontraram-se, abraçando-se ardentemente, e Caio a suspendeu, exultando. Lucilla estava desligada pelo sono, e novamente se viam.

– Caio!! Caio, eu precisava tanto vê-lo!! Tenho que falar com você, Caio!!

Ele lentamente a depôs de volta no chão, enquanto se beijavam. De longe, Marcus assistia à cena, com prazer e satisfação. Ele sabia que Lucilla, em estado de convalescença, se desligaria com maior facilidade na primeira oportunidade. E sabia também que havia mais coisas.

Ela e Caio precisavam ficar a sós, para tratar de assuntos sérios. Por isso, respeitosamente ele se aproximou, cumprimentando-a em primeiro lugar.

– Senhora... Como vai passando?

Lucilla, interrompendo-se nas efusões com Caio, viu que se tratava de alguém conhecido. E respondeu, com cordialidade.

– Vou melhor, obrigada. Penso que o conheço; estava com Caio nos jardins, naquela manhã...

– Sim, senhora; somos amigos!

– E seu também, Lucilla! – Acrescentou Fábio, sem poder esconder o contentamento que a situação imprevista lhe causava. – Na hora exata você se recordará; mas Marcus tem estado conosco invariavelmente, sempre oferecendo o seu apoio e amizade!

Lucilla sorria graciosamente, ouvindo-os, apesar da nítida preocupação estampada, de mistura, na sua fisionomia.

– Caio, meu amigo; como sempre, este momento pertence a vocês! É preciso que os deixe, para tratarmos de assuntos que sei importantes. Por isso, me despeço... – Ele se inclinou de leve, sorrindo amistosamente para o casal. – Até mais ver; senhora...

– Prazer em revê-lo, senhor! – Disse Lucilla, enquanto Caio o saudava com um reconhecido aceno da mão.

Marcus afastou-se.

Caio puxou Lucilla pela mão, gentilmente, até o jardim. E lá sentaram-se num banco de mármore, fresco e ensombrado por árvores frondosas, unidos e abraçados.

Olharam-se intensamente, afetuosos e felizes.

– E então, *domina*? – Brincou um pouco – O que a está assustando deste jeito? Noto-a sobressaltada... – Sondou ele, em tom carinhoso, enquanto acariciava-lhe o rosto emocionado e belo. – Diga, para que eu possa ajudá-la!

Hei de afastar todos os seus temores, tamanha é a minha alegria por, enfim, podermos nos reencontrar com um completo reconhecimento da sua parte, e com liberdade de ação!

Lucilla ofegava ligeiramente. A máscara dócil e desanuviada que ela sustentara até então, à força da satisfação desmedida por rever Fábio, enfim esmoreceu.

– Caio, receio que todos os objetivos que nortearam a minha atual vida terrena; todos os sacrifícios; tudo tenha sido em vão! Ajude-me, porque nem sempre tenho a consciência clara, como agora, dos compromissos espirituais assumidos para as atuais experiências físicas, e agora não sei o que fazer!

Caio balançou a cabeça, confuso, tomando-se de seriedade.

– A que você se refere, Lucilla? Fale! – E gesticulou, carinhoso, reconfortando-a. – Não tenha medo, porque tudo há de caminhar para uma solução satisfatória!

– Fernando está para deixar a família, Caio! Na vigília, não tenho uma consciência exata do que está acontecendo, nem há como! Mas, na vida verdadeira, do lado de cá, posso sondar a situação! É o que tenho feito, e acabo de presenciar uma cena que me sobressaltou!

Caio procurou tomar fôlego. Respirou fundo. Seu coração apertou-se numa angústia quase insuportável, mas ele sabia que chegava a hora da sua prova mais dura.

– Continue, meu amor... – Pediu, baixando a voz para um tom ao qual impôs o máximo que pôde de tranquilidade.

Não queria deixar Lucilla perceber que sofria com o assunto e com aquela situação.

– Explique-me o que está acontecendo. – Insistiu, atencioso.

Lucilla começou, aflita.

– Quando me desliguei, caminhando pela casa, pude ver Fernando na sala. Estava sozinho, porque Cláudio a estas horas dorme, e Thalia estuda no seu quarto. E, sentado no sofá da sala, profundamente meditativo, ao concentrar-me nele, para meu espanto, pude ver o que lhe ia na mente, e li os seus pensamentos! Fernando encontra-se em xeque; está encurralado! Alguém o está pressionando a largar a família para obter vantagens de posição na empresa onde trabalha, de uma forma que não entendo! Para minha surpresa, pude perceber até onde isso o desagrada, porque possuí um grande apego pelos filhos; mas, de algum modo, ele se vê sem saída! Pude captar na sua mente a influência forte de uma pessoa, uma mulher; alguém do local onde trabalha, que lhe é muito próxima! Enchi-me de revolta, pensando não em mim, mas nas crianças! – Lucilla gesticulou, desamparada e nervosa. – Que eu faça, Caio?!

Encarou-o em expectativa, por vários momentos.

Caio sentiu quanto ela esperava dele em termos de orientação, de rumo, lembrando-lhe a época em que a jovem doce e inexperiente entregara-lhe o destino e o coração, confiando na hombridade e na firmeza de pulso do general romano, habituado a liderar e a ordenar com precisão, sem a menor margem de insegurança.

Ele mesmo tomou-se de uma autossuficiência sólida, confiando indiscutivelmente na sua largueza de vistas e exatidão de raciocínio, que lhe conferiam sempre previsões seguras das atitudes a tomar, baseadas no que tinha como certo acontecer.

No entanto, a situação, ali, era outra. Outros elementos contavam e interferiam, obstruindo-lhe a providência, e deixando-o incerto sobre como agir, ou sobre o que dizer.

Estes elementos eram o ciúme, o sentimento de posse. O temor de que a aflição de Lucilla se baseasse num amor repentino, que tivesse aprendido a nutrir por Fernando acima do que sentia por ele.

Esquecia-se de que ela ali se encontrava não por amar Fernando, por cujo primeiro impulso de juventude engatilhou o destino a ser cumprido, e de que este mesmo impulso se arrefecera, de há muito. Era, portanto, difícil para ele colocar-se acima daquela situação, para proporcionar-lhe orientação, compreensão e reconforto íntimo, que era o de que ela mais necessitava.

Lutava para manter clara à sua frente a realidade de que Lucilla ali estava, na sua presença, demonstrando-lhe todo o amor que lhe dedicava desde há séculos incontáveis, buscando segurança e amparo do homem que amava, e não por se ver enciumada em relação a Ciro.

Porém, ela se via em dificuldades quanto aos acontecimentos daquela vida em comum, sem mais saber como melhor reagir a eles.

Aquele doloroso embate íntimo em Caio durou apenas breves instantes.

Fortalecido pelo amor que, estava convicto, os unia, começou a falar, movido mais por intuição, por sensibilidade, do que por raciocínio.

– Lucilla... – Ele segurou-lhe as mãos com carinhosa firmeza, começando, com certa dificuldade, sem poder olhá-la muito nos olhos. – Estou a par desta situação; entretanto, peço que você analise com cuidado as suas reações, os seus sentimentos...baseando-se no que me contou!

– Como assim, Caio? – Ela se confundiu.

– Por índole e por conhecimento, você sabe do papel que lhe cabe desempenhar em relação a sua família, Lucilla! Você se recorda do que foi planejado, ao menos agora, aqui, comigo!

– Mas como me conduzir com serenidade diante das atitudes dele? Fernando põe tudo a perder, por mais leal e perseverante que eu seja! Às vezes sinto da parte dele um desprezo tão grande, que é como se estivesse a se desferrar em mim por alguma coisa incompreensível! – Interrompeu Lucilla, agitada, com os olhos úmidos.

Caio fez um gesto afetuoso. Tocou-lhe os lábios trêmulos ternamente, impressionado com o que ouvia.

Lucilla não se recordava agora; mas pressentia as razões do comportamento insólito do marido.

– Shhh, Lucilla; acalme-se! – Sussurrou-lhe. – Escute; você sabe que tudo tem raiz no passado! Há motivos para isso! Mas causa nota você ter me dito que a situação o desagrada em razão do apego que tem pelos filhos! Esteja certa de que não é só pelos filhos, minha querida! Não só Cláudio e Thalia contam! É a família, em si; vocês já caminham para vinte anos de casados!

Um sorriso triste entreabriu os lábios de Lucilla.

– Eu não amo Fernando, Caio; e ele não nutre por mim nada além de indiferença...

Foi a vez de ele sorrir, melancolicamente e com intenção. Vendo-o, Lucilla presumiu que, divagando rapidamente o olhar nos arredores, ele via cenas distantes, acessíveis apenas aos seus olhos.

– Você se engana, Lucilla. Há muito por detrás das nossas vidas, e algo muito forte no inconsciente de Fernando, com origem no passado remoto, liga-o a você, mais solidamente que o aço!

– Você me assusta falando desse jeito, Caio! Que quer dizer? Apesar dos meus compromissos espirituais, continuo me sentindo solidamente ligada a você, sim, mas não a Fernando! Sei que atravesso um período de prova; apenas estou incerta sobre como reagir, pois ele contraria tudo o que foi planejado! – Ela argumentou, angustiada, porém convicta.

Aquilo veio de modo a suavizar maravilhosamente todos os temores muito humanos de Caio, como um bem-vindo refrigério.

Sorrindo, enternecido, ele a atraiu a si, beijando-a amorosamente.

– Se você soubesse, Lucilla, quanto valem para mim estas palavras...

Permaneceram assim, por algum tempo, abraçados, beneficiando-se do calor mútuo e da intensa energia amorosa que irradiavam de um para o outro, envolvendo-os.

– Lucilla, ouve o que eu tenho a lhe dizer: – Recomeçou Caio, ainda conservando-a em seus braços estreitamente, como se inspirado por fontes superiores. – O destino de Fernando provavelmente é outro, e talvez mesmo antes que esta etapa se encerre para você. Mas perceba a diferença: isto tem que se dar em paz! Com estima e compreensão mútua! Com Fernando enfim consciente de que, se decide optar por um outro caminho, razões menos louváveis o movem, e jamais qualquer deslealdade de sua mulher, que cumpre honradamente o seu compromisso de esposa! Deixe-o solto, Lucilla! Dê-lhe liberdade para agir, mas não se arrede da sua serenidade e integridade de espírito! Não dê também a entender a ele que para você nada faz diferença, pois isto o autorizaria a alegar despreço da sua parte para a condição que você assume dentro do seu lar! Mas também não exija nada! Entregue-o de

volta à própria consciência, e permaneça inabalável na sua certeza do dever cumprido! Entendeu, meu amor? – Ele a premiou contra si, zeloso. – Um dia, Lucilla, todas estas coisas serão esclarecidas! Tudo enfim se apaziguará, e poderemos seguir a nossa vida em paz!

Entreolharam-se, durante vários instantes.

Caio viu nos olhos úmidos da companheira, emocionado, a mesma confiança cega que ela sempre depositou nas suas orientações, nos seus prognósticos dos fatos, no seu amor, enfim.

– Eu te amo, Caio! Muito!

– E eu também te amo, Lucilla! *Sempre!*...

Abraçaram-se, comovidos.

∞

Enquanto aquela conversa se dava nos jardins, sem que ninguém dela tivesse conhecimento, Fernando prosseguia na sua elaboração mental, no mesmo lugar onde a esposa o avistara e sondara-lhe o íntimo, momentos antes.

Thalia também se aproximara dele a certa altura, e como não obtivesse resposta à sua indagação sobre o estado da mãe e do pequeno, resolveu, contrariada, ir ela mesma conferir.

Jamais ele poderia imaginar o enredo intenso dos acontecimentos que se desenrolavam num plano de vida por enquanto longe do alcance da sua compreensão, de modo que se davam inteiramente a parte da sua percepção coisas, como aquela aproximação invisível e silenciosa da desligada Lucilla, a penetração dela nas suas conjecturas mais íntimas, e a presença constante daquele seu adversário espiritual, Caio Fábio, tendo com Lucilla naquele instante nos jardins.

Pudesse ele captar, mesmo de leve, toda esta ordem de circunstâncias atuantes ao redor, e estremeceria, horrorizado, ante a realidade das suas disposições mais particulares se verem assim, à mercê justamente da observação daquela pessoa de quem procurava obstinadamente ocultar, o máximo possível, os episódios escusos da sua vida pessoal, pelo menos até aquele dia.

Proseguia, então, mesmo após a descida desorientada da invisível Lucilla em busca de Caio, remoendo e remoendo os mesmos pensamentos.

O que Lucilla conseguiu entrever na sua tela mental, e que a chocou tanto, foi a cena do ultimato desfechado para Fernando pela impaciente Sheila, exatamente na hora em que se acidentara.

Durante aquele dia, enquanto esposa e filho eram socorridos por parentes, ele recebera de um mensageiro da empresa uma correspondência lacônica,

onde não se liam nem o remetente e nem o destinatário. Só pôde entender mais ou menos do que, e de quem, se tratava quando percorreu os olhos pelas linhas reticentes:

“Hoje haveremos de decidir a nossa vida. Teu cargo está para ser colocado à disposição pela nova direção, que se faz acompanhada de gente da sua confiança, à exceção da presidência e da assessoria, entre os quais eu me incluo. Tudo deve estar sacramentado provavelmente em menos de um mês. Dependerá de você que eu mobilize ou não influências no sentido de assegurar-lhe a posição, ou de deixá-lo à mercê da sorte, que certamente o devolverá à subalternidade de onde você começou, já vai para vinte anos! Encontre-me hoje no lugar de sempre. Não falte, porque entenderei a tua ausência como assentimento tácito da tua parte para que as coisas se desenrolem a revel! Sheila”

Entregue no início do dia, aquele bilhete teve sobre a cabeça e as ideias de Fernando o efeito de uma bomba atômica.

Chegara o momento que ele mais temia desde que, fraco de caráter, permitira que o de início caso sem importância com Sheila assumisse feições de seriedade, com ele a cada dia se vendo mais escravizado pelas vantagens materiais ilusórias, porém sedutoras daquele romance, e pela mulher melíflua que o enfeitava, usando não de recursos sentimentais legítimos, mas de artifícios de poder e sedução, para os quais ela o sabia fraco, levados a cabo pela ascendência completa que a sua apresentação pessoal impecável e o seu habilidoso traquejo social exerciam-lhe sobre a personalidade impressionável e vaidosa de homem.

Ele a encontrara na hora marcada, tomando o cuidado de situar-se incógnito, sem deixar recados ou avisos acerca de seu paradeiro com quem quer que fosse. E assim manteve-se inacessível por todo o dia, quando era compelido a decidir acerca de aspectos graves da sua vida.

Nunca imaginaria que a ironia implacável do destino prepararia, justo para aquela data, o imprevisto acidente com sua mulher e com o seu filho, incidente que o sucumbiu sob o mais esmagador remorso que já experimentara, principalmente quando Lucilla, dócil e debilitada naquele leito de hospital, o preservara espontaneamente do acesso revoltado de Thalia.

O diálogo com Sheila fora difícil. Irredutível, ela reforçara os argumentos anteriores, afirmando-se pessoa não talhada para o perfil de amante de uma vida inteira, e que convinha decidir agora, inapelavelmente, de vez que aquela situação insustentável já se estendera demais.

Repetiu que era, e continuava a ser exclusivista, sem disposição para dividir por mais tempo um afeto que, afinal de contas, se ela bem o entendera durante as suas declarações apaixonadas e dúbias de homem conquistador, lhe pertencia, unicamente. Acrescentava que, já se abeirando dos quarenta anos, pretendia filhos e família que lhe respaldassem a dignidade do cargo de

diretora na empresa. Pagara um preço alto demais ao lado dele durante todos aqueles anos, e este preço fora o tempo perdido.

Amava-o, e por isso se portava daquela forma, que a ele poderia parecer pouco honesta e leal; mas afiançava ser este o último recurso de que dispunha para arrancá-lo da acomodação e da inércia quanto ao envolvimento de ambos. Não mais toleraria indefinições, protelações, tergiversações, quando ela ousava tocar em certos assuntos.

Que ele, portanto, se decidisse!

Muito devia a ela no seu progresso profissional, e este muito que fez a seu favor, repetia, fizera por amor. Mas que não duvidasse que a força do desprezo e da indiferença se faria proporcional à empregada para levantá-lo financeiramente, se por acaso ele se atrevesse, após tudo aquilo, a rejeitá-la, melindrando-lhe o amor-próprio. Acentuava que também não conviria a ela, uma assessora da presidência da *Star Company*, a partir daquele momento, qualquer envolvimento com um técnico de segunda categoria, ao que seria rebaixado, da mesma forma como, com a sua possível deserção acovardada, ele a estaria rebaixando à categoria de uma amante comum, que não convém para esposa.

Mudo, perplexo, lívido, Fernando ouvira aquele discurso, desfechado enérgico e à queima-roupa, tão logo se avistaram a sós no mesmo quarto costumeiro de motel.

Ponderações, argumentos... Apelação para que compreendesse a dificuldade de que se reveste a separação súbita, e uma dissolução familiar envolvendo filhos... Nada a demoveu do seu ultimato!

O máximo que Fernando obteve foi uma dilação de prazo para pensar a respeito durante uma semana. E agora se via encurralado, sendo obrigado a decidir bruscamente acerca de uma mudança drástica deste porte na sua vida, justo no período de convalescença da esposa e do filho, quando tudo que se pediria para o bem-estar de ambos seria paz, harmonia, e segurança familiar.

Inexplicavelmente, embora ainda de modo imperceptível, começou a odiar aquela mulher, e a maldizer o momento em que, por leviandade, permitira que acontecesse aquele envolvimento!

Por mais materialista e ambicioso que fosse, havia algo forte em jogo que combatia energicamente qualquer iniciativa sua em favor daquela mudança: e este "algo forte" era o amor pelos filhos – e mesmo por Lucilla, aquela mulher que julgava fria e que lhe votava, até com razão, desprezo e indiferença! Mas que mesmo por isso – admitia apenas para si mesmo – amava ainda, quase que com a mesma intensidade com que a amou quando se conheceram, no período da juventude!

E era este amor que lhe gritava, apesar da carcaça negligente e viciosa da indiferença de que se permitira revestir-se por todos aqueles anos, que seria o coroamento do absurdo dobrar-se aos caprichos de dominação e poder

daquela mulher manipuladora, em detrimento da silenciosa, e mesmo heroica, dedicação da sua mulher por quase vinte anos de vida em comum, durante os quais ela suportou-lhe com nobreza e dignidade os desvios escusos de comportamento, que nunca logrou ocultar o suficiente para que lhe escapasse à sensibilidade extremamente perceptiva.

Alguma coisa, efetivamente, lhe segredava que algo sairia errado – que nada de bom adviria disso!

Fernando, no entanto, reconhecia-se fraco diante daquele gênero de tentação. E desconhecia como combateria em si mesmo aquele seu traço proeminente de caráter.

Passados três dias, durante os quais Lucilla obteve franca recuperação, que já lhe permitia pequenos afazeres dentro de casa, Fernando notava, observando-a, discretamente surpreendido, os seus modos serenos e ainda mais pacatos do que já eram usualmente.

Em nenhum instante ela o olhara ocultando qualquer traço repreensivo possível. Respondia com tranquilidade e reconhecimento às suas perguntas sobre o seu restabelecimento, e tão silenciosa e meditativa se achava, que muitas das vezes a sua presença poderia passar despercebida, enquanto deslizava pelos cômodos, ocupada com um afazer ou outro.

Foi por presentir nesta atmosfera excepcionalmente salutar uma hora propícia, que se animou a principiar uma conversa à primeira vista movida por uma única intenção, mas que, na verdade, continha outras.

Os dois se encontravam sozinhos àquela hora, durante o lanche da tarde; e, tendo a empregada servido a mesa, afastando-se, ele aproveitou o ensejo para começar.

– Lucilla, responda-me com sinceridade: que você pensaria se, de repente, por razões que agora não vêm ao caso, eu voltasse a ser um mero técnico, cargo que ocupava há mais de quinze anos atrás, quando comecei na empresa?

Lucilla olhou, surpresa, para a fisionomia indecifrável do marido. Ele parecia interessado em analisar-lhe as reações de algum modo, mas não podia entender o porquê.

Entretanto, foi autêntica e transparente na sua resposta, como sempre ocorria em qualquer outra ocasião.

– Não pensaria nada; este tipo de coisa vive acontecendo com muitas pessoas! O que mudaria, de fato? – Ela deu de ombros, francamente intrigada com a pergunta.

– Bem... É indiscutível que a nossa vida seria afetada. Certo que não de maneira irremediável, pois, afinal, sei da importância da sua participação nas nossas despesas e compromissos. Mas, ainda assim, talvez que precisássemos sacrificar algo dos padrões do nosso conforto, e eu detesto pensar nisso,

principalmente no que se refere às crianças... – Ele arrematou, cauteloso com o que dizia.

Lucilla, contudo, esboçou um sorriso manso e desanuviado, aparentando estar mergulhada em reflexões maduras sobre a questão.

– Menos dinheiro? – Refutou, expressando no rosto lúcida dignidade. – Mas isso nunca foi problema aqui em casa, e você continuaria a mesma pessoa, marido, pai e profissional! A menos que a mudança brusca de posição fizesse, para você, alguma diferença! Mas, para mim, não diz absolutamente nada, Fernando, você me conhece! E temos por norma educar nossas crianças com a noção exata do valor do esforço próprio, acima das ilusões dos lucros e dos ganhos fáceis. Sempre haverão de saber prover as suas necessidades no decorrer das suas vidas; então, por que me faz esta pergunta? – Ela concluiu, calmamente, tendo os olhos baixos na sua xícara de café, e o tom de voz casual, quase que distraído, como se tratassem de assunto banal, que não lhe fazia nota.

Ela não tinha como avaliar a influência impressiva da sua última conversa com Caio, no plano espiritual da vida, naquela sua disposição pacífica e harmônica de espírito, como há muito não experimentava, atribuindo tal coisa apenas a um estado d'alma asserenado após o susto do acidente.

Fernando, porém, registrava de outro modo o que percebia como formidável demonstração de dignidade, e calou fundo nele, naquele instante psicológico, a resposta que recebeu à sua indagação.

Depois de falar, notando no marido uma estranha quietude interior, a se lhe refletir no semblante contemplativo e distante, Lucilla deteve-se mais demoradamente a examiná-lo, interrogativa.

– Que você tem, Fernando? Aconteceu, ou está para acontecer, alguma coisa desagradável no seu serviço?

A resposta demorou a vir, acendendo no olhar de Lucilla uma chama de alerta em relação às reações do sempre imprevisível Fernando.

Ele, porém, percebendo isso, ainda a observava, pensativo. E, descansando os cotovelos sobre a mesa e o rosto entristecido nas mãos, não se animou a causar na esposa qualquer alteração emocional que lhe prejudicasse o bom andamento da recuperação da sua saúde.

Chegou a gastar um breve intervalo cogitando se não seria o caso de abrir-se com ela, com aquela mulher tão extraordinariamente cônica dos seus compromissos, como mais uma vez ela dera provas de o ser. A serenidade com que ela conduzia aquele diálogo quase o compeliu a isso – ao que, provavelmente, seria o momento mais leal e consciente daquela convivência de quase vinte anos.

Algo, porém, o impediu; fosse a covardia e o pejo de si mesmo, fosse, no fim das contas, o sincero zelo com o estado de saúde de Lucilla, o fato é que

apenas acabou respondendo, em tom reconfortador, deixando passar o minuto, e, com esta atitude, surpreendendo-a, mais uma vez.

– Não, Lucilla; nada de desagradável está para acontecer... – Ele esboçou leve sorriso. – Não mais... Está tudo bem!

Lucilla examinou-lhe detidamente o íntimo; e, sem saber por qual razão, lhe parecia que um peso enorme deixara o marido naquele instante, e que uma leveza súbita, perene, apoderara-se-lhe do espírito.

A isso, então, sorriu também, levemente, entre incerta e bem impressionada.

## XVIII

### ***Duas Épocas, Dois Desfechos***

Marcus foi buscar um preocupado Caio Fábio entretido, àquela hora, em assistir ao esplêndido pôr do sol da linha de uma das praias mais lindas do Rio de Janeiro, quase deserta naquele momento.

O antigo legionário romano sabia o motivo do amigo se encontrar naquele estado d'alma, e por isso vinha respeitando, nos últimos dias, a sua acentuada quietude e necessidade de isolamento.

Caio havia assistido, do lado invisível da vida, ao lado de Lucilla na copa do apartamento, e em tensa ansiedade, àquela importante palestra entre os esposos. E, embora inegavelmente o agradasse o desfecho favorável ao fim do diálogo, não pôde se furtar, por outro lado, ao efeito costumeiro do ciúme, a ferretar-lhe o orgulho de homem, cioso daquela que considerava como a sua esposa espiritual, e daquele que representaria sempre um filho caro ao seu coração.

Desejava o fim do sofrimento de Lucilla; mas, ao mesmo tempo, uma insuportável sensação de que empurrava para as mãos de um adversário a sua felicidade não o deixava.

Marcus o advertira reiteradamente de que se achava iludido nas suas considerações sobre isso. Esperasse e confiasse. Fê-lo ver que a sua louvável dedicação integral de alma àquilo que considerava justo e certo, como sempre, viria na hora certa confirmar que, no final, a melhoria das coisas era o que lhe estaria destinado.

Homem habituado a dar crédito apenas a resultados que lhe confirmassem os prognósticos, no entanto, Fábio limitou-se a ouvi-lo, calado e sério, preferindo não tecer considerações, nem mentir que se sentia melhor a respeito.

– Está na hora, general Quinto! Vamos à sua última sessão regressiva!

Voltando-se do deslumbrante panorama à frente, as brisas frescas do mar agitando-lhe suavemente os cabelos alourados, Fábio esboçou um sorriso contido e pouco animado.

– Sabe, Marcus? Não sei porque, este nome, pelo qual você acaba de me chamar, não me provoca mais o orgulho desmedido que sempre nutri por ele antes, durante todo este tempo!

– Talvez porque um novo tempo esteja começando para você, Caio, exigindo também, da sua parte, uma renovação íntima. – Insinuou Marcus, com jovialidade.

O sorriso do amigo se expandiu apenas por uma fração. E, cruzando as mãos atrás das costas, ele se pôs a acompanhá-lo ao longo da linha da praia, caminhando devagar.

– Quem sabe, não? Que surpresas estarão reservadas para mim hoje, na travessia do “túnel do tempo”?

– Fatos que vão arrematar a sua compreensão das coisas, amigo! – Marcus bateu-lhe nas costas, com familiaridade. – O desfecho... O desfecho...

∞

Chegando à noite em sua residência, Sheila recebeu das mãos do porteiro uma correspondência sem remetente, e a examinou, intrigada, abrindo-a tão logo entrou e fechou a porta da sala.

Assim que percorreu as primeiras linhas, largou-se pesadamente no sofá, lívida.

“Sheila; permaneça no seu cargo no setor da presidência da empresa, e disponha como quiser do meu. Entrego-o, neste momento, porque prefiro a paz de espírito.

A tempo, percebi que alto seria o preço da minha permanência e ascensão profissional ao seu lado: esmagador, insuportável, nada menos que a minha submissão absoluta aos seus desígnios desenfreados, que, uma vez desencadeados na tua mente doentia pelo teu autoritarismo férreo, pisam e tripudiam de quem quer que se intrometa no teu caminho, sem dó nem comiseração. Hoje, um casamento compulsório, ao preço do sofrimento dos meus filhos e da minha esposa; amanhã, o que mais?

Por um tal custo, declino desta “honra”. Compreendo agora, clara e talvez tardiamente, que bastará uma diferença, um desacordo mais sério de opiniões, uma divergência que venha ameaçar a sua ascendência sobre a minha pessoa, para que se desfaça de mim, ou de meus préstimos profissionais, sumariamente, causando-me desonra e humilhação perante os colegas de serviço e diante dos meus filhos, a quem devo exemplo de integridade e caráter.

Isto vale mais do que qualquer coisa, Sheila, mas esta é uma linguagem que você não entende, porque não faz parte da sua realidade noções de pundonor e de lealdade humana. E jamais comprometerei de maneira irremediável a retidão do meu compromisso, ao menos como pai, (já que, como marido, não me julgo mais digno) para me passar a uma subserviência absoluta e ultrajante, diante de você, ou de quem quer que seja!

Está encerrada a nossa convivência. Não a rejeito como esposa, já que nunca a pretendi para tal, e disso você estava claramente ciente desde o início do nosso envolvimento. E, se ora você me rejeita como um mero técnico, isto, para mim, já não faz mais diferença.

Tenho, pois, a consciência apaziguada.

Eis tudo!

Fernando Aquino.”

Foi esta a carta que pôs termo ao drama da família Aquino, após a semana de prazo imposta por Sheila, recurso do qual Fernando lançou mão, em lugar de um entendimento pessoal, devido a temer em si mesmo a fraqueza diante da ascendência poderosa que reconhecia exercer, aquela mulher, sobre o seu estado de espírito e atitudes.

Depois disso, não mais se avistaram. E, de início tratado no setor de trabalho com gélida frieza pela mulher altiva que não admitia derrotas, cedo se fez sentir o peso da sua vingança: um mês depois, Fernando se viu sumariamente demitido da empresa, sem justa causa, apesar do que, não se animou a mobilizar recursos judiciais que lhe assegurassem os direitos. A paz familiar que desfrutava então o indenizava de tudo – considerava – e, tendo currículo vasto e larga experiência profissional, foi introduzido, sem maiores dificuldades, pela própria Lucilla no setor apropriado da firma onde trabalhava, com cargo promissor.

Ela nunca questionou as razões exatas daqueles estranhos acontecimentos; nem insistiu, por intuição, quando ele fez comentários superficiais e insuficientes a respeito.

Mas, se não se pode dizer que passaram a usufruir, desde então, ventura conjugal completa, pelo menos a harmonia do ambiente familiar foi suficientemente restabelecida, devolvendo a calma necessária às lutas do cotidiano e às vidas das crianças.

∞

Pela última vez o visor regressivo mostrava a Caio a longínqua Roma dos Césares, palco dos últimos episódios a serem exibidos sobre a trama particular da sua vida.

A morte do general Fábio Quinto, admirado pelos amigos e estimado por todos os familiares, e pelo próprio Júlio César à conta de um filho, causou estupor em toda a Roma, que por várias semanas entregou-se a porfiada azáfama de comentários os mais díspares sobre as possíveis causas da tragédia. E foi com honras militares da mais elevada distinção que foram efetuados os seus funerais, com a presença do imperador em pessoa, que empurrou para depois, abalado com o peso da funesta notícia, a intrincada sequência de intrigas e questiúnculas que lhe chegaram de forma embaralhada ao conhecimento, acerca dos motivos daquele lamentável acontecido, por intermédio de pessoas introduzidas à sua presença não só por Ciro, apressado em apresentar as suas acusações infundadas, na intenção de denegrir a imagem do general. Mas também por Fabrício, e pelo pretoriano

Marcus, empenhados em expor ao soberano dos exércitos romanos a versão verdadeira das ocorrências.

Lucilla caiu doente, delirante, sem mais se levantar do leito, que a recolheu pela última vez, até que, após vários meses, com Lívia e os pais velando à sua cabeceira dia e noite, ora chamando pelo filho em aguçada aflição, ora falando incompreensivelmente com Caio Fábio, como se o visse ao seu lado<sup>(18)</sup>, finalmente pôs fim voluntário à vida, numa madrugada em que, durante uma rara distração da dama, adormecida desprevenidamente pelo cansaço extremo da vigília, serviu-se de um estilete sírio com cabo de marfim para cortar o fio vital que lhe corria, já debilmente, pelos pulsos transparentes e frágeis.

Um verdadeiro horror apoderou-se da família do senador com este acontecimento. E, enquanto Valéria tresloucava, desvairada diante da perda da segunda filha, remoída de remorsos pelos enganos do passado praticados em comum com o marido e que ajudaram a conduzir a jovem àquele desfecho fatal, o descendente único de Caio Fábio ficou definitivamente entregue à proteção dos avós, orfanado de pai e mãe, e recebendo, amiúde, a visita de Ciro, que requisitava furiosamente a sua guarda ante as autoridades, no intuito único de desferrar no menino inocente a sua gana sequiosa de vingança e de crueldade insaciável. Pois maltratava-o sempre que surgia a oportunidade, tendo em vista que, legalmente, a criança continuava como sendo seu filho.

Somente o robusto senador conseguiu manter intacta a fibra diante daquela série de fatalidades. E, após o período em que tentou se restabelecer da perda brutal da filha, – e, de resto, inspirado pelo desesperado general Fábio, a velar do invisível como cão fiel os dias de seu filho, por todos os minutos, – bem como antes que a tragédia final se desencadeasse sobre o pequeno, ele deliberou buscar diretamente as autoridades em audiência, para expor-lhes sucintamente os fatos, sob o testemunho inatacável do pretoriano Marcus, a fim de requerer a tutela definitiva do neto, que se via em todos os dias com a vida ameaçada.

Fiel ao bom conceito que aprendera a sedimentar a respeito de Quinto, um de seus principais generais de legiões, com o passar dos anos e do seu serviço leal até ao sacrifício, Júlio César, em colocado ao corrente dos acontecimentos, mobilizou energicamente influências, e fez mais do que entregar ao probo senador Fabrício a guarda definitiva da criança.

<sup>(18)</sup> E eu, de fato, lá me encontrava, inarredável, acompanhando-lhe os episódios deste capítulo amaríssimo de nossa jornada em comum, nesta vivência física em particular, e mergulhado no mais absoluto desespero, ao me empenhar incansavelmente no esforço de roubá-la ao ensandecimento temporário no qual o excesso de sofrimento a lançou, abatendo-lhe irremediavelmente o espírito frágil. (Nota do autor espiritual)

Sobravam-lhe provas e testemunhos, nos últimos tempos, dos desregramentos verdadeiramente ensandecidos do seu batedor. E, embora sob a ira de Décio e o rompimento de relações definitivo de Blandina com a sua esposa, afastando a família Magno da intimidade das suas relações, César depôs Ciro de sua posição, deportando-o para obscuro cargo subalterno perante autoridades de uma afastada província romana, porque o queria longe das suas vistas.

Assim, diante desta decisão, de nada valeram as interferências de autoridades e áulicos simpáticos a Ciro, nem as mentiras ardilosamente espalhadas por Décio na sociedade a respeito da pessoa de Fábio. Júlio César, farto daqueles boatos, intimou-o pessoalmente a por fim às intrigas, sob a pena de ser ele também expulso e deportado, a título de punição passível para qualquer militar da reserva, com toda a sua família, para as regiões da Judeia.

Afirmou, categoricamente, ser de peso suficiente, a seu ver, a palavra de um dos mais íntegros políticos do senado, qual o senador Fabrício, e a do pretoriano mais próximo do finado general, valendo isto, por si só, de atestado suficiente para lhes legitimar os testemunhos. E encerrou acrescentando, taxativo, que diante de tantos assuntos políticos mais graves em plena efervescência, não admitia meter-se em acréscimo de diferenças com o senado, afrontando-lhe um dos membros mais eminentes, em decorrência de questões familiares de segunda ordem, cujas origens não eram nem mesmo dignas de um exame mais detido da sua parte.

Do invisível, profundamente aliviado por ver resolvido aquele problema, que o martirizava todas as horas desde o seu passamento, Caio pôde voltar-se integralmente para a sua luta do momento, que era a tentativa febril de proteger e resgatar Lucilla do meio espiritual sombrio no qual foi ter, atormentada, após o gesto alucinado que lhe pôs fim à vida física.

Não foi tarefa leve nem fácil. Às dele, haviam aliado forças amigos seus, das dimensões invisíveis, bem como antigos familiares que o receberam na hora do retorno. E, no instante do suicídio, transtornado, Fábio sucumbira ao pranto, ao ver baldados todos os seus esforços em favor da recuperação moral da companheira amada. Todas as vigílias, toda a luta empreendida no sentido de manter Lucilla, pelo menos, ao lado do pequeno Octaviano, apelando para esforços energéticos indescritíveis, a fim de auxiliá-la na recuperação da saúde física e da lucidez.

Mas o peso do sofrimento fora demasiado sobre aquela constituição espiritual vulnerável, já fragilizada pelas dificuldades ríspidas que suportara naqueles mais de dois anos de inferno conjugal.

Vendo arredado de si para sempre aquele que tinha como metade da sua alma, companheiro de vida insubstituível, eliminado daquela forma crudelíssima bem diante de seus olhos aterrados, o espírito de Lucilla sofreu como que uma ruptura irreversível do corpo físico, para o qual não queria mais

voltar, tal o terror que este retorno representava, com as realidades impiedosas que teria que enfrentar.

Quando, por um momento de melhoria das forças físicas, o fez, foi apenas para providenciar obsessivamente a sua partida definitiva, sem ter como perceber ao seu lado, mergulhada como estava nas camadas vibratórias mais baixas da materialidade, a luta tremenda de Caio Fábio a lhe suplicar, desesperado, que o visse por um minuto que fosse, que se acalmasse. Que não abandonasse nas mãos do monstro enlouquecido a criança gerada pelo amor deles dois, agravando-lhes, perante os deuses, as falhas de responsabilidade pela vida daquele anjo que fora confiado a ambos. Isto porque, já habitando a vida verdadeira, Caio podia ver claramente quanto haviam sido cegos e egoístas, ao comprometerem por aquele modo o futuro do menino, em razão de não saberem abafar em si mesmos arroubos de ódio e de vingança pessoais.

Houve que ser suportado longo prazo, até que os fluídos vitais, programadas para aquela reencarnação, se esgotassem no perispírito de Lucilla. E, como se fizessem inúteis as suas intervenções energéticas no sentido de arrancar a companheira do seu estado mental e espiritual deplorável, que a chumbava irreversivelmente ao astral mais baixo e condizente com a sua condição depressiva e baqueada pelo mais agudo remorso, Caio Fábio houve por bem, num esforço heroico, baixar de forma drástica a sua frequência espiritual<sup>(19)</sup>, sob a orientação e amparo de seus Instrutores e amigos da espiritualidade. A finalidade única era a de situar-se ao lado da moça para protegê-la, de maneira perceptível aos seus sentidos em desequilíbrio, e no que fosse possível, e depois resgatá-la daquele meio adverso, enfim.

Desde então, por trinta anos terrestres consecutivos, o diligente Caio Fábio tornou-se um companheiro inseparável, velando, defendendo e amparando-a contra os ataques ameaçadores dos infelizes entes das sombras.

Conversava amiúde com Lucilla. Aconselhava-a, usando do mesmo carinho amoroso com que sempre a tratava, e recebendo regularmente instruções de amigos espirituais de esferas mais depuradas, e autorizações de seus guias para a dilação de tempo necessária à consolidação daquela missão, caracterizada por indescritível renúncia de ordem pessoal.

Dentro do seu amor sem limites por Lucilla, sua única obsessão era retirá-la, finalmente, daquelas paragens escuras de sofrimento, acusando-se sempre

<sup>(19)</sup> Na verdade, o que se realizou foi uma adaptação do perispírito aos padrões vibratórios mais densos, que me permitissem um acesso à percepção da personagem em questão, de vez que, em completo estado de desequilíbrio espiritual, não lhe seria possível, nestas condições, sutilar suas próprias energias o bastante para colocar-se em contato visual satisfatório comigo. (Nota do autor espiritual)

como o causador de uma fatalidade que, assegurava, a companheira não teria merecido enfrentar.

Queria levá-la para as estâncias de repouso e recuperação de *Elysium*<sup>(20)</sup>, o lugar na espiritualidade que o acolhera na sua passagem, e destino de ambos a cada retorno da vida física. E, com este objetivo inarredável, não fraquejava, de dentro da sua usual pertinácia, a despeito dos tropeços e dificuldades atemorizantes do astral que os circundava, e do fato de que, apesar de Lucilla reconhecê-lo, e aceitar-lhe enternecidamente o concurso, encontrar-se inteiramente perturbada, oscilando entre a consciência e a alienação, e presa, a maior parte do tempo, à visão das cenas pungentes do combate com Ciro que lhe tirara a vida, à hora da sua morte, e à de seu suicídio; e, por vezes, aos prantos, pondo-se a clamar desesperadamente pelo filhinho que entregara, ensandecida, a destino incerto.

Mas nos seus momentos de maior lucidez, contudo, Caio a reconfortava e instruía. Transmitia-lhe segurança.

Estariam sempre juntos. Não demoraria muito a hora em que, enfim, a levaria para um lindo lugar de refazimento e repouso – dizia-lhe, amoroso, insistentemente – mas, para isso, no entanto, fazia-se necessário o seu esforço na própria recuperação.

Pedia-lhe que entregasse aos deuses os móveis dos seus atos e seu julgamento. Que formulasse na mente novos horizontes. Combinariam outras coisas para realizarem juntos. Nada poderia separá-los, já que se amavam. Suplicava-lhe, portanto, que esquecesse o passado, pois o filhinho, certamente, já se achava amparado por mãos amigas e pelos deuses; e, quanto a eles, refariam o destino unidos.

Lucilla ouvia aquelas coisas aconchegada em seus braços, comprimindo-se contra ele como criança assustada, naquelas paisagens ermas e sombrias. Sob a força daquele encorajamento, não obstante, lentamente uma nova aragem fresca começou a purificar-lhe o campo mental, renovando-o, e impelindo-a à esperança e à recuperação gradativa da lucidez.

Cobrava vigor espiritual, e a presença irremovível de Caio devolvia-lhe a segurança, a memória, o curso correto das ideias, e, sobretudo, a certeza de poder contar com uma alma amantíssima, que lhe testemunhava um sentimento poderoso e inextinguível; e que haveria de transmitir-lhe eternamente encorajamento e motivação para viver, para seguir em frente e enfrentar os desafios.

<sup>(20)</sup> Até hoje, permanece esta colônia espiritual com este nome poético e alusivo às crenças da antiga Roma, quando aportávamos às suas paisagens de repouso convictos do ingresso no *Elysium*, porto de descanso para além da morte física, dos heróis e dos eleitos dos deuses pagãos. (Nota do autor espiritual)

Recolhida, enfim, pelo exultante Caio Fábio a *Elysium*, convalescente, passaram gradativamente a reformular planos, a se instruírem, na medida em que também os outros personagens da trama das suas vidas a eles se reuniam, de retorno.

Repousaram, refizeram projetos. E o casal usufruiu, deliciosamente, por um dilatado tempo, da atmosfera espiritual a que fizeram jus, depois de todos os sofrimentos e lutas, recompondo forças e esperanças.

Dobaram-se séculos após estes acontecimentos, com alguns retornos à aprendizagem da vida física, onde puderam recriar, com maior sabedoria, as facetas da sua própria existência, contando com periódicos intervalos para repouso no mundo espiritual, até que atingissem, finalmente, o presente capítulo das suas jornadas, passado nos últimos séculos da época contemporânea. Os derradeiros lances de um sofrido drama havido em torno de um triângulo amoroso, reencenado século após século até então, de permeio à infinidade de lições adjacentes e vitais ao despertar pleno da nossa consciência para as luzes maiores do universo.

## XIX

### ***No Elysium***

– Caio Fábio...

Outro esplendoroso pôr do sol se estendia para além do infinito campo de girassóis.

Como aquelas magníficas flores, sob o vento fresco do fim da tarde, o antigo general pretoriano ali se encontrava, contrito e imerso em seus pensamentos, enquanto contemplava, enlevado, o espetáculo da natureza à sua frente.

Vinte anos haviam se passado após os acontecimentos desta narrativa e, durante este tempo, o incansável Fábio mantivera-se atento à jornada da sua companheira espiritual, incentivando-a diariamente, apoiando-a nos eventuais desafios, e colaborando para a harmonia familiar, enquanto usufruía da incomparável ventura de poder sempre encontrá-la nos seus desligamentos físicos periódicos, enquanto aguardava o reencontro final.

Ele se achava ali, naquele instante, apaziguado, sereno, e dominado por indescritível enlevo d’alma, esperando o momento daquela ventura indescritível, há tanto tempo desejada.

A companheira estava em vias de retorno, e viria ao seu encontro, tão logo chegasse a próxima alvorada.

Mas aquele chamado insólito o surpreendeu e aturdiu. Conhecia aquela voz. Era de alguém que já retornara ao mundo espiritual anos antes, prematuramente, em virtude dos excessos a que se entregara em vida pelo vício do álcool.

Voltou-se e, admirado, deu com Fernando à sua frente. Um outro Fernando – notou, logo à primeira vista – diferente daquele de há uns dez anos antes, de vez que não estabelecera com ele proximidade excessiva depois da sua passagem. Apesar de ter colaborado de boa vontade e diligentemente no seu desligamento, outros, mais seus afeiçoados, se responsabilizaram por ele na colônia.

– Fernando?! – Ele redarguiu, após certa hesitação, durante a qual não soube bem o que dizer, nem conseguir entender o motivo da presença dele, justo naquele momento.

No entanto, havia uma modificação tão gritante na postura externa e interna do outro, que não ensejou-se tensão no seu estado de espírito.

– Sim. Sei que lhe causa estranheza a minha presença. Entretanto, estou de partida. E não poderia ir sem falar com você! É de suma importância, e me

preparei longamente para este momento! – Fernando aduziu, ensaiando um sorriso tranquilizador, porque notava o aturdimento profundo no semblante do antigo adversário.

Caio aproximou-se uns passos, as mãos cruzadas atrás das costas. O silêncio reconfortante do cair da tarde, banhado pela luz dourada do poente naqueles campos desertos, parecia como que abençoar aquele momento, induzindo-os a um entendimento pacífico e salutar.

– De partida? Para onde?

– Para me instruir! Preciso aprender, Fábio! Agora tenho sede disso, mais do que de tudo, para que, por cegueira e desconhecimento das Leis que regem a imensa engrenagem da vida, eu não incorra mais nos mesmos erros!

Olhando-o, Caio notou-lhe a seriedade incontestável. E chegou a sorrir também, levemente, desarmando-se um pouco.

– Sempre haveremos de desconhecer uma coisa ou outra. A jornada é infinita... – Observou – Por isso, relaxe, e realize os seus planos eximindo-os de ansiedade...

– Sim. – Assentiu, Fernando. – Agora posso relaxar, porque estou mais consciente, e posso ver melhor. Passei por várias sessões regressivas<sup>(21)</sup> desde que aportei aqui, de retorno, e muito aprendi com os meus amparadores. É por isso, Fábio, que tive que procurá-lo antes de ir embora; precisava agradecer-lhe, e me redimir por umas tantas outras coisas!

Novamente Caio demonstrou surpresa. Mas a seriedade com que Fernando lhe dizia aquelas coisas desautorizava-o de desacreditar do que presenciava.

– Não te compreendo... – Foi a resposta, cautelosa e sincera. – Que pode você querer me agradecer?

Fernando parecia mergulhado num esforço sincero de cordialidade, ao tomar fôlego para prosseguir. Lia-se humildade, e um amadurecimento inédito, naquela alma anteriormente tão empedernida e resistente a uma revisão justa de si mesmo e das próprias atitudes.

– Não vim até aqui para enganar que já me acho pronto a vencer, porventura, situações na materialidade do orbe que viessem a me expor ao mesmo gênero de provas, no que envolve o enredo que diz respeito a nós três, Caio. Hoje, tenho plena consciência do que me cabe ainda trabalhar na minha própria melhoria, e lhe asseguro, sem pejo, que não é pouco! Mas reví tudo o que aconteceu, desde Raptah e Eritrus, passando pelo general Quinto e Ciro Magno, até a minha última vivência física. E, apesar de todos os pormeno-

<sup>(21)</sup> Estas sessões regressivas, a que várias vezes se alude nesta narrativa, nada mais são do que as bem-vindas reuniões a que todos nos submetemos com amparadores, guias, familiares e amigos na vida maior, com o fim de análise lúcida das nossas realizações e de refazimento de planos para o futuro, com base nas nossas aquisições progressivas no terreno da nossa própria evolução. (Nota do autor espiritual)

res do que nos aconteceu, a você, a mim e a Lucilla, devo admitir: o teu amor por ela é o verdadeiro, é o meritório! É maior do que o que eu sou capaz de sentir! Muito poucos iriam tão longe, e fariam por alguém o que você empreendeu por amor a esta alma! *Eu* não iria tão longe. – Confessou – Reconheço-me fraco e, repito, ainda arrastado demais por interesses de ordem transitória. Por isso lhe digo, Fábio. E fiz questão de vir até aqui para falar, e para tentar, ao menos, começar a colocar um fim a um engano desastroso, que nos comprometeu por séculos: Lucilla é tua, por mérito! Ama-o também, com a mesma intensidade, e com justiça, porque você tem sido o guardião espiritual que lhe segue desveladamente os passos! Graças à tua influência, o meu relacionamento mesmo com ela, antes difícil e tormentoso, quase impossível, cheio de enganos e de amargura, foi burilado até chegarmos a um entendimento mais pacificado, que me permitiu compreender tudo com maior justeza! <sup>(22)</sup>

Perdido na surpresa com que o momento o colhia, Fábio como que o ouvia com a inteireza do seu ser. Esboçou leve gesto conciliatório, porque também devia admitir que não lhe era exatamente fácil lidar inesperadamente, de improviso, com aquele novo *Ciro Magno*, significativamente renovado como jamais admitiu ser possível acontecer.

– “Lucilla é minha, por mérito”? – Replicou, apenas para dizer alguma coisa, meio aéreo e perdido no raciocínio. – Admito que a nossa ligação transcende os padrões comuns, *Fernando*, mas ninguém pertence a ninguém, ainda que se levando em consideração o mérito de qualquer situação!

*Fernando*, no entanto, com um meneio, apenas prosseguiu, sem se perturbar.

Parecia muito seguro das suas conclusões, de fato. Pelo menos naquele momento.

– Graças a sua influência benéfica, também resgatei o meu elo de afeto com *Cláudio*, podendo criá-lo como filho querido, hoje meu amigo e afeto do coração, não importando mais para mim o que tenha ocorrido no passado! Queria lhe dizer estas coisas, Fábio... – Ele finalizou, em comovida entonação de voz – Acredite-me: sou-lhe grato, porque hoje *Lucilla* e *Cláudio* representam, para mim, afeições que aos poucos conquisto, pela minha purifi-

<sup>(22)</sup> É interessante observar, para clareza de entendimento, que o meu relacionamento com este personagem, efetivamente, não se desanuviou para todo o sempre a partir deste diálogo, bem-vindo e extremamente salutar para ambos, está claro – mas que não determinou uma harmonização plena posterior. Há sempre altas chances de se incorrer em recaídas nos antigos vícios de mágoas, comportamentos e de pendores prejudiciais, no que toca àquelas convivências com as quais logramos menos empatia, e no nosso caso, nos tempos posteriores, infelizmente isto não se deu de forma diferente. (Nota do autor espiritual)

cação de alma! Reconheço e vejo, enfim, que são meus amigos e irmãos em eternidade; mas que, para você, se confirmam, com justiça, como esposa e filho espirituais, na vida infinita!...

Caio ouviu-o, quedo, impressionado. Não o reconhecia; não conseguia dizer nada, tamanha a comoção de que se via possuído.

– O título de *imperato*, que certa vez você recebeu de suas tropas, foi de cunho espiritual, hoje o reconheço com prazer, Fábio! Até hoje, você faz jus a isso, agindo no invisível como o general probo do passado, em função de honra, lealdade e amor! Desejo, sinceramente, felicidades a você, à sua esposa, e ao nosso querido Cláudio! E, quando reencontrar Lucilla, transmita-lhe também estes meus votos, e a minha gratidão imorredoura por tudo que ela também fez por mim! – Ele acenou para Caio, com amabilidade, antes que este conseguisse dizer mais qualquer coisa. – Adeus! Um dia, se puder, perdoe-me pelos graves prejuízos que lhes causei! É que eu era cego; não via a luz!...

Alguns segundos se passaram, até que o paralisado Caio pudesse retomar o fio do raciocínio e acordar.

Quando o fez, no entanto, Fernando já ia distante, caminhando devagar, quase a desaparecer por entre o imenso campo de girassóis mergulhado na penumbra perfumada do início de noite.

∞

O dia amanhecia, magnífico, fresco e ensolarado.

Na extensa relva florida que encobria a colina situada numa vasta planície verdejante, no meio da qual se via lindo sítio branco a destacar-se, encantador, por entre o vasto arvoredo, Lucilla, em leves trajes claros, enfim despertou, gentilmente acomodada nos braços de Caio Fábio que, venturoso, a estreitou contra si.

Uma brisa aromática e suave investia, cariciosa, por toda a campina.

Inspirando profundamente, com delícia, Lucilla abriu os olhos, e julgou que estava sonhando.

Caio, no entanto, abriu-lhe um sorriso radioso; e, após beijá-la com paixão, fê-la sentir que se tratava da realidade.

– Seja bem-vinda, meu amor, ao nosso lar; a *Elysium*! Agora, definitivamente...

De início surpresa, ela empertigou-se, olhando em torno, confusa e incerta.

– *Elysium*? Mas...onde está Cláudio? Foi a última pessoa que eu vi antes de...

– Nosso Cláudio, um dia, virá ao nosso encontro, meu amor, e viveremos todos felizes! Por enquanto, ele continuará na sua missão, com a família

formada na Terra, criando os filhos, e aprendendo mais com as suas vivências. Mas ele virá, Lucilla. E, até lá, estará bem. Todos estarão bem... – Acrescentou, tranquilizador

Só então, ouvindo-o, aos poucos Lucilla foi coordenando as ideias, retomando o equilíbrio íntimo e a lucidez.

Puseram-se a passear, abraçados, pela estradinha florida que levava ao sítio indicado por Caio como “a nossa casa”.

Alcançando o portão, antes de entrarem, ela parou. E contemplou, encantada, os arredores, onde o esplendor da Natureza fazia-se inigualável, como se brindando-os pelo final feliz de extensa luta em prol da luz e do amor.

– É difícil acreditar que tudo passou, Caio! É como um sonho! – Entrelaçaram-se, amorosamente. – Diga-me, ainda uma vez, que agora seremos felizes! Que tudo não passou de um pesadelo!

Fábio acariciou-lhe com enternecimento o rosto, sorrindo e atraindo-a para si, num profundo êxtase d’alma.

– Tudo não passou da construção da nossa felicidade, *domina!* Agora livre, permanente! Sem nuvens! E repleta de amor!

Beijaram-se prolongadamente, sob a luz cálida da aurora.

### ***E Tudo Continua...***

Durante a trajetória de suas vidas sucessivas, constava nos planos delineados na espiritualidade o retorno de Caio, Lucilla e Cláudio ao palco terreno, constituindo a família que, afinal, é a continuidade das realizações de seus sonhos na sua esfera espiritual de origem, como um exemplo de harmonia e de entrosamento em meio aos desacertos crescentes no ambiente material do mundo, responsáveis por tantos desequilíbrios de ordem familiar.

Cogitaram de acrescentar, ao grupo assim formado, Fernando, egresso como filho querido, num coroamento das suas vidas materiais. E assim ficou estabelecida a execução deste propósito em acordo com o desenvolvimento a contento de planos outros de progresso, correndo interligados, ou em paralelo, nas vidas de todos os envolvidos.

Desta forma, em mil novecentos e sessenta e quatro, obedecendo a diversificados projetos fraternos de consolidação das forças e qualidades morais de um grupo comum, eis que nasceu no Rio de Janeiro, num bairro modesto de subúrbio, a primeira participante, empenhada em mais uma chance de renovação espiritual conjunta, atendendo ao reforço preciso de sedimentação da afetividade onde antes havia dissensões e revanchismo entre os componentes de um antigo drama.

Gradativamente, a partir desta data, eles retornariam, para as experiências delineadas de molde a comprovar, mais decisivamente, os valores sedimentados por cada um, após o tempo maior ou menor decorrido nas paragens espirituais, durante o qual se dedicaram ao aprimoramento individual em favor da vida.

Entretanto, nova e aparente separação, entre mim e a minha médium, se fazia imprescindível, para a satisfatória consecução destes objetivos.

Havia, efetivamente, de contrapeso, a consciência da nossa união imperecível e atuação conjunta. Contávamos, inclusive, com a recuperação desta consciência por parte daquela que ora reencarnaria em trabalho caracterizado, em grande parte, por abnegação, como de fato se verificaria com o passar dos anos.

Hoje, portanto, a vida de Lucilla segue de dentro de um conjunto de ocorrências que estavam desde muito antes previstas nas suas linhas gerais, contando com a minha assistência incansável do lado imponderável da vida.

Há muito a ser realizado até alcançarmos o ideal panorama de superação dos nossos conflitos. Mas *Elysium* prossegue como sendo o nosso idílio de

repouso e de renovação de propósitos, sob o amparo de Jesus e da espiritualidade amiga que nunca nos desassiste.

Lá, entre outras atividades gratificantes, instruo, atualmente, equipes de amparadores espirituais, iniciantes nas lides físicas de assistência a reencarnados. E, quando presentes, Lucilla e Thalia trabalham, dentre outras coisas, no magnífico setor de difusão artística da cidade.

Quanto a Cláudio e Fabrício, atuam nas equipes socorristas aos desencarnados que se demoram no astral mais denso, eventualmente orientando Fernando, que se inicia no mesmo tipo de labor.

Eu, Lucilla e os nossos filhos convivemos em *Elysium* permanecendo vinculados familiarmente, no sítio campestre que a recebeu no penúltimo retorno das lutas materiais terrestres, lugar situado nas esferas invisíveis acima das montanhas da Campânia italiana, local de residência do general Caio Fábio Quinto, outrora.<sup>(23)</sup>

Tudo no universo se encaminha para o equilíbrio e para a harmonização.

*Fim*

<sup>(23)</sup> De acordo com explicações posteriores do autor espiritual desta narrativa, há que esclarecer serem verídicos os fatos, integralmente, no que se refere aos acontecimentos havidos na antiguidade romana.

Estão, no entanto, modificadas circunstâncias contextuais e fatores externos das passagens acontecidas nos séculos mais recentes, e correlações atinentes a nomes, locais e costumes, para os quais se lançou mão de preciso recurso de atualização de linguagem e de referências, julgada necessária à melhor fluência e compreensão, da parte do leitor, para os acontecimentos.

Trata-se, assim, de episódios longínquos em combinação com eventos mais recentes, compondo a narração de uma história real acontecida no decorrer dos tempos idos, com desdobramentos cármicos evolutivos que, para cada um de seus personagens, estendem-se até o tempo presente. (*Christina Nunes e Caio Fábio Quinto - a médium e seu mentor*)